REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

Volume 5
2019
Anual

Goiânia – GO
Kelps, 2019

Copyright © 2019 by Academia Morrinhense de Letras

Editora Kelps
Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon
CEP 74.560 – 460 — Goiânia – GO
Fone: (62) 3211-1616
Fax: (62) 3211-1075
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS

Academia Morrinhense de Letras.
Revista da Academia Morrinhense de Letras / Academia Morrinhense de Letras (Org.) Ano 5, Volume 5 – Goiânia : Kelps, 2019.

220 p.

ISSN: 2447-1437

1. Academia Morrinhense de Letras – Revista. 2. Literatura – Prosa e Poesia. Morrinhos (GO). I. Titulo

CDU:

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2019

ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

Fundada em 11 de dezembro de 2004
CNPJ: 07.740.371/0001-59
Praça Professor José Cândido nº 679, Centro – 1º Andar
CEP: 75650 – 000 Morrinhos – GO

DIRETORIA DA AML

Presidente: Francimar Bezerra de Almeida
Vice-Presidente: Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
1ª Secretária: Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva
2ª Secretária: Leni de Andrade Oliveira Meireles
1ª Tesoureira: Cleusa Marina Silva Freitas
2º Tesoureiro: Ênio Antônio da Silva
Bibliotecário: Paulo Tárcio Martins
Editor da Revista e ou Jornal: Wander Oliveira Melo
Secretário Adjunto de Divulgação: João Orlando Luiz de Oliveira
Assessor Histórico: José Afonso Barbosa

REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS
Publicação Anual

Diretor: Wander Oliveira Melo
Conselho Editorial: Presidente – Cleusa Marina Silva Freitas
José Henrique Rodrigues Machado

Revisão: Cleusa Marina Silva Freitas
José Henrique Rodrigues Machado

Digitação: Wander Oliveira Melo
Capa: Wander Oliveira Melo
Diagramação: Victor Marques
Impressão: Editora Kelps Ltda.
Assessoria de Divulgação: João Orlando Luiz de Oliveira

HISTÓRICO DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

José Afonso Barbosa

Na véspera do Natal de 2000, tive um encontro com o Eurico Barbosa num jantar promovido pela UBE, União Brasileira de Escritores, no Restaurante Lancaster Grill, em Goiânia, onde pude conversar com ele sobre o desejo de criar em Morrinhos uma academia, nos moldes da Academia Goiana de Letras e o assunto o deixou eufórico. Ali mesmo já tratamos de alguns nomes de futuros acadêmicos, porém, o assunto foi levado em banho-maria, raramente ventilado. Em março de 2004, foi feita a primeira reunião para tratar da fundação da Academia Morrinhense de Letras. Essa reunião se deu nas dependências do então prédio da Superintendência Municipal de Cultura, ao lado da Biblioteca Pública Municipal Prof. José Cândido. Nessa primeira reunião, estava presente grande parte dos Acadêmicos fundadores e outras pessoas generosas que muito ajudaram no início da criação da Academia. Inúmeras reuniões se seguiram, até que se chegasse a um acordo quanto ao estatuto, aos patronos e aos acadêmicos que comporiam a Academia. No dia 11 de dezembro de 2004, nascia este Sodalício. No dia da inauguração oficial da Academia Morrinhense de Letras, ainda sem lugar próprio para funcionamento, utilizamos a sede social do Rotary Club de Morrinhos para a festividade, que contou com a presença de grande parte da comunidade local e o pronunciamento de várias autoridades do município e também de acadêmicos deste sodalício. Seu presidente, José Afonso Barbosa, fez o discurso de encerramento.

Nos primeiros anos da Academia, desenvolvemos vários projetos relevantes à cultura de nossa terra. Dentre eles, uma série de palestras em homenagem aos patronos de cada acadêmico.

Desejosa de mostrar a riqueza histórica de nossa gente e contando com a colaboração da comunidade de Morrinhos, a Academia Morrinhense de Letras desenvolveu o projeto "MEMÓRIA VIVA", em atividade até hoje, cujo objetivo é resgatar um pouco de nosso glorioso passado,

trabalhando com a cultura imaterial, através da história oral, uma vez que esta é responsável por manter viva a nossa história política e social, geralmente deixada nos subterrâneos do esquecimento. Algumas famílias privilegiadas de mentes, vão passando esse rico legado às gerações que vão surgindo, mantendo vivo este grande manancial histórico, deixado por nossos pioneiros, que construíram e nos deixaram de herança este imenso patrimônio cultural.

Ao longo dos anos, temos nos esforçado para cumprir a tarefa que nos cabe, qual seja, honrar e defender o nosso Sodalício em todo tempo e lugar, lutar pela nossa cultura, nosso patrimônio histórico, saindo também em defesa da língua pátria, suas cores e símbolos nacionais. Além de cumprir fielmente o seu estatuto, certidão de batismo de nossa academia, que nos guia e orienta no dever de bem cumprir os seus desígnios.

No decorrer dos anos vieram pessoas jovens, cheias de ideais, de energia e dispostas ao trabalho. Nossa Academia vislumbra um grande crescimento, um belo e glorioso futuro.

A Academia segue seus passos. O Acadêmico passa. Ela fica. Ela é a guardiã de nossas letras, nossa cultura, nosso patrimônio histórico. O Acadêmico escreve sua história. A Academia é a sua história. Acadêmico e Academia formam uma junção. Um não vive sem o outro. A renovação é constante. E, os dois juntos, acadêmico e academia, representam a sua comunidade, o seu Município, o seu Estado, o seu País.

APRESENTAÇÃO

O ato de escrever, para nós acadêmicos é como o respirar para viver. É porque corre em nossas veias uma ânsia de dizer, de contar, de narrar, de criar de trabalhar com as palavras. A revista anual da Academia Morrinhense de Letras, já em sua quinta edição, é mais um motivo para contribuirmos com o pensar, com a construção do saber, com a criatividade. Esta edição se propõe a apresentar ao leitor um misto de produção literária e artigos científicos em uma tentativa de diálogos entre autores e leitores.

Dessa forma, é que com alegria apresentamos a poesia para qualquer hora do dia ou da noite da acadêmica Carmen Lúcia e seu relato ao surgir-se renovada em viagens ao encontro de nossas origens. Logo segue a pintura e a poesia de nossa confreira Ellen Carneiro Vale, que revela um misto de realidade impressionista e universo muito amplo em cores e versos. A memória de nossa cidade, a fundação da paróquia Nossa Senhora do Carmo, a chegada de outros irmãos religiosos, o desenvolvimento da região bem como a memória de nosso coração no seio familiar é narrada nessa edição por nossa caríssima Cleusa Marina que nos dá a sensação de estarmos contando uma história em um final de tarde numa roda de conversa, pois seu texto é quase audível aos que o leem.

Segue uma homenagem in memória à acadêmica Dolores Troncoso, nossa Lolita, sua biografia feita em versos, pela acadêmica Francimar Bezerra. A professora ainda arrisca explicar a origem e a importância da alma dos professores em versos, meio que arranjados em seu estilo preferido: os cordéis.

O leitor é presenteado nesta edição com dois contos do seu Joaquim do Quinca, personagem do acadêmico Wander Oliveira Melo que nos apresenta fatos cotidianos da vida simples do campo. Da mesma forma, suas poesias traduzem costumes nossos, amor pela vida e pela terra.

Nesta edição comemorativa, Dr. Eurico Barbosa, homenageia Dorinta de Paiva, filha mais idosa de Morrinhos, exemplo de vida, de excepcionalidade, de inteligência e de grande talento.

O acadêmico José Henrique Rodrigues Machado apresenta nesta edição as crônicas do cotidiano como a Modernidade e o caos do homem, bem como, expressa seus sentimentos ao homenagear o mês das mães com o pensamento "A quem de direito uma reflexão: Mãe."; neste caminhar, resgata as tradições, analisando as folias, ao mesmo tempo presenteia o leitor com questões da vida como "As janelas e os mexericos". Tecendo uma singela homenagem ao lançamento do livro do Professor e Doutor Júlio César Meira: O forasteiro mais morrinhense que eu conheço. Instigando a concepção ao narrar as ondas odiosas e as falsas sensações no Brasil e encerrando sua trajetória com o provérbio "Falar é prata, calar é ouro!".

Nossos agradecimentos à confreira Graziela Reis que nos convida à reflexão, à renovação da fé, propondo mais justiça, mais partilha, mais vida, a partir de seus textos que surgem em poesias, pensamentos, declarações.

E não poderíamos estar mais felizes de trazer também nesta edição uma breve biografia de Maria Amabini de Moraes (D.Fiica) e sua contribuição ao desenvolvimento da cidade de Morrinhos/ GO. Escrita pelo confrade Hamilton Afonso de Oliveira, que discorre com muito zelo sobre os fatos históricos cujo envolvimento daquela mulher independente e de mentalidade à frente de seu tempo, o que permitiu o avanço em várias áreas.

O confrade José Afonso Barbosa também discorre sobre a fundação de Morrinhos, analisando fatos históricos no intuito de esclarecer os detalhes da fundação de nossa cidade, ainda quando se tornava arraial, quando aqui chegavam os pioneiros.

Segue a prosa e a poesia de Vanderlan Domingos, nosso confrade que narra genuinamente o amor, a coragem e a fé que se entrelaçam nas vidas de todos nós. Da mesma forma, o confrade Helenízio Antônio Marciano, nos lança questões sobre a vida, a política, a ética, a educação ao apresentar crônicas escritas em diferentes tempos. Ao ler cada crônica, o leitor poderá identificar o período e os fatos que inspiraram o escritor e se identificar ou não com suas ideias.

Pode nesta edição ainda, o leitor, mergulhar nos mais preciosos versos do escritor goiano Gilberto Mendonça Teles, em uma coletânea organizada com muito carinho pela confreira Nilza Diniz.

Com o mesmo cuidado, o acadêmico Paulo Tárcio Martins apresenta prosa e poesia repleta de questionamentos saudáveis para uma boa

conversa, da análise numerológica em nossa vida passeando pelos cordéis que ele tanto aprecia e reflexões cotidianas contrastando ideias nada inocentes, o escritor mostra sua paixão pela linguagem, pela arte de escrever, escancaradamente.

O acadêmico Edmo Nunes tem apreço por temas bem tradicionais da cultura popular. Nesta edição nos presenteia com o causo "Sai pra lá, coisa ruim!" um resgate à cultura interiorana. Ao mesmo tempo, é homenageado pelo escritor Enéas Athanázio, que comenta de forma enaltecedora o livro "Vidas Perdidas" segundo romance publicado pelo escritor.

A constatação de ter tido um amor incondicional e tê-lo perdido é contado pelo confrade Ênio Antônio, em poesia cantada e rimada, suave e breve como uma brisa.

A Fundação da Casa da Amizade Morrinhos Cidade dos Pomares e o compromisso de mulheres abnegadas da sociedade morrinhense é lembrada pela acadêmica Fabiana Aparecida Silva que nos apresenta o exemplo de Maria Helena Toledo e o exemplo dos rotarianos em nome do bem comum e de mais humanidade.

Em artigo científico, a confrade Fabiana Aparecida Nunes de Tolêdo nos chama a refletir sobre O Direito à Literatura e à Dignidade da Pessoa Humana à luz de fatos históricos, da legislação e do clássico Os Sertões de Euclides da Cunha.

E, para concluir a produção dos acadêmicos, nossa confrade Leni nos chama atenção para a existência e permanência do sagrado entre nós.

A segunda parte de nossa revista apresenta poesias, prosa e artigos científicos de escritores da comunidade morrinhense que merecem nosso maior respeito na arte da escrita. Nossos agradecimentos a: Beneri Rodrigues de Souza Marins, Débora Cardoso Lacerda, Professor Júlio Cesar Meira, da UEG Morrinhos, Kleuber Eterno, Marcos Manoel Ferreira, Nathaly Letticia Ferreira Gonçalves, Neide O. dos Santos Ávila – Pedagoga/ Historiadora, Paula Oliveira Meireles, Rosélica Moreira Rosa (Roseli), Nelci Rosa Moreira, e aos vencedores do Concurso "Arara Canindé".

Obrigada,

Francimar Bezerra de Almeida

Presidente da Academia Morrinhense de Letras
Cadeira 05 – Patrona – Dolores Troncoso Chaves

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: ACADÊMICOS

Percepções 19
Corações 20
Renascer 21
Melodia 22
Portugal e o nosso Brasil 23
Pais e Filhos 25
Pais e Filhos 26

"Ascensão" Óleo sobre tela, autoria de Ellen Carneiro Vale 27
Ascensão 28
Eu, Artista 29

175 anos da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos 31
Coração Largo 33

In memoriam a Dolores Troncoso (por Francimar Bezerra) 35
Professor, Alma querida 38

Os Seis Tiros na Porta 39
Garrafão de Ouro 40
Vida Simples 41
Terra Nossa 42

Lembrando Dorinta de Paiva 43

A Modernidade e o caos do homem. 45
A quem de direito uma reflexão: Mãe. 48
As folias em análise 49
As janelas e os mexericos 51
Júlio César Meira: O forasteiro mais morrinhense que eu conheço. 53
As ondas odiosas e as falsas sensações no Brasil 55
Falar é prata, calar é ouro! 56

Momento decisivo 59
Olhar um para o outro 60
Girar 61
Prólogo 62
Os Dez Haicais 63
Ser autêntico 65

Breve biografia de Maria Amabini de Moraes (D. Fiíca) e sua contribuição ao desenvolvimento da cidade de Morrinhos-GO 66

Reflexões Sobre a Fundação do Arraial de Nossa Senhora do Carmo 77

Mulher amazona e a máquina do tempo 86
Morrinhos, minha Pomares 89
Minha pequenez diante do universo 90
O tempo passa, o tempo voa... 90
O sol da vida 91
O porquê eu criei um blog 91
Conversando com o coração 92
O menino, o diabo e o Presidente 93

Exemplo a ser seguido... 95
O amor é o alicerce da vida familiar. 96
O Brasil precisa de um presidente... 97
O ensino está falido. O professor idem 99
O vício do poder 100
D. Ordália, muito obrigado! 102
Digam-me, com sinceridade, o que pensam os políticos do Brasil? 103
Edifício José Chaul – reforma de um símbolo Morrinhense 106
Um presente dentro de saudades eternas... 108
Luiz Mário Guimarães de Azeredo, uma amizade sincera! 109

Montagem de textos poéticos de Gilberto Mendonça Teles 112

3 ou 7? 116
A Mentira da Verdade 118
A quase inaceitável transição do Você para o Senhor 119
Amor estranho amor 121

De qualquer jeito 122
Gramática do amor 124
Hoje 125
Me acordem, por favor! 125
Mensagem de aniversário 127
Meus semelhantes 128

Sai pra lá, coisa ruim! 131
Vidas perdidas 134

Dionízia... 136
Mudar o Brasil? Só por meio da educação 137
Recrudescimento das liberdades 138
"O professor Nion" 140

Mulheres a serviço do bem 141
O Ano Rotário do Ano 2014/2015, nos convidou a ser Luz 142
O Tema Rotário 2016/2017, começa com Rotary a Serviço da Humanidade 143
Lúcia Silveira! Como é bom receber você em uma noite tão Festiva!! 144
Novo Ano Rotário!! Outra História a ser Contada!! 145
O direito à literatura e à dignidade da pessoa humana 146

Miguel, meu neto, meu anjo 175
Os caminhos da Educação 176

SEGUNDA PARTE: ESCRITORES MORRINHENSES

Ser criança 179

Quem me dera 180

Sobre cultura e patrimônio histórico novamente: escolhas e visões de mundo 181
Fundação e emancipação de Morrinhos: a festa do centenário e as narrativas da origem 183

Fuga e refúgio 187
Melancolia 188
Inconsequência 188

A borboleta que pariu uma mula. O surrealismo da vida.....189
O asno rugiu e a coruja emudeceu.....190

Por uma defesa do ensino de literatura na escola pública 193

O bicho de calças.....209
O sapo e a onça.....210
O Céu chuvoso.....211

Se parece com quem?.....212
E ele estava lá… 213

Mistério de uma Gota.....215
Para que pensar, se tenho celular.....217

Resultado do Concurso "Arara Canindé"
Categoria Cordel.....219
Categorias Haicai e Desenho 223

Revista da Academia Morrinhense de Letras
Volume 5 – 2019 – Anual

PRIMEIRA PARTE

ACADÊMICOS

PERCEPÇÕES

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
Cadeira n° 2 da AML

Mais um dia, mais um, e outro dia.
Isso, canto dos passarinhos, o céu azul,
Borboletas a bailar, sombras grandes e pequenas.
Aquele livro aberto, poemas, palavras ditas, suaves.

Sim, palavras de amor.
Entre flores, voam os beija-flores.
E as folhas verdes, de passagem, brilham.
Digamos que as palavras são adivinhadas ou só pressentidas...
Por isso brilham como as folhas orvalhadas.

Mais um dia, mais um, e outro dia.
Sabiás, canários e pardais que chilreiam em alvoroço.
Folhas que brilham, flores que perfumam,
beija-flores que voam,
borboletas que bailam,
palavras doces que estão a vagar.

CORAÇÕES

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
Cadeira nº 2 da AML

Se os corações falassem,
Falassem ausentes de dor,
Viveriam juntinhos, em silêncio,
Só em toques de amor...
Aqui, ali , acolá...

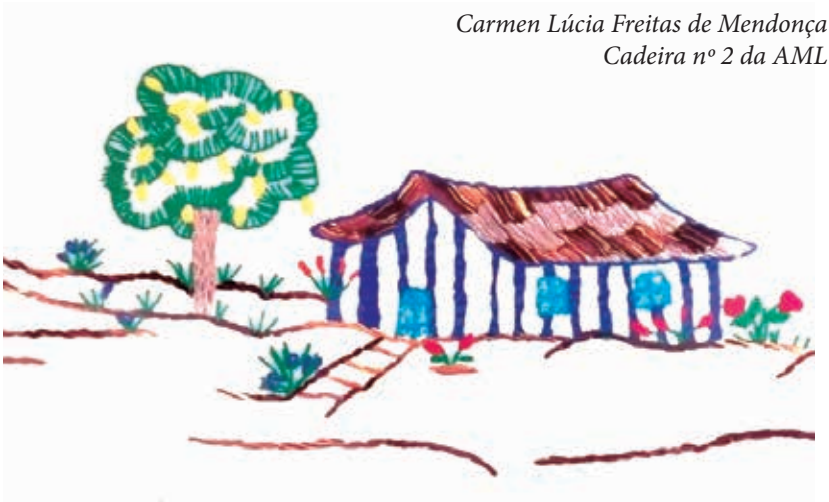
Ah, se eles falassem baixinho,
Segredos de encantar,
Sobre a terra existiria
Só alegria no ar.
Aqui, ali , acolá...

Mas, corações sofrem
Paixões e perdas como ninguém,
Às vezes nem eles sabem
De onde as dores vêm.
Aqui, ali , acolá...

Poupemos os corações,
Eles são órgãos de vida e luz,
Vivem do lado esquerdo, com os amigos,
Que nos livram das peripécias e da cruz.
Aqui, ali, acolá...

RENASCER

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
Cadeira nº 2 da AML



O fogo, ou o lume brejeiro
da casa sobre o monte.
De uma coisa pequena,
de qualquer coisa.
Onde o coração pulsa,
a água jorra,
a plantação cresce.
Araras voam, buscam pouso
pra adormecer.
Uma flor solitária
longe do lume
pede luz pra viver.
E o sol que é vida,
orgulho e fortaleza,
aquece a casa sobre o monte,
o coração que pulsa,
as araras que voam
e a flor que vai Renascer...

MELODIA

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
Cadeira nº 2 da AML

E o lindo canto, rompe a
escuridão.
Ouço, vem de longe, de outro lugar.
Quem sabe é a semente
da paineira,
Ou plumas que esvoaçam
pelo ar.
Ou riso de uma criança,
ou voo de um colibri.
Alguma coisa que ninguém
percebeu,
Sequer repararam na melodia
serena,
No sopro quente do vento
que passou leve,
E agora, demora, um pouco
mais.

Será efeito do sol ou da
lua que vai
apontar?
No resto dos dias... que
o canto vai perdurar.

PORTUGAL E O NOSSO BRASIL

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
Cadeira n° 2 da AML

Viajar para outro país, que também se identifica com as nossas raízes, é, incondicionalmente, emoção que em nosso corpo vibra, misteriosamente.

Duas bandeiras, a nossa e a de lá, Brasil, Portugal, dos "Pastéis de Belém", do "Bacalhau na Broa", do "Azeite Trás-os-Montes" e do Vinho sobre a mesa... e da ... *Lisboa, velha cidade / Cheia de encanto e beleza / Sempre a sorrir tão formosa / E no vestir sempre airosa / O branco véu da saudade / Cobre o teu rosto linda princesa...*

Em Portugal, as lembranças afloram e, muitas vezes, não sabemos explicar porque isso acontece, talvez pelos nossos antepassados que ali viveram e construíram a história de um País Navegante que desbravou mares, enfrentou tormentas para ir longe, muito além de suas fronteiras. Como bem diz Camões em, *Os Lusíadas,* da "Ocidental praia Lusitana, Por mares nunca dantes navegados"...

Um esplêndido poema épico que o imortal poeta invoca as musas do Tejo e o dedica ao rei D. Sebastião, cantando a bravura dos portugueses.

Este ano fomos por lá, uma oportunidade de rever aquela nossa segunda pátria que também é muito amada, Portugal.

Com destino à cidade Viana do Castelo, no XIX ENCONTRO de CINEMA – 8ª Conferência Internacional de Cinema de Viana – ao norte, que é um espaço de reflexão e de partilha de experiências visando a construção de uma comunidade internacional de interesse e de divulgação de projetos relacionados com duas temáticas centrais do cinema – cinema e escola: arte, ciência e cultura.

Vivenciamos momentos muito enriquecedores, a Profª Drª Luiza Pereira Monteiro docente da UEG – Campus Anápolis e Morrinhos, e eu UEG – Câmpus Morrinhos, compartilhamos com outros brasileiros e brasileiras, eventos culturais, que enalteceram nosso país e nossas Universidades Brasileiras.

Apresentamos uma análise fílmica, da animação Vida Maria (2006), do cineasta Mário Ramos, cujos resultados no filme assemelham-se à vida real, das mulheres pobres que vivem no semiárido nordestino.

Para nós, foi uma experiência fantástica que nos abriu horizontes para futuras participações, ultramar.

Fomos, atenciosamente, acolhidas pelos professores portugueses, organizadores do evento e tivemos oportunidades de confraternizar com eles e com os brasileiros que lá se encontravam... "Bacalhau na Broa e Vinho sobre a mesa"...

E a vista da pequena e pitoresca cidade da Viana do Castelo, se postou em nossas mentes para sempre. Trouxemos para o Brasil uma lembrança, um Coração Vianense, artisticamente bordado pelas artesãs de lá.

Uma peça rara que, com certeza, será apreciada pelas artesãs de cá, do nosso amado Brasil.

PAIS E FILHOS

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
Cadeira n° 2 da AML

J N RIO
R EMO I
JERÔNIMO
Ô O
N
I IR
MORENO
OIE I
I Ô
N
RIO
E
I

T TIA
I I
G TIAGO
GOTA IAGO
TIAGO
O O

L
U
LUANA
LU
LUKAN
LUKAN
U ANA
LUA
U

L A
LUCAS
C A
CASA
S S
SAL
LUA
U
A
U

Poesias Concretas

PAIS E FILHOS

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
Cadeira nº 2 da AML

A
LA RA
LAR R
RARA A
I R
SAIS A
S
LA IS
A S
RIR A
R

A
ANA
AMANDA
AMA A N
A N D
D D A
DAMA A
A

TEM
ATA
T
MATEUS
E E U
U U SA
S
S
U
S
TUA
A

MIA
MARIA
R
RIA
A
M N
ANA
AR
I
AMAR

Poesias Concretas

“Ascensão” Óleo sobre tela, autoria de Ellen Carneiro Vale.

ASCENSÃO

Ellen Carneiro Vale

Aqui estou, caminheira que sou, de uma estrada sem fim.
A vida é um hino, poesia, romance a desfrutar; um poema.
Nesta jornada estou dando meus passos, galgando, subindo... vezes sem conta escorreguei, caí. Levantei, ergui. Do alto, nunca esqueci.
Estou aqui, calada, determinada, só pensando, sem nada dizer.
Dialogando comigo mesma, eu e as estrelas.
Silêncio é segredo, magia...
Só a metáfora tem a chave dos dizeres que nunca disse. A palavra repisada, nesta estrada deixou marcas no chão. Profundas...
A mente é força latente, como vertente, vai em frente. Nela confio. Sigo esta corrente.
Cada dia, um novo dia, uma construção. Sigo o giro da luz solar e os ciclos das estações, ao clarão do luar.
Aqui estou, centelha que sou, querendo alcançar a Centelha maior, da qual eu vim.
Caminhar, girar os ponteiros cardeais, saber quem sou.
O efêmero passou.
Imperativo é avançar, galgar, crescer.
Importa a seiva nutriz; o escorrer nas veias ancestrais.
No alto da escadaria, dizer aos ventos: Estou aqui!
Sou o soprar do sopro d´Aquele que me criou.
Nos ritmos da correnteza da alma "Eu Sou".
Enigmático é o despertar de um sonho; encontrar-se.
Anos luz é um "instante" na elipse da eternidade.
O universo é minha Igreja.
Natureza, o santuário.
Aqui estou, diante do Altar.
Agora SOU!

EU, ARTISTA

Ellen Carneiro Vale

Minha arte é meu poema
Meu castelo de sonhar.
Dentro dele tenho um trono, onde sou rainha.
A coroa na cabeça
O cetro na mão direita.

Nele fico assentada, como deusa iluminada.
Ao longe posso ver a extensão das minhas terras.
E as voltas que o rio dá.

Comigo, um baú escondido, bem selado e vigiado.
Com toda a minha riqueza.
Meu tesouro e minhas joias estão nele, guardados.
Seu valor incalculável e o brilho não tem preço.
Ninguém aqui neste mundo teve a ventura de vê-lo.
Nem tocá-lo
Nem lhe pesar o quilate,
Pois tudo nele é velado.

Um espelho de cristal tenho diante de mim.
Grande e belo, oval, filigranas de ouro,
Grandeza do Império,
Bem na minha frente,
Imponente
Para só eu mirar.
Nele, posso ver todo o meu reino encantado,
minha imagem refletida.
Só que ao contrário, por dentro.
Tudo com vida.

Ao amanhecer, todo dia falo com ele.
O que me diz não posso contar.
É segredo.
É como olhar a fita de um filme e tudo nela enxergar.

A magia é bem no fundo, além do brilho do olhar.
Tudo vai correndo, com a rapidez do raio.
Assim como veio também vai e não volta mais.

Palavras da vida
Não ditas
Idioma que ninguém fala
Nem lhe conhece o sentido.

É dentro, num piscar, que tudo pressente.
As cores no espelho têm matizes incomuns,
Vibrantes
Grande beleza
Reflexos dos tons, nunca a realidade deles.
Pontilhos cintilantes aparecem e somem.
Aglomerando-se, às vezes como nuvens, por encanto.

O espírito, no espelho, revela esse mistério.
A dança das ninfas, no brilho das moléculas:
O porquê do "sonhar".

175 ANOS DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE MORRINHOS

Cleusa Marina Silva Freitas.

Celebrar o Jubileu de 175 anos da Paróquia Nossa Senhora do Carmo é celebrar a história viva do nosso povo. Como marco referencial, a doação de 600 alqueires de terras pelo capitão Gaspar Martins da Veiga e sua esposa, por escritura pública de 2 de março de 1845. Quase ignoramos e desconhecemos a pessoa do capitão, como também do seu gesto tão nobre e despojado do então doador das terras. A doação foi feita a Nossa Senhora do Carmo; pressupõe-se um homem de fé na devoção mariana. No mesmo ano, em julho, foi sancionada a Lei em que constava o registro da Capela Curada de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos. Fica patente a existência do município em congruência com a atuação da fé católica neste local, como era costume na origem da quase totalidade dos municípios brasileiros.

Nesta linda história, com encontros e desencontros de dados e fatos, há de se respeitar e agradecer a nomes como Antônio Corrêa Bueno e sua família, o Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes (o qual ofereceu uma casa de sua propriedade para nela funcionar as escola de ambos os sexos), condição "sine qua non" para esse local ser emancipado e receber a condição de município, isso em 1882, mas que de fato, só usufruiu dessa regalia de município, a partir de 1887. Obedecendo aos momentos históricos presentes na trajetória deste rincão, pode-se observar as várias denominações que recebeu: Nossa Senhora do Monte do Carmo, Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, Vila Bela do Paranaíba, Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos, Vila Bela de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos e, finalmente, Morrinhos. E houve até a tentativa de se dar um outro nome que não confundiria Morrinhos com outros locais que já eram denominados assim. Embora o esforço do Senador Hermenegildo ser grande em fazer um projeto para mudança do nome para Itirietá (nome indígena), a sua proposta foi em vão; por ser vencido pela oposição, retirou o projeto. Diga-se de passagem, o senador ficou muito magoado.

Mas, vários atores fizeram parte desta história de 175 anos: cidadãos comuns, agricultores, pecuaristas, comerciantes, políticos, professores, padres, religiosas, músicos, seresteiros, escritores e poetas. Mas, em todos os momentos da história desta terra, houve a presença de padres, que cuidaram da realidade espiritual do povo, da formação moral e da transmissão de conhecimentos, pois quase todos foram professores. Há de se salientar que as aulas de latim, francês, filosofia, sociologia, língua portuguesa, enfim, das áreas de ciências humanas eram conduzidas pelos padres e religiosas da Congregação Estigmatina e das Irmãs Agostinianas, respectivamente. Também, junto a essa formação católica, surgiram os segmentos evangélicos e do movimento espírita, com suas várias particularidades.

Pelos relatos históricos, a Capela de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos foi inaugurada em 1836, com suas duas torres. E, essa, foi substituída pelo então padre Francisco Xavier, por uma linda igreja, verdadeira obra de arte, na década de trinta do século passado, com a construção de uma verdadeira Matriz.

Dessa forma, em se tratando de Paróquia, gostaríamos de recordar a presença de vários sacerdotes que deram a sua contribuição para a comunidade de Morrinhos: padre-vigário Francisco Xavier, os estigmatinos padre Primo Scussolino e padre Oswaldo Casellato, que muito influenciaram na construção do Ginásio Senador e na construção do Cine Hollywood, pois o italiano, padre Primo, detinha muito conhecimento de engenharia e construção. Também, nas primeiras décadas do século XX, registra-se a presença do pastor Tiple, de origem inglesa, que construiu a linda igreja Cristã Evangélica, que até os dias de hoje acolhe os seus fiéis. Da igreja católica, registramos, também, a presença de alguns outros religiosos: Luciano Dallara, Frederico Stênico, Lino José Correr, Luciano Dalzopo, Osvaldo Moreira, Ruy Vicente Marot, Osvaldo Pereira, Antônio Fernandes dos Santos, Samuel Chamel, Alcides Spolidoro, Luiz Girardi, Mauro Montagnolli, Sérgio Araújo, José Luiz Nemes, Ir. Mário Eugênio Budrick, Wagner Antunes Vaz, Divino Alves Pereira, Francisco Raul de Nardi, Narcizo Jordão, Antônio Pedro Neto, Francisco Esteves, Antônio Carneiro, Custódio José do Amaral, Vicente Topan Picarelli, Antônio Fernando Brochini, Romualdo Degasperi, Eriberto Xavier dos Santos, Antônio Bicho, Márcio Ivan Gondim, Geraldo Eloy Lívero, Valdomiro

Alves Barbosa, José Aílton Teodoro, João Batista Irias, Divair Bento Vieira, Alexsandro Ribeiro e, por último, Roger Evangelista.

Não poderia deixar de citar o nome de Maria Amabini de Moraes, a dona Fiíca, a grande benfeitora de Morrinhos. Essa mulher determinou vários aspectos positivos em nossa terra. A sua generosidade ao promover a formação educacional (Colégio das Irmãs e o Ginásio Senador), a cultura (dois cinemas), o grande apoio na formação religiosa, são algumas de suas ações, junto com a vontade do seu esposo, Senador Hermenegildo Lopes de Moraes. Patrocinou uma verdadeira reforma agrária no município de Morrinhos e de outros municípios, repartindo parte de suas terras para seus afilhados e pessoas de menor poder aquisitivo e que se sustentavam dos produtos oriundos da agricultura e da pecuária. Também tivemos o privilégio de termos várias ações políticas que muito favoreceram a nossa "Cidade dos Pomares". Mas, sobretudo, a formação educacional e a seriedade da maioria do nosso povo que fez acontecer uma vida tão salutar para o povo de Morrinhos.

CORAÇÃO LARGO

Cleusa Marina Silva Freitas.

Nasci bem pertinho do Largo da Matriz, a exatamente uma quadra abaixo: Rua Alagoas no. 133. Nasci na casa de meus avós maternos, Luiz Marques e Jerônima Maria Luiza. Vim ao mundo por mãos de sábia parteira de família, abençoada dona Alvina, por quem sou sempre agradecida.

Na infância, eu aprendi a experimentar a vida na fazenda Vinagre – paraíso da minha mãe e, depois, de todos nós. Aos seis anos, voltei para a cidade e fui para o Jardim da Infância "Celestino Filho"; lá fui orientada pelas minhas primeiras professoras: dona Irene Frauzino Cruz e Nicolina de Freitas. Adorava os desenhos de patinhos que nós pintavámos com lápis em tons pastel! Adorava aquelas cores e dava ímpetos de comer os lápis – quão formosos eram!... Mas, o dia mais esperado era o dia da piscina, grande

novidade para mim, pois só havia experimentado antes águas correntes de pequenos córregos.

Outra grande atração era brincar um pouquinho na Praça do Largo da Matriz, antes ou depois da missa dominical. Mal corríamos um bocadinho e minha Vozinha já ordenava; "Agora chega!" Que pequeno relâmpago de gostosas brincadeiras: pique-esconde, barra-manteiga, bete e... acabou o tempo...

O sino tocou e entrávamos comportados, para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo – que a avistávamos linda no altar-mor, com o Menino-Deus no braço (conversava comigo: "o braço dela deve doer, ela nunca desce o menino ao chão."). Na igreja apreciava a pia onde minha mãe dizia que eu tinha sido batizada, passava pelo altar de Nossa Senhora das Graças, com aquela cobrinha sob seus pés, visitávamos a Capela do Sagrado Coração, toda cortinada de veludo vermelho, e vários nichos com diversos santos menores: São Benedito, pequena N. Senhora do Carmo, Santa Luzia, São José, dentre outras. Uma imagem lindíssima e de tamanho natural era a de Santa Terezinha – eu a admirava por muito tempo! Duas imagens me faziam entristecer: o Jesus Crucificado que ficava acima da Padroeira, no altar-mor, num teto de madeira com motivos geométricos; outra, era a do Senhor Morto – muito triste!

Havia fiéis – personagens que muito me chamavam a atenção: dona Geraldina de Castro Rosa, alta, elegante, com sapatos de salto modelo Chanel e umas mantilhas admiráveis cobrindo a cabeça e, elegantemente, jogadas aos ombros, eram várias... Também me lembro da senhora tão devota, a dona Toca que organizava as coroações de Nossa Senhora que eu "morria" de vontade de participar, mas não era permitido, pois passava férias na fazenda e elas aconteciam nesse período... Só via as fotos das minhas primas...

Outra paroquiana que me chamava muito à atenção: dona Rosália, cantora afinada e de voz lindíssima, que descia o Morro da Saudade para encantar as celebrações. Quando ela cantava "Coração Santo, tu reinarás, tu nosso encanto, sempre serás", eu não entendia o porquê, mas não conseguia conter as lágrimas, que escondidamente as engolia... Ainda me emociono com aquela lembrança. A sua voz se repete na minha lembrança de criança...

IN MEMORIAM A DOLORES TRONCOSO
(por Francimar Bezerra)

Meus senhores e senhoras
Crianças e adolescentes
Autoridades presentes
Vim aqui pra lhes contar
A história de uma mulher
Hoje de corpo ausente
Mas no coração da gente
Eterna, sempre presente.

É a história de Dolores
Vida cheia de cores
Recheada de amores
Daqueles que nos chamam à vida
Do tipo que não fica esperando
Amores que cuidam da gente
Amores que não se vão
Louvores eternamente.

Essa Dolores de quem falo
Não nasceu filha de Morrinhos
Chegou aqui nos Pomares
Aos 7 anos de idade
Nos idos de 39
Trazida pela família
pai, mãe, uma dezena de irmãos
Adeus Minas, oi Goiás.

Nossa Dolores Troncoso
Trouxe para essa cidade
Herança de gente forte
Vinda de além-mar,
De Espanha, bem do Norte
São os conhecidos galegos
Futebol, música e literatura
São as paixões desse povo.

Essa mulher nunca negou
A força do povo que a gerou
Cresceu vendo o movimento
De sua mãe Vitória e seu pai
Na gerência do Grande Hotel
Gente carente chegando
Gente importante saindo
E aqui nesse simples cordel
Dizemos a todos, Bem-vindos!

Dolores foi uma moça,
A sexta filha de doze.
Cresceu e estudou bastante
Mas não perdeu uma festa.
Foi aos bailes da escola
No antigo grupo escolar Coronel
E aos bailes de Carnaval
No Cine Teatro e na rua

Mas não fiquem pensando vocês
Que Dolores era do tipo
Que se arruma e vai pra festa
Estavam lá suas ideias
De decoração e coro.
Estavam lá suas mãos
No meio de evento então
Juntando a todos, um coração.

Dolores conquistou com o tempo
Um apelido, um carinho da multidão
De repente, aquela mulher
Por todos foi chamada assim
Dona Lolita, moça bonita
Mulher de ação, sem fazer fita
Ah, também pudera!
Dureza marcou sua era!

Enquanto a moça crescia
A cidade desenvolvia
Dolores que era Lolita
Da educação ela vivia
Estudando, ensinando
E até o Coronel,
O colégio Pedro Nunes
Ela foi gerenciando.

Mas na vida não se nega
Uma pessoa do lado.
E esta Dona Dolores
De quem falamos agora
Tratou logo de encontrar
Um Darcy pra se casar.
Com a benção de Deus, gerou
Seis filhos a quem amou.

Nilo, Álvaro e Rogério
Bernadete, Darcy e Aurélio
Filhos de Dolores e Darcy
Cresceram em graça e força
Graças à educação cuidadosa
Bendita, mãe amorosa.
Mas tinha a irmã caçula
Filha de coração cresceu junto
Dentro destes conformes.

Enquanto a família crescia,
Dolores Troncoso, Lolita
Não renegou a tarefa
De muita gente ensinar.
Foi professora, agente
Da educação permanente
Pois assim como fazia
Muita gente hoje copia.
Que dirá o Senador,
Coronel, CEXA e Sylvio
De sua grande atuação?
E seus alunos até hoje
Tem aqui no coração
Lembrança da professora
Firme, mas que estendia a mão
Preocupada: aprende ou não?

Eu tenho a dizer ainda
Que essa grande mulher
Tinha uma fé inabalável
Compromisso inegável
Fosse com a catequese,
Liturgia e eucaristia
Batizados, casamentos
Tudo no regulamento.

Não posso deixar de dizer
Sempre se dedicou
Aos eventos, ao sagrado,
Ao rito, à oração.
Que dirá Nossa Senhora
Que de Lolita recebeu
Cuidados muito amorosos
Em sua coroação.
Lolita, Dolores Troncoso,
Estava na fundação
Da Casa da Amizade
Do Rotary Club Morrinhos
Pense numa mulher
Incansável, ideais!
Um Conselho de Cultura
Ela também estava lá!

E como tinha na veia
O sangue do escritor
Galego lá de Espanha
Vizinha do grande Camões,
Logo foi incluída
Na Academia de Letras.
Imortal são suas palavras,
Seus atos, suas ações.

E em suas metamorfoses
Dolores que foi Lolita
Amante da arte dramática
Fez ator e diretor
Despertou jovens atrizes
Montou peças, musicais,
Foi presidente, foi rainha
E no auto da Paixão
Sempre teve a sua mão.

Agora que esta escola
Vem carregando seu nome
Não podemos esquecer
Daquilo que já sabemos
Precisamos igual Dolores
Lolita, no coração
Oferecer ao Outro, flores
E trazer sempre nas mãos
Um pouquinho de perfume.

Vou encerrando agora,
Esse cordel in memoriam
Foi para Lolita, Dolores
Que em suas despedidas
Disse-me no coração,
Menina, já fiz um bocado,
Agora chegou sua vez
Eu estarei lado a lado.

PROFESSOR, ALMA QUERIDA

Dizem que lá no céu
Em uma sala bem grande
Ficam todas as almas
Esperando pra nascer
Inspiradas, animadas
Ansiosas por vir a ser
Seres novos como você.

Contam os grandes sábios
Que entre todas essas almas
Havia uma bem pequenina
De olhos muito brilhantes
De coração gigantesco,
Curiosa como criança
Desejo de aprender dantesco.

Segundo os contadores de história
O senhor supremo do céu
Quis premiar essa alma
Pois de todas era a mais querida,
Então, lhe cobriu de graça e magia
E ela se multiplicou em tantas
Que contar não se podia!

Então o Senhor do Céu
Enviou essa legião
Com poder de transformar
Não um, mas uma multidão.
Por causa de seu olhar
Por causa de seu desejo
Por causa de seu coração.

Foi assim que a humanidade
Começou a evoluir
Inventando muitas coisas
Crescendo em dom, no sorrir,
E tudo se deve a esta alminha
Tão grande no amor, no existir.
Alma querida do Céu!
Alma do Professor!

Francimar Bezerra.

OS SEIS TIROS NA PORTA

Certa vez, a esposa e os filhos do seu Joaquim do Quinca foram à cidade fazer compras, como era de costume todo final de mês. E, como sempre, ele ficava sozinho na fazenda. Em uma dessas noites que passou sozinho, aconteceu um fato estranho.

Logo após ele deitar-se para dormir, ouviu três batidos na porta da sala. Joaquim do Quinca, como era um homem sem medo e muito brincalhão, disse:

— Se for assombração, bate de novo.

Ficaram alguns segundos em silêncio; logo em seguida, bateu com muita força na porta do seu quarto. Sem acender a lamparina, Joaquim do Quinca pegou sua arma que ficava embaixo do travesseiro e deu seis tiros na porta.

Feito isso, ele acendeu a lamparina que ficava numa mesa ao lado da cama, levantou-se e foi até a porta, ciente de que do outro lado encontraria alguém caído no chão.

Ao abrir a porta, para sua surpresa, não havia ninguém. De repente, deu um vento gelado e uma sonora gargalhada, bem fortes.

Joaquim do Quinca, ao ouvir a gargalhada, ficou sem entender o que havia acontecido. Nisso, ele olha no tambor do revólver e constata que as balas não foram deflagradas.

Ficou a pensar, pois minutos antes ele havia descarregado a arma na porta. Ao perceber, foi à porta para conferir o sinal das balas e, para sua surpresa, não havia nenhum buraco de bala na porta do quarto.

Diante do acontecido, achou tudo normal, pois na região esses fatos aconteciam com relativa frequência. Fechou a porta e voltou para a cama onde dormiu, como se nada tivesse acontecido.

No dia seguinte, quando sua família chegou, ele contou o acontecido e todos ficaram espantados e com medo. Embora acostumados com essas manifestações, essa em particular foi diferente, pois o espírito não buscou apenas chamar a atenção dos moradores como fazia das outras vezes; dessa vez ele desafiou o morador, que não teve medo e respondeu na bala.

Esses fatos atípicos estavam ficando cada vez mais frequentes, não tendo nem hora nem dia para acontecerem, o que fez os moradores procurarem ajuda para resolver esses assuntos. Mesmo assim, não conseguiram solucionar o problema, apenas amenizá-lo.

Wander Oliveira Melo.
Do Livro: Vinte Contos da Cachoeira.

GARRAFÃO DE OURO

Certa vez, Joaquim do Quinca recebeu, em sua fazenda, a visita de alguns senhores, membros de um centro espírita, que chegaram lá dizendo para ele que haviam recebido uma mensagem de um espírito que tinha vivido naquela fazenda em outra época; e nessa mensagem o espírito contava que tinha enterrado um garrafão com ouro dentro daquela propriedade.

Segundo relatos desses ao proprietário da fazenda, esse garrafão encontrava-se enterrado na sombra de um coqueiro quando desse meio-dia em ponto.

Quando os moradores de lá souberam desse relato, ficaram todos curiosos, mas nunca tiveram interesse em saber qual dos coqueiros jerivá estaria esse garrafão; pois, havia dois, sendo que um ficava à direita e o outro à esquerda do quintal, embora ambos estivessem no mesmo alinhamento.

Numa tarde de domingo, os moradores se reuniram para plantar ramas de mandioca no quintal e fizeram covas numa determinada área, encontraram carvão, pequenos cacos de telhas e pensaram que ali estaria o garrafão de ouro enterrado.

Ficaram todos motivados em encontrá-lo; pararam o plantio de ramas de mandioca e começaram a escavar o quintal. Quanto mais escavavam, mais encontravam pedaços de carvão e cacos de telhas, mas nada do garrafão. Até que todos desistiram, pois já estavam cansados e era noite.

Porém, esse fato não acabou com o episódio passado. Alguns anos depois, a filha do proprietário da fazenda, já mocinha, teve um sonho com

um espírito que era dono do garrafão. Nesse sonho, o espírito, além de lhe dar metade do que estava enterrado ainda dizia exatamente a localização do mesmo. Disse também que a outra metade era para ser doada aos pobres.

Contudo, a filha do fazendeiro não deu atenção ao sonho e talvez nos dias de hoje, esse garrafão esteja ainda enterrado por lá, ou talvez tenha sido doado pelo espírito a outra pessoa, que o tenha resgatado.

Wander Oliveira Melo.
Do Livro: Vinte Contos da Cachoeira.

VIDA SIMPLES

A vida simples do interior
Tem sempre mais sabor.
Se fechar os olhos e buscar
Nas memórias de outrora irá lembrar.
Lembrar-se do
Sabiá-laranjeira,
Sentado no mourão da porteira.
Do rangido do carro de boi
Ecoando na imensidão que se foi.
Do som do berrante, de modo elegante,
Chamando a boiada naquele instante.
Logo adiante, fico a contemplar;
O ranchinho de pau-a-pique que tinha para morar.
A luz do candeeiro em noite de inspiração,
Moda de viola compunha com o coração.

Wander Oliveira Melo.
Do Livro: Poemas e Reflexões Contemporâneos.

TERRA NOSSA

Na visão do pensamento
És nosso monumento
Sem acalento, sem tento,
À mercê do movimento.

És tu tão bela, tão viva
Quanto a vida.
Deixa-te banhar em tuas
Cristalinas lágrimas
Para que eu possa ter ao meu redor
O calor de tuas brisas
E sentir, talvez pela última vez,
O som da inocência, o sabor da relva,
Abraçando o verde que remanesce nas
Encostas da desmatação.

Wander Oliveira Melo.
Do Livro: Poemas e Reflexões Contemporâneos.

LEMBRANDO DORINTA DE PAIVA

Eurico Barbosa dos Santos

Na última sexta-feira, dia 25, a Academia Morrinhense de Letras prestou homenagem à filha mais idosa de Morrinhos – dona Dorinta de Paiva, que acaba de completar 108 anos e meio de idade. Não apenas pela extraordinária idosidade, como também pela exemplaridade da sua vida, a excepcionalidade da sua inteligência e do seu talento, a homenagem se justifica.

Tenho a honra de conhecer dona Dorinta desde menino, desde quando era ainda vivo o seu pai, José Olinto, modelo de caráter e exemplo de trabalho operoso. O sobrinho dela, José Teodoro Rodrigues Filho, foi meu colega na Assembleia Legislativa na legislatura 1963-1967. Adversários em termos partidários nos dois primeiros anos de mandato, mantínhamos invariável amizade. Zezinho Teodoro – como era conhecido, farmacêutico formado se não me engano em Ouro Preto, Minas Gerais, modesto e corretíssimo, era poliglota. Principalmente o inglês dominava plenamente. Sua esposa, dona Amália, viúva há mais de 30 anos, sempre demonstrou viva inteligência e dinamismo. É uma intelectual, com um livro de poesias há alguns anos publicado. Os filhos do casal são todos vitoriosos profissionalmente. Gil Teodoro Rodrigues é médico conceituado, proprietário de três hospitais em Goiânia. Jarbas Teodoro Rodrigues é advogado e se aposentou há poucos anos no Tribunal de Contas do Estado, onde com ele convivi testemunhando sua capacidade e dedicação profissionais.

Antes do início da sessão acadêmica, dirigi-me a dona Dorinta, identificando-me. Ela me olhou e disse: "É o filho do seu Aristides...".

Na década de 1990, quando Dorinta de Paiva completara 90 anos, assisti a uma inesquecível demonstração do seu talento declamatório. Realizava-se em Goiânia naquela época, anualmente, a festa chamada "Morrinhos nos anos dourados", que reunia grande número de filhos da cidade aqui residentes e vindos não só de Morrinhos como também de várias outras localidades em que residiam. Era uma demonstração da arte morrinhense,

das suas tradições festivas, do talento de muitos dos filhos da *Cidade dos Pomares*. Anunciou-se que Dorinta de Paiva iria declamar alguns poemas. Fiquei impressionado com a vitalidade e a expressão artística de uma nonagenária cuja voz tinha o timbre de jovem e cuja declamação se exprimia com sonoridade verbal de beleza invulgar. Muitíssimo interessante é que, agora, aos 108 anos, na sessão em sua homenagem da Academia Morrinhense de Letras, ela se levantou da cadeira de rodas, apoiou-se na mesa em que se encontravam o presidente da AML, José Afonso Barbosa e outros escritores para ela convidados, e anunciou que declamaria dois poemas. E para grande impressão de todo o auditório declamou-os com perfeição. Poemas belos e longos.

Foi uma sessão memorável, não somente pela sinceridade dos pronunciamentos nela havidos e pela beleza dos números musicais, como principalmente pela justiça da homenagem à maravilhosa cidadã – a segunda mais idosa de Goiás – que é dona Dorinta de Paiva.

(Artigo Publicado no Diário da Manhã do dia 29 de setembro de 2015)

A MODERNIDADE E O CAOS DO HOMEM.

José Henrique Rodrigues Machado

Todos os estudiosos afirmam a pluralidade da crise atual e a mídia desde 2008, como fato da revolução que entra em crise sistêmica devido à crise econômica e à política. A globalização do sistema que induz uma efetiva dominação de crises e políticas sociais afeta alguns contribuintes que não sabem como permanecer estáveis, mantendo-se então um modelo social. Sem mencionar os países emergentes com os contrastes entre aqueles que puxam o pino do jogo e aqueles que parecem desejados. Muitos concordam que um novo mundo está surgindo. Outros falam de crise da civilização, de modernidade líquida e etecetera. Aqueles que são forçados a ter uma crise ecológica e imaginam que a saudação das sociedades e da política deve ser removida da transição ecológica e que o crescimento será visto.

Se você escolher um destes palpites, estará ciente da necessidade de conscientização decorrente da crise financeira de 2008. Na esfera pública e política, as questões do futuro são debatidas. Que reflexões de uma boa intenção são mais capazes de pensar no problema do mundo contemporâneo? Isso não está certo, porque a modernidade não é percebida com lucidez. Mas é verdade que, entre as elites, é defeituoso derivar um pascaliano no sentido de que devemos continuar, que muitas adaptações, transições e reformas continuam e que o povo tem pensado a sociedade de forma diferente demais.

Eu prefiro escolher a aposta reversa e começar com uma forte hipótese. Sociedades avançadas como os Estados Unidos e muitos países europeus, sem esquecer o Japão e a Coréia, estão enfrentando problemas que se tornaram insolúveis e intransponíveis. Parafraseando uma famosa fórmula de Reagan, eu diria que ciência e tecnologia não são a resposta, mas o problema. Mais precisamente, deve-se dizer que a técnica se tornou um problema, senão o problema. A técnica tornou-se tanto uma ferramenta poderosa quanto um fardo que a humanidade carrega, porque a técnica

parece escravizar os humanos, exigindo mais e mais tempo, enquanto alguém poderia pensar que essa técnica liberaria tempo para deixar o que lhes foi, por muito tempo, particular. A modernidade deixou o Homem com o uso mais livre e criativo de sua existência. Essa observação parecerá comum para os leitores que se veem cada vez mais produtivos.

A modernidade é como a tecnologia, é um Janus, portador de esperança, progresso, mas também desastres, alienações e degradações. A técnica honra a raça humana, também a degrada. O mesmo vale para a modernidade ocidental, que escolheu a técnica. A maldição antropológica da modernidade é ocidental ou universal? Essa maldição é que a maioria da humanidade é considerada um meio por um conjunto de líderes e que as grandes realizações técnicas e urbanas, as existências da hiperclasse, repousam no sacrifício de centenas de milhões de indivíduos. A esse dispositivo se acrescenta uma segunda maldição, a da Técnica que também impõe ao homem um meio e um sacrifício, o da liberdade, mas principalmente da boa vida e da saúde física. O mundo é vencido pela estupidez.

Não estamos mais no universo marxista do proletariado explorado, alienado e taylorizado, mas em um mundo onde a tecnologia, mesmo diariamente, se torna uma fonte de alienação. O smartphone explora seu usuário, encorajando-o a twittar, enviar SMS ou whatsapp, consultar pilhas de páginas em 3 ou 4 G, clicar e tocar, desperdiçar seu tempo procurando satisfazer desejos sem interesse, mas sutilmente implantado no seu subconsciente através da propaganda publicitária a necessidade, até frívola, de implementar uma interação social. A medicina explora a miséria física e emocional das pessoas, quaisquer que sejam seus males.

Além disso, a tese de Stiegler sobre farmacologia social pode ser aplicada a muitas pessoas doentes de desejo e inveja, enganadas pelo consumismo, com rendas modestas ou altas. Em suma, nada de novo, exceto que se espreme um caos generalizado.

A modernidade enfrenta dois flagelos. O primeiro é o desejo e a ganância, especialmente das elites. Concretamente, oferece uma próspera indústria de luxo, potências cada vez mais caras, iates cada vez maiores, milhões de pessoas que não podem acessar os serviços básicos, ópticos, odontológicos etc. O estado tem uma responsabilidade. As elites não são as únicas a se preocupar com esses desejos e outros vícios. A modernidade

poderia ter tido sucesso na década de 1960 satisfazendo as necessidades de um número maior. Agora, satisfaz desejos intermináveis para alguns, deixando populações inteiras no Ocidente em necessidade.

O outro flagelo é a técnica. Padrões, trabalho duro, seguro, sanitário. Aquelas pessoas no final da vida que são mantidas com canos, essas muito prematuras que nos esforçamos para viver, sabendo que sua existência provavelmente será um inferno. A medicina contemporânea se torna uma barbárie, instrumentalizando o câncer e outras doenças ... O sistema quebrará porque as necessidades artificiais não podem ser resolvidas, com a pirâmide da idade e a vida degradada imposta pelo Sistema. Além disso, alguns estudos mostram que, se o aumento da vida é comprovado, a qualidade de vida é baixa. Humanidade transformada em desumanidade pela técnica. O que se torna cada vez mais restritivo e caro. A técnica se tornou um fim e o homem é o seu meio. A pressão do trabalho deixa as pessoas doentes. Mútuos esfregam os dedos e remédios. Os problemas sociais tornaram-se intransponíveis, para não mencionar os problemas geopolíticos, a França ficou presa por décadas em seu papel de polícia africana. Duplicar ou triplicar o número de soldados. Quem pagará? E o mercado de drogas está crescendo, porque as pessoas querem encontrar saídas para a vida ruim que o Sistema propõe e que os valores desaparecem. A humanidade é abundante e degradada, lança heroínas para alguns, sacolas Vuitton para outros que se consideram heroínas, mas que são apenas prostitutas vulgares.

Os ambientalistas acreditam que, ao salvar o planeta, eles salvarão a humanidade. Eles estão completamente errados. As agendas de desenvolvimento sustentável são apenas um programa do stalinismo verde, projetado para controlar a vida das pessoas. As elites não se opõem a este projeto. O homem moderno destrói a natureza tanto quanto a humana. Agora temos que viver com um mundo que ninguém queria, mas que todo mundo aceita. Vivemos em um mundo caótico. A humanidade teve outra escolha. Os problemas que o Brasil e o mundo enfrentam são insuperáveis. O mais estranho é que esses problemas foram criados pelo homem.

Dito isto, volto à minha ideia inicial para pensar em cosmologia, mecânica quântica e evolução das espécies. Eu sei muito bem como mudar o sistema, mas como o sistema é adequado para a maioria, não há nada para mudar. Tenha uma boa viagem no caos mundial!

A QUEM DE DIREITO UMA REFLEXÃO: MÃE.

´Um majestoso anjo,
Com a forma cheia de graça,
Mas o retrato de uma mãe cansada e exausta,
Com a fisionomia grave e meiga.´

Abre-se a cortina do mês de maio, e com ele, o mês das mães, e tudo o que é relacionado à figura do belo envolvente a muito latente da célula *máter* da sociedade, viga mestra do lar.

Refletindo sobre a data, religiosa, creio, percebi que ela tem por base inicial propor uma homenagem a Maria, mãe símbolo de resignação e resiliência diante do incerto. Olhei atentamente as dores que Maria sentiu ao ver o lenitivo de seu único filho.

Criei, em minha mente, uma ponte para o presente e vi quantas Marias veem as sentenças de morte de seus filhos, alguns santos, condenados à morte pela miséria, doenças e infortúnios diversos. Outros que por infortúnio das drogas do crime perdem seus filhos em igual sorte.

As lágrimas das mães são as mesmas. Ao rolar de dor, umedecem a mesma face intacta de alguém, que por certo, não deveria chorar. Lágrimas de sangue por ter os filhos entregues à morte.

Há também as mães de coração, que sofredoras dos mesmos males das biológicas, carregam consigo o sacerdócio primeiro. Adotam outra vida para que a vida recebida se torne uma só partilha.

Li em um texto de D. Nilza Diniz um escrito em forma de lamento, que dizia das agruras de ser mãe por adoção. No conto, a mãe ia para o "céu das mães" e ao chegar lá era surpreendida por ter nas mãos falsas credenciais.

Em diversas passagens presenciamos a angústia das mães: guerras, catástrofes, acidentes...

É à mãe que recorremos sempre. O pai, figura importante, mas secundária.

A mãe é a enfermeira nos dias de dor. A médica a curar as feridas. Psicóloga a aconselhar. Professora a ensinar. Ouvido sempre atento a entender. Colo a acolher. Mãos hábeis a ajudar.

Mãe é anjo na terra.

'Ser mãe é ser maior! É abraçar o mundo através do milagre da vida. É sonhar, acreditar e é conquistar o futuro em todos os momentos do agora. Ser mãe é dar vida à vida e é beijar o céu com os pés na terra! É carregar no ventre a dádiva maior de toda a existência, e é cantar para seu bebê desconhecido, acariciar a própria barriga como se estivesse tocando em seu rosto. Meses depois o milagre acontece, e todos os sonhos viram realidades mágicas e deslumbrantes. Alimentar com o próprio corpo, pegar no colo soltando uma lágrima de felicidade e adormecer esse neném tão maravilhoso! Com o tempo, surgem as primeiras letras, o gatinhar, o levantar e o cair e o correr que surge aos poucos. A mãe sente que a vida tem um sabor diferente, um cheiro que não existia antes. E ele cresce, vai à escola, sabe ler, escrever e até contar pelos dedos. A mãe? Está sempre junto, sempre pronta a apoiar.

Mãe cuida para quando ele estiver do seu tamanho, sua postura, sua personalidade e seu jeito conquistem mundos coloridos e repletos de calor e harmonia. A mãe acompanha todo o crescimento, porque o seu coração manda, porque a sua cabeça assim o deseja. Ser mãe é ser mais que maior!'

A todas as mulheres guerreiras que Deus, na infinita obra da criação chamou por nome MÃE, nossa deferência e homenagem, neste e em todos os dias!

José Henrique Rodrigues Machado

AS FOLIAS EM ANÁLISE

José Henrique Rodrigues Machado

Os saberes folclóricos e religiosos de um grupo social ou folclore se constituem como um terreno de investigação que ocupa um lugar importante nas Ciências Humanas desde que a cultura popular passou a ser debatida. Para diversos autores, porém, a delimitação que se faz para definir o que seja a cultura popular é equivocada, pelo fato de que popular não é

necessariamente algo do povo, já que a cultura de massa pode também ser muito popular.

Há-se, porém, de provocar uma reflexão, para não se banalizar o aspecto religioso e nem cair no detrimento dos conceitos desenvolvidos para o estudo do folclore ou da cultura popular. Para isso, entendemos a importância do uso do que Moita Lopes orienta como "valor de verdade", conceito que nos leva a questionar a aplicação e uso de cada forma de expressão, respeitando a sua proporção, ou seja, até onde vai o folclore ou cultura popular e em que lugar fica o elemento religioso?

A identidade representa uma forma de se reconhecer próximo a uma variedade de afiliações coletivas. Há uma característica essencial presente em qualquer identidade: é necessariamente a visão que o ator em questão tem de si mesmo. Ela existe ou não, não há a possibilidade de estar latente e ser desperta. Tampouco pode ser presumida por características objetivas. A identidade é percepção.

Consoante a diversas pesquisas realizadas por inúmeros estudiosos, observamos que as várias formas de manifestação religiosa ocupam não somente um espaço na historicidade das pessoas, mas também fazem parte do conjunto de saberes que compõe a memória de um povo. Nessa perspectiva, entendemos que sujeitos sociais se inscrevem, são constituídos e interpelados por ideologias religiosas não apenas para a resolução de problemas e angústias de ordem espiritual, mas também como meio de socialização ou preservação de tradições, as quais fazem emergir uma memória coletiva, em que cujo entendimento há de se pensar que não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que essa reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

Acreditamos ser relevante um estudo sobre este Brasil que se tornou predominantemente urbano, embora permaneça com a raiz mais profunda no meio rural, supostamente e a ser verificado em diversas manifestações de sua cultura imaterial e, por isso, pretendemos lançar um olhar analítico

para as Folias. Na região sul de Goiás, por exemplo, a cidade de Morrinhos como um recorte geográfico, por contar com um número representativo de Folias, dos mais variados santos, perfazendo em todos os períodos do ano sua "*via sacra*", com a finalidade de levar, através da representação e do simbolismo, o aspecto da fé, em suas mais diversas manifestações.

Temos que citar, com denodo, a importância e a necessidade de identificar e catalogar as Folias, uma vez que por ser imaterial, esta cultura tende a fundir-se, a readequar-se e até a adaptar-se, infundindo assim em uma quebra do que se criou como original, recriando, sem sombra de dúvidas, a cada momento, uma cultura renovada. Há esta preocupação, uma vez que as Folias são, geralmente, compostas por pessoas de mais idade, o que acarretaria problemas naturais de captação e preservação de informações.

Na região de Goiás, as Folias têm uma força expressiva de aglutinação, que une pelo valor da religiosidade contida em todos os seus atos, no que tange a representações simbólicas e, até mesmo, na gastronomia. Esta última com muita intensidade, pois, como na maioria das festividades populares, o aspecto gastronômico é uma presença marcante. Variando, inclusive, nas folias de alguns santos. Com particularizações de cardápios e formas de representação, nação afora. Vale ressaltar que há diferentes formatos de folias. Em alguns lugares conservado o nome de reisados, espalhados por todo o Brasil. Em Morrinhos, as folias compõem um espaço, não só folclórico, mas também importante cenário de cultura de fé e tradição de nossa gente.

AS JANELAS E OS MEXERICOS.

José Henrique Rodrigues Machado

Nas casas inconfidentes, com calçadas curtas, ruas por debaixo das janelas surgiu, com muita intensidade, o mexerico. As donas de casa, quando lhes sobrava um tempinho, corriam para a janela que dava para a rua, para observar o cotidiano, saber quem chegava e quem saia... dar notícias dos obituários, missas, procissões. Realmente, as Mexeriqueiras se

transformaram em um ofício com muito destaque no Brasil de outrora. Muitas vezes, causavam desordem e problemas graves para os que caíam "na língua" das "faladoras", transformando o sujeito-vítima em uma pessoa "falada" na sociedade.

Os tempos foram evoluindo, as casas foram se distanciando umas das outras, as calçadas foram ficando maiores, os muros passaram a dividir as calçadas das ruas. A modernização e o progresso colaboraram para que o mexerico acabasse! Opa! Não! Ele não acabou, apenas se transformou.

Com o advento da internet, a velocidade das informações tomou o lugar da conversa ouvido a ouvido, e com toda a certeza, os assuntos ganharam uma proporção gigantesca, com abrangência de acesso incalculável.

A se pensar pela série de indicativos e possibilidades de alastrar informações, as redes sociais ganham notório espaço: *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp* e Instagram figuram entre os mais utilizados atualmente, com o que se chama de *Mass Midia* ou Mídia de Massa.

Como o próprio nome já induz, as redes sociais de comunicação em massa alcançam um público exageradamente grande, com proporções inimagináveis quanto ao estardalhaço que pode ter.

Uma informação mal posta, de cunho indevido, ou até mesmo a exposição de uma figura pode se tornar um inferno na vida de qualquer um, e, até mesmo, de entidades, grupos e agremiações de políticos e etecetera.

As fofocas maldosas e mentirosas hoje são popularmente chamadas de "*fakenews*", traduzida do inglês como notícias falsas vêm ganhando espaço perigoso na execração pública das redes sociais e de um povo mal orientado que se atribui da máxima "quanto pior, melhor".

Temos presenciado a uma enxurrada de informações tendenciosas, maledicentes, acachapantes e perigosas que têm promovido um 'linchamento digital/virtual' de determinadas figuras. Vimos e vemos autoridades serem desmoralizadas, figuras públicas terem suas vidas desnudadas sem o mínimo respeito e consideração, em uma fábrica perversa de desumanidades que tem se tornado as redes sociais.

Os gestores das redes sociais têm se preocupado, mudando política de acesso, contingenciando algumas ações e, de uma vez por outra, têm tido posturas de diminuir, por exemplo, processos de divulgação em massa de

mensagens. O WhatsApp, por exemplo, diminuiu de 20 mensagens compartilhadas simultaneamente, para somente 5, na tentativa de coibir, inclusive, a disseminação de '*fakenews*'.

A comunicação tem espaço importante em nossa sociedade, mas da forma que tem sido posta, iremos ter severos problemas de ordem social, com impactos muito preocupantes para um futuro breve.

As janelas das casas para os mexericos se fecharam, e hoje se abrem as janelas dos computadores, tablets e celulares, e com o mesmo propósito: propagar *fakenews*.

JÚLIO CÉSAR MEIRA: O FORASTEIRO MAIS MORRINHENSE QUE EU CONHEÇO.

Foto 1– Acadêmicos José Henrique, Elen Carneiro, Leny, a Presidente Carmem Lúcia, o Escritor Dr. Júlio César e Antônio.

Em concorrida sessão da Academia Morrinhense de Letras, foi realizado o lançamento do livro de tão nobre escritor, pensei num mote que me levasse à importância que tal obra tem. Pensei em algo tão caro para a história, que de tão caro passa ser seu objeto, atribui-me, por uso, o Tempo. Usar o tempo com toda sua importância, faz-me escravo de imaginar que o demorou demais para que alguém, daqui, de nossas plagas, falasse sobre

algo de tão relevante e importante para nós. Agentes de modernidade e participantes deste benefício.

O livro traz consigo informações muito relevantes de nossa cidade, tendo como pano de fundo a modernidade de Morrinhos: desmistificando heróis políticos e desconstruindo muitas crenças que temos cristalizadas, até a leitura do texto.

Ao enveredar por este mundo, o pesquisador Doutor Júlio César elucida, com teorias, fatos que foram perpassando nossos olhos ano a ano, quase que imperceptivelmente ganhando ares de modernidade: as ruas de terra, calçadas por paralelepípedos e depois por lama asfáltica e brita.

Um "barriga verde" radicado na Cidade dos Pomares, professor de quatro costados, importante artífice da cultura do local, desponta Júlio César Meira, como uma das grandes intelectualidades de nossa cidade.

Traz consigo noções muito fortes de teorias revolucionárias sobre a modernidade e avanço. Pesquisou em seu doutoramento, e de relevante pesquisa, sabe mais de nossa história que muitos de nós mesmos. Humilde em seus hábitos. Eficiente em sua forma de falar e materializar na escrita, o intelectual Júlio César compõe uma sinfonia importante, na orquestra cultural de nosso Estado.

Cuidadoso com as fontes históricas, teóricas e metodológicas, o livro de Júlio certamente comporá os quadrantes futuros de consulta historiográfica.

Sem mais elogios, rogo-lhes, para que afiram, vocês mesmos, o que lhes disse: Leiam esta obra! Dela retirem o extrato importante, e saboreiem um excelente trabalho, tudo à altura do grande pesquisador, professor e intelectual Júlio César Meira, que de história cultural tem cabedais e credenciais de sobra.

Imaginei que o tempo tinha sido demorado para que nos viesse este texto, estudo e autor. Mas não. Veio no tempo certo. Afinal, o professor Júlio é o tempo. E sua obra chega em tempo! Um forasteiro muito morrinhense!

José Henrique Rodrigues Machado

AS ONDAS ODIOSAS E AS FALSAS SENSAÇÕES NO BRASIL

O coração humano, tal como a civilização moderna o modelou, está mais inclinado para o ódio do que para a fraternidade.

Bertrand Russel

Diante de tantas elementaridades para o ódio, nossa sociedade tem caminhado, e a passos largos, para uma onda odiosa, que tem levado muitas pessoas a cometerem barbáries, só pelo simples fato de se verem diferentes ou indiferentes a ação do outro.

Tem sido recorrente as ações de ódio nos tempos de hoje: o ódio contra a mulher, contra o negro, contra o gay, contra o índio, contra toda e qualquer minoria que ameaça a supremacia e autoridade de outrem.

Mulheres têm sido mortas pelo simples fato de serem mulheres. Por não suportarem mais ser a propriedade de alguém. Feminicídio. Palavra usual nos tabloides, com notícias em textos garrafais: "mulher assassinada pelo ex-esposo/ex-namorado por não aceitar o fim do relacionamento". "Jovem morta após estupro coletivo", e por aí vai. E por aí tem ido nossa nação.

Negros, gays e índios agredidos, assassinados aos montes! Todos os dias, o dia inteiro!

Não quero aqui me promover a fiscal da ordem. Não. Mas quero propor uma reflexão severa para que comecemos a observar por onde nosso Brasil está indo. Para que caminhos tem rumado nossa gente.

Outro dia mesmo, após o massacre de Suzano acompanhei a fala de um senhor que aparentava ter uns 45 anos. Ele dizia que no seu tempo não se tinha a sociedade do '*Mimimi*' e que as coisas não eram tratadas como *bullying*, e dizia o senhor: – *Na minha época era nigrim. Picolé de pixe! Viadim! Baiotola! E ninguém se incomodava.*

Tempos outros, pensei. E não se trata somente de uma sociedade de "Mimimis". Com a evolução do mundo, redes sociais e a total exposição das pessoas ao julgo social, cabe dizer que sim, tudo pode ecoar na cabeça de um jovem, que, sem estrutura familiar mínima, ganha ressonância e

promove inquietação e ódio tal, que o obriga a ter uma falsa sensação de visibilidade, nem que para isto tenha que cometer um crime hediondo como o de Suzano. E não estou querendo com isso, justificar o que fizeram os dois jovens em Suzano. De maneira alguma. Só estou em um processo reflexivo que nos faz criar monstros todos os dias, por comportamentos excludentes, comentários homofóbicos e racistas, que em nada constroem.

Vivemos um caos, e sabemos como estacá-lo. Mas esbarramos em uma zona de conforto social que implica em diminuir o outro para que possamos ter notoriedade na roda de bar, nas salas de aula e por aí vai!

Vamos espalhando uma corrente de ódio quando nos permitimos agir com atos odiosos. E não que todos sejam maus, pois "todos fazem isto". Se está sendo instalado o caos, os culpados estão pulverizados em toda uma sociedade caótica.

Vigiar e agir por uma sociedade mais harmoniosa consiste em repensarmos atitudes também pacificadoras, e não reprodutoras de ódio.

Orientar nossas crianças para uma cultura de paz é renegar ao que disse o senhor de 45 anos. E ensinar a não revidar. E silenciar diante das ofensas e buscar ajuda para que não reverbere o discurso odioso que tem se instalado.

Atender à demanda da paz requer muito mais de nós. Requer que não sejamos os orientadores de maldades pelo mundo afora.

Por Suzano, por tantos crimes que ainda estão premeditados a acontecer, revisitemos nossa postura, diante da emergente cultura de ódio.

José Henrique Rodrigues Machado

FALAR É PRATA, CALAR É OURO!

Começo minha escrita deste mês com algumas citações:

"O governo não faz planejamento familiar porque acha que quanto mais pobre existir melhor. Porque serão mais eleitores amarrados nos seus programas assistencialistas."

"Minha relação com os negros sempre foi ótima. Não vou dizer que meus melhores amigos eram negros, mas tive bons amigos negros." "O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um coro, ele muda o comportamento dele. Olha, eu vejo muita gente por aí dizendo: ainda bem que eu levei umas palmadas, meu pai me ensinou a ser homem." "O único erro foi torturar e não matar." "A sociedade brasileira não gosta de homossexual."

"Um dia, se o presidente da OAB quiser saber como é que o pai dele desapareceu no período militar, eu conto *pra* ele. Ele não vai querer ouvir a verdade."

Chocante as afirmações acima? Pois é! São as falas de um ex-deputado federal e atual presidente da República do Brasil.

Boquirroto e cheio de mandos e desmandos, o governante maior de nosso país parece ainda estar na tribuna do Congresso, em que somado aos mais de 500 deputados seria somente mais um a falar discursos calorosos e cheios de ideologia! Mas não. Infelizmente, essas falas carregadas de convicções são do presidente de uma Nação. Eleito, legitimamente.

Mas é preciso que nos afastemos do objeto observado para que ele seja visto em sua totalidade. O 'mito' Jair foi criado diante de anos de descrédito de governos, de décadas a fio de um povo antipático aos processos eleitorais que foram postos discursos em que se teve de escolher entre o ruim e o pior e ainda mais, agências governamentais, entidades e afins emporcalhadas pela corrupção.

O discurso foi fácil! Simples. Oferecer segurança, educação de qualidade em um discurso efusivo de resolução simplista de qualquer problema, apontando em vez de soluções, quem sabe, dedos 'fazendo arminhas'.

Eleito, a postura de conciliação que é requerida até de um chefe de lar, é a única palavra que não se aproximou, pelo menos até agora, de nosso presidente.

Em tons que beiraram à desumanidade, com discursos impregnados de racismo, preconceito, xenofobia, figura o presidente, que em cada fala cria uma crise, e que à cada aparição pública provoca deselegância e provoca celeumas faraônicos. Muitas vezes, inocentemente, quero acreditar.

Sisudo ou grosseiro em seus modos podem até ser caracterizados como traços de personalidade, e a isto, nem discutimos. O que está em

questão é o total desprezo, inclusive, à Constituição, Lei da qual nem ele, enquanto Presidente da República está ileso a obedecer.

Nas muitas de suas polêmicas, o presidente Jair fez ilações graves se tornando parte de um processo de tortura do pai do presidente da OAB do Brasil, desaparecido na Ditadura Militar de 64. Desnecessário o posicionamento e de muito mal gosto, o comentário repercute nas mídias internacionais. Inimaginável para um Presidente da República. Fala-se inclusive em corresponsabilidade do/no crime.

As pautas do país são mais importantes. Requer-se mais para um Presidente da República. E não se trata de elucubrações de um petista ou ativista desta ou daquela bandeira. Trata-se de alguém que tem aprendido a cada dia que falar é prata, mas calar é ouro! Nosso presidente deveria ter para si esta importante lição.

José Henrique Rodrigues Machado

MOMENTO DECISIVO

.... quando li o livro "Vida de Jesus e decidi que queria batizar!

Rapidamente senti vontade de ficar mais próximo do Senhor, senti uma brisa, senti muito feliz que fiquei sorrindo para mim mesmo, um momento tão único, que não consegui explicar ...

Estava em Goiânia, mas para compartilhar, logo lembrei do WhatsApp, dos irmãos que comigo estudaram a Bíblia durante mais de um ano: Alvim e Marilda, pelos quais, sou eternamente grata, que foram os primeiros a receberam a mensagem: "irmãos quero me batizar!".

Dia do Batizado: 15.09.18

"...Jesus era tão humilde e sábio, que o filho de Deus, humildemente pediu ao discípulo João Batista para que o batizasse!

.... Adore a Deus oferecendo-lhe o que a sua terra produz de melhor. Faça isso, e os seus depósitos ficarão cheios de cereais, e você terá tanto vinho, que não será capaz de armazenar.

Filho, presta atenção quando o Senhor Deus o castiga e não se desanime quando ele o repreende.

Porque o Senhor corrige quem ele ama, assim como um pai corrige o filho a quem ele quer bem.

Feliz é a pessoa que acha a sabedoria e que consegue compreender as coisas, pois isso é melhor do que a prata e tem mais valor do que o ouro.

A sabedoria é mais preciosa do que as joias; tudo o que a gente deseja não se pode comparar a ela.

A sabedoria oferece uma vida longa e também riquezas e honras. Ela torna a vida agradável e guia a pessoa com segurança em tudo o que faz.

Os que se tornam sábios são felizes, e a sabedoria lhes dará vida .... Provérbios 3: 9-18

.... quando se deitar, não terá medo, e o seu sono será tranquilo a noite inteira. Você não ficará preocupado com os desastres que caem de

repente como uma tempestade sobre os maus. Pois o Senhor Deus lhe dará segurança e nunca deixará você cair numa armadilha.

Sempre que puder, ajude os necessitados. Não diga ao seu vizinho que espere até amanhã, se você pode ajudá-lo hoje....

Provérbios 3:24-28

Graziela de Souza Reis.

OLHAR UM PARA O OUTRO

Cada seguimento religioso, tem seu dogma específico.

Mas... em "Poemas", Jesus aceitava a todos que o procurava e o seguia. Independentemente de raça, de cor, de religião, de sexo, de partido político, ou de qualquer outro ideal!

O Dogma de Deus, transmitido através de Moisés, era a prática dos 10 mandamentos.

Todo dia, de modo simples e humilde com roupas longas e livres, Jesus brilhava e fazia brilhar. Pois tratava, recebia e curava a todos de modo igual.

Onde muitas vezes só com sua presença colorida com reflexo vinho de um rubi lapidado, os doentes já se curavam, os tristes ficavam alegres e os ateus ficavam preocupados e refletiam.

E hoje? Como um girassol, no espelho dos girassóis acampar! Onde ora você está do lado de cá, ora do lado de lá. Ora professor, ora aprendiz. Ora ajudante, ora ajudado. Ora patrão, ora empregado ou desempregado!

Caminhar para o centro e mais próximo de Deus...Este é o segredo deste livro...será que você descobre no próprio livre arbítrio, e no próprio livro, onde está este código...?

A busca constante pela felicidade, por alguém perfeito é inútil e utópico. O que você procura pode estar ao seu lado, basta você olhar e curtir no seu marido, no seu namorado, no seu filho, na sua esposa, no seu amigo, na sua prima, na sua mãe, na sua casa ou no seu cachorrinho de estimação

Mimi, Belinha, Melma, Barão, Pitoko, Branca, Gigante, Nova , Dina. E o Negrão. Que emoção, lembrar meus amiguinhos que, sem distinção, sorriem e agradecem com gratidão!

Curtir no seu vizinho um cafezinho, curtir na sua escola uma nota 10, uma aurora, na sua igreja que corteja, no seu trabalho e na sua profissão, curtir cada emoção, de coração! Cada ação, curtir com precisão, atenção. Você também sentirá feliz em oração!

E nos seus dons de Deus, transmitir um copo d'água, transmitir um artesanato, uma arte, um chá quente, para um doente. Para só depois voar para um lazer, para um amigo próximo fazer! De cada um que sobrevive, num mundo cheio de conflitos e emoções. Cheio de momentos bons e tentações ...Talvez precisam de você, de sua atenção.

Não ande muito, não corra, olhe do seu lado, como os girassóis em dias chuvosos, onde eles quando começam a murchar, buscam energias positivas nos outros a seu lado e de novo se renovam.

Comece hoje, agora, não ignora! Você pode com uma visita ao amigo, com uma palavra animadora, com um abraço apertado, com uma mensagem verdadeira relâmpago. Comece a transmitir, a transbordar amor incondicional, que você só receberá amor!

Então receberá uma chuva de bençãos da obediência por amor, que trará muita paz e prolongará nossas vidas, unidas pelo amor de cristo ...

Graziela de Souza Reis.

GIRAR ...

Mensagens do bem, transmitem o bem. Palavras do bem, lapidam nossos corações, onde somos flechados com o bem! E enfaixados com um laço de um abraço, com o sorriso de um riso, com um flash de uma foto, no celular do amigo com um selfs, no campo, no céu ou no Mar ...e no ar .... E porque não orar por um inimigo? Que no giro pode ser mais um amigo! perdido! Mas, que você o conduzirá para a igreja, para o bem e poderá lhe ensinar a conhecer e praticar os dez mandamentos, a praticar o amor.

Você vai girar, girar e girar .... mas só vai encontrar, quando descobrir que nossos merecimentos e dons são todos guiados por Deus...e que a cada dia podemos buscar mais e mais estar mais próximo do próximo! Que tal ler, emprestar ou doar um bom livro para seu amigo, a bíblia para seu inimigo, o tornará quem sabe mais um amigo. Plantar amigos, para colher amigos!

E, para ficar mais próximo do bem, da essência de uma flor, do cheiro de um amor. Ou voar mais próximo de um pássaro e ficar mais próximo do Centro, mais próximo de Deus. Você só precisa admitir que Deus é o centro de tudo. Centro da natureza, do universo dos homens e dos animais...Cuidar do meio ambiente, cuidar da nossa gente. Ensinar e aprender a preservar nossas nascentes, jogando lixo no lixo e evitar tantas enchentes!

Deus e sua lei, os Dez Mandamentos, são justos e verdadeiros. Puros, fiéis e santos. Conhecer Jesus e sua lei resume-se em aprender a viver mais e mais. Com qualidade de vida, cheio do espírito santo, com fé na ferida e com alegria todo dia. Significa girar... girar e encontrar um irmão, um amigo, um lugar de extrema luz, um abrigo.

Obedecer e praticar os Dez Mandamentos, traz sabedoria e longa vida. É um dom de Deus que todos podem seguir, transmitir e praticar .... E que tal seguir Jesus! E fazer diferente da massa, diferente da maioria, aceitar as diferenças para sermos iguais. E todo dia, amar e .....

COMPARTILHAR .....

Graziela de Souza Reis.

PRÓLOGO

O livro Dogmas e Poemas – "Compartilhar, tem o objetivo de mostrar e ensinar a prática dos 10 mandamentos, assim como através de dogmas e poemas a incentivar os jovens, independentemente da escolha de qualquer seguimento religioso, ensinar a conviver bem desde a família até na escola e no social.

Utilizar e desenvolver o dom de escrever, de transmitir, compartilhar como um meio de terapia ocupacional de modo light, melhorar o

comportamento, se espelhando na vida de Jesus, no carpinteiro, único Deus. Praticando os dez mandamentos, para melhorar a autoestima e poder mostrar para o leitor, o lado de sonhos e realizações, através do hábito de escrever poemas e preceitos próprios, tendo fundamento o texto dos Dez mandamentos. E, posteriormente, compartilhar uma mensagem, um áudio, um vídeo, um abraço ou a palavra de Deus, e por que não compartilhar e praticar os Dez Mandamentos?

Graziela de Souza Reis.

OS DEZ HAICAIS

Haicai –literatura– forma de poesia japonesa surgido no Século XVI e ainda hoje em uso. Composta por três versos com cinco, sete e cinco sílabas, que geralmente tem como tema a Natureza ou as estações do ano. Forma poética de métrica e acentuação adaptada a partir de um modelo criado no Brasil ....

1º) *Escrever
Artes Visuais ...
É amar!

2º) *Florir
Com a primavera?
É colorir o céu! ...

3º) *Amar no Verão
No inverno...
Com o coração!

4º) *Acabar com a corrupção
É amar com devoção...
Perdão! ...

5º) *Natureza, estações
Animais...
Haicai de Jesus!

6º) *Amar é...
Praticar
Os dez mandamentos!

7º) *Inovar ...
Orar ...
Amar! ...

8º) *Arma? ...
Com um abraço
Desarma!

9º) *Mãe, Pai
Professor ...
Aprendendo!

10º *Dia de sábado ....
É do Senhor!

Graziela de Souza Reis.

SER AUTÊNTICO

A minha única maldade que trago há anos, sem fumar,
É querer e tentar fazer justiça ....
Pois sou eu mesma, igualzinha ...
No face, ao vivo, no WhatsApp, no mar e no ar!

Graziela, Advogada, escritora, artista ...
Assim tenho vivido, assim tenho amado!

Olhar um para o outro ...nos dias nublados
Colaborar ....
ser feliz como os girassóis
É ficar mais próximo do Senhor

Pois a Arte vai além da vida
Arte poema
E quando perdemos o controle...
Num cenário Natural, entra o verdadeiro artista!
Protagonista de todos nossos momentos

Graziela de Souza Reis.

BREVE BIOGRAFIA DE MARIA AMABINI DE MORAES (D.FIICA) E SUA CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE MORRINHOS-GO

Hamilton Afonso de Oliveira[1]

"Vosso nome será lembrado e bem aventurado em todos os tempos, porque já tendes vosso lugar assegurado entre os imortais!" (Prof. Miguel Frauzino Pereira)

Com esta epígrafe começamos esta breve biografia resgatando uma efeméride de homenagem concedida a Maria Amabini de Moraes realizada no dia 17 de marco de 1957. Já se passaram mais de 62 anos do episódio, mas quem se lembra do ocorrido? Quem está vivo para relatar contar e reafirmar todas as obras que Maria Amabini de Moraes realizou em prol do povo e da cidade de Morrinhos? Quem atualmente sabe quem foi Maria Amabini de Moraes (D. Fiica)? E por que recebeu esta homenagem de reconhecimento de representantes da sociedade morrinhense, especialmente, das instituições educacionais e religiosas em 1957? Por que, de certa forma, deixou de ser lembrada e referenciada pela sociedade morrinhense? Será que seria pelo fato de ter sido uma mulher independente e à frente do seu tempo? Restam-nos por ora reavivar este momento, pois mais glamorosa que tenha sido

Figura 1 – Maria Amabini de Moraes (por volta do ano de 1.900)

Fonte: Acervo digital colhido do Museu Antônio Correa Bueno.

1 Membro da Academia Morrinhense de Letras. Doutor em História e professor da Universidade Estadual de Goiás Câmpus Morrinhos nos cursos de História e Programas de Pós-Graduação Stricto Senso em História e em Ambiente e Sociedade.

a sua vida e serviços, pressupostamente, prestados à cidade em um passado relativamente próximo, conforme testemunhas da época o seu legado está se perdendo e precipitando-se no esquecimento.

Esquecimento, é ao que parece, é o que todos estamos condenados à medida que o tempo passa nova gerações surgem com seus novos valores e histórias. Especialmente, se você for mulher em uma sociedade cujas tradições culturais – independentemente do gênero – se assentam no patriarcalismo. As pessoas e tudo que está à frente dos nossos olhos mudam rapidamente com passar de algumas dezenas de anos, mas, a cultura e a mentalidade, infelizmente não se transformam na mesma rapidez. Nossas tradições culturais, por mais moderna que determinada sociedade possa transparecer materialmente não se reflete da mesma forma na cultura e mentalidade. Cultura e mentalidade são aquilo que, na maioria, não percebemos e muitas vezes determina nossa forma de pensar, de ver o mundo e o outro, que por sua vez, reproduz de forma consciente ou inconsciente nossos preconceitos.

Por sermos uma sociedade historicamente por milhares de anos sermos de tradição cultural patriarcal, que não reconhece a devida importância do papel das mulheres na História, que as condenamos de forma mais rápida ao esquecimento. Talvez isto esteja ocorrendo com Maria Amabini de Moraes e é papel da História e dos historiadores ao longo das gerações o importante papel de escrever, reescrever e rememorar, por um lado, para que as coisas não caiam no esquecimento, e por outro, pelo conhecimento de experiências de vida e da História possamos dar o sentido às nossas experiências de existência em nossa breve passagem e finita existência neste mundo.

Neste trabalho de rememorar, escrever e reescrever a História requer, também, a colaboração direta ou indireta de várias pessoas ao longo do tempo. Esta pequena efeméride não teria sido possível de ser realizada, se alguém naquele tempo não tivesse tido preocupação de fazer o registo do ocorrido, neste caso, uma publicação em um folhetim local, de curta duração denominado *Avante!* Publicação vinculada ao Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes, que tinha como diretor o Padre Pedro Dall´ara e redatora Zilda Diniz Fontes. O mais importante está no fato de alguém

ter guardado a cópia deste folhetim por décadas, neste caso, o Prof.º José Frauzino Sobrinho que, meio por um acaso, chegou às minhas mãos já há alguns anos, mas., somente agora, juntamente com informações de outras fontes documentais históricas foi possível pensar e tentar reescrever de uma forma contextualizada um pouco da História de Morrinhos e de Maria Amabini de Moraes.

Figura 2 – Casas da rua de cima do Largo da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos (década de 1890)

Fonte: SILVA; MEIRA, 2017, p.493.

Maria Amabini de Moraes, nasceu no dia 27 de outubro de 1875 em Sant`Ana do Paranaíba no Mato Grosso. Era filha de José Maria da Silva Paranhos e Ana da Glória. A família se estabeleceu em Morrinhos por volta de 1880 quando ela tinha apenas quatro anos de idade. Naquele tempo Morrinhos era um pequeno povoado urbano com a denominação de Vila Bela de Morrinhos, – que foi elevada a esta condição pela Lei Provincial n.º 463 de 19 de julho de 1871 – o seu espaço urbano era muito diminuto e seguia algumas quadras que não ia além do Cemitério Público que ficava

na localidade em que hoje se encontra a Praça Raul Nunes (mais conhecida como Praça da Fonte Luminosa). Acima da atual avenida Couto de Magalhães, segundo memória de D. Elodia Ribeiro de Castro havia apenas "campos de guariroba, moitas de gravatás; entre eles, aqui, ali, casinhas de capim [...]. Na praça, onde hoje é jardim, na avenida Coronel Pedro Nunes, ficava a casa da Câmara a cadeia, pequeno prédio de dois andares. Ao fundo da praça, a casa da coletoria. No largo da Igreja (Nossa Senhora do Carmo), as casas eram mais juntas, algumas meio arruinadas lembrava a moda da velha capital, pegadas umas a outra"(OLIVEIRA, 2018, p.51). O Largo da Matriz seguido pela rua das Flores (hoje Cel. Pedro Nunes) cujo curso seguia o curso pela atual rua Goiás – então saída de Morrinhos para viajantes e comboios que se dirigiam ou vinham da cidade de Goiás – era o local de passagem e constituía o principal centro econômico, social e cultural da vila.

Conforme relato de Leite de Morais (1995), em viagem para assumir o governo da Província de Goiás, passou em Morrinhos em fins de janeiro de 1881 – e ficou hospedado no casarão do coronel Hermenegildo – chegou em tempos bastante chuvosos, logo na entrada da vila deparou-se com o velho cemitério mencionado, em ruínas onde se entrava a cavalo por todos os lados, havia sepulturas revolvidas e os muros que o cercavam estavam em escombros. As poucas ruas existentes, conforme o seu relato, estavam alagadas e intransitáveis e compreendia um espaço urbano bem diminuto de casas pequenas e espalhadas em torno de uma "cadeia ordinária" e uma "igreja sofrível." A impressão que Leite de Moraes, vindo de um grande centro urbano, não foi das melhores e fez questão de frisar se existia "vida, o trabalho, o progresso, a felicidade, tudo se concentra apenas na casa onde estamos hospedados" (MORAIS, 1995, p.85).

Oscar Leal (1980) que passou por Morrinhos, alguns anos mais tarde, em meados da década de 1880, quando Morrinhos já havia siso elevado à condição de cidade, notou algumas poucas mudanças, havia uma notável casa comercial (de propriedade do coronel Hermenegildo) e regos d´água atravessavam as ruas da cidade, "onde um míope como nós, se alta da noite por ela vagueia, volta de nariz enlameado para casa"(LEAL, 1980, p.41). Também notou que algumas casas novas estavam sendo edificadas em substituição a outras que não mais se conservavam de pé.

Naqueles tempos idos do século XIX, a rua de cima como era chamada naqueles tempos a barão do Rio Branco (ou do Comércio), era conhecida segundo memórias de D. Elodia de Castro, de histórias que ouvia contar das pessoas mais velhas, como sendo "a rua do Bacobré, do Pega-fogo e da Batucada. Compunha-se de casinhas ou meia águas. Ali viviam mulheres de vida pública. O batuque era, então, a dança privilegiada do pessoal da alegria. [...] Era o batuque de palmas e salteados, ao som de violas ali estrondava pelas noites afora"(OLIVEIRA, 2018, p.52).

Conforme Recenseamento Geral do Brasil de 1872, a população de Morrinhos era de apenas 2.303 habitantes, sendo 2.022 na condição de pessoas livres e 281 na condição de escravos. Desta população total mais de 70% era analfabeta, sendo que aproximadamente 80% não residiam na cidade, mas, na zona rural. Portanto, cerca de apenas 400 pessoas vivia na área urbana da cidade. Provavelmente, ao final do século XIX, esta população não chegava a 1.000 pessoas. Por ser uma pequena cidade, na década de 1880, havia somente cinco estabelecimentos comerciais: Casa Bom Gosto de João Gualberto Teixeira; Hermenegildo, Nunes & Cia.; José Luiz de Medeiros; Francisco Soares Pinheiro; e Eliézer Severino de Oliveira & Cia. Tratavam-se de pequenos estabelecimentos que vendiam de tudo um pouco: sortimentos de fazendas, ferragens, armarinhos, roupas chapéus, calçados, louças, molhados, sal, café, ferramentas, etc.

Foi nesta pequena cidade de casas rústicas de estilo colonial de grandes quintais, esparsas e com pomares, cortada por pequenos ribeirões e córregos – com destaque para o córrego Maria Lucinda que por décadas foi o principal manancial de abastecimento da cidade – que Maria Amabini de Moraes cresceu tornou-se mulher e veio a contrair enlace matrimonial no dia de 27 de julho de 1901 se casou com Hermenegildo Lopes de Moraes, – filho do coronel Hermenegildo Lopes de Moraes – que na época já gozava de grande prestígio econômico, social e político do Estado de Goiás – com quem permaneceu casada até 06 de dezembro de 1925, quando então era Senador da República veio a falecer no Rio de Janeiro.

Deste convívio não tiveram filhos, mas durante a vida matrimonial viveu na cidade do Rio de Janeiro e viajou por vários países da Europa, especialmente, cidades de Paris e Veneza do qual tinham muito apresso. Apesar

de ter passado grande parte da vida fora da cidade de Morrinhos sempre demonstrou ter um grande amor e carinho pela cidade de Morrinhos que a acolheu e apesar da grande perda com o falecimento do seu esposo, o Senador Hermenegildo, companheiro e um grande amigo de muitos anos, compartilhavam o sonho de tornar a cidade referência no ensino e educação. O Senador sempre lhe afirmava que "Morrinhos precisava de educandários" e mesmo com sua morte não poupou esforços e recursos financeiros para que viesse a ser concretizada essas aspirações com que compartilhavam juntos. Maria Amabini de Moraes pode ser considerada uma mulher que estava à frente do seu tempo, provavelmente, teve que superar muitos obstáculos e preconceitos, bem como, a resistência para a realização deste sonho.

Figura 3 – Ginásio Senador Hermenegildo – Década de 1950

Fonte: Acervo digital do IBGE

Foram anos de espera, para que, naquele tempo se conseguisse das autoridades eclesiásticas e educadores religiosos que acampasse a ideia e a incumbência de abrir dois grandes colégios religiosos em Morrinhos que era época, conforme foi apontado, era uma cidade muito pequena e com população diminuta vivendo em área urbana. Na década de 1930, ao que

parece, foi responsável por arcar com as despesas de construção dos ginásios: Senador Hermenegildo de Moraes para meninos – entregue à administração dos Padres Estigmatinos – e Colégio Maria Amabini de Moraes para meninas – entregue à administração das freiras Agostinianas – onde atualmente funciona a Prefeitura Municipal de Morrinhos. Fundou, também, uma Casa de Misericórdia que possuía prédio próprio e instalações, mas, que provavelmente, não chegou a entrar em funcionamento por falta de religiosas para tocar o empreendimento.

Além deste trabalho em prol do ensino, saúde e da Igreja, conforme relatado no Jornal Avante, dividiu centenas de alqueires de terras em pequenas glebas – região da Vera Cruz e proximidades do Ribeirão Pipoca – e vendeu a preços acessíveis e de longo prazo a pequenos lavradores que tinha o sonho de possuir um pedaço de terra. Provavelmente, algumas glebas destas terras devem estar nas mãos de alguns herdeiros. Assim como outros terrenos urbanos, que provavelmente, devem ter sido objetos de doações para a Igreja Católica e, também, ao poder público municipal. Fez, também, a doação de uma gleba de terra para que nela se fundasse um Patronato Agrícola – provavelmente, a chácara onde por muitos anos funcionou o Serviço de Assistência ao Menor (SIM) e a fundo funcionou o Curtume Morrinhos, na região da Santa Rosa – mas não se sabe se esta obra se efetivou, pois, pressupostamente, tratava-se que seria a construção de uma escola agrícola de formação para o trabalho na agricultura e pecuária se efetivou.

Informações colhidas do Jornal Avante, publicado em 17 março de 1957, quando recebeu a Medalha da Ordem Honorífica da Santa Madre Igreja, concedida pelo Papa Pio XII, das mãos do bispo Capitular da Diocese D. Abel Ribeiro Camelo. Mas que requer mais estudos para se aprofundar no conhecimento da relevância que esta mulher teve para a História da cidade de Morrinhos. Nesta solenidade, o professor Miguel Frauzino – então Diretor do Colégio Estadual Xavier de Almeida – e Guilherme Xavier de Almeida proferiu em seus discursos palavras de louvor e gratidão à distinta e grandiosa mulher e que foi considerada na época uma grande benfeitora do povo de Morrinhos.

Conforme noticiado no Jornal Avante, foi uma grande festa solene de homenagem que iniciou por volta das 15h em frente a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo e contou com grande presença de populares

e autoridades da cidade da época. Maria Amabini de Moraes recebeu diversas homenagens, especialmente, de estudantes e professores do Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes e do Ginásio Maria Amabini de Moraes. Pelo Ginásio Senador proferiu discurso o aluno da 3.ª série Paulo Crisóstomo da Silva que destacou em sua fala a de suas ações beneméritas para a educação da juventude da cidade de Morrinhos. Pelo Ginásio Maria Amabini a aluna Maria Eleniza Cândido que destacou "Dona Maria Amabini de Moraes [...] somente no Reino dos Céus encontram-se os valores à altura de seu merecimento. Do mais humilde ao mais opulento habitante de nossa cidade. [...] coam a fortuna que herdasse [...] aplicar-vos exclusivamente ao bem estar próprio e daqueles que vos fossem mais caros. [...] Assim foi que dedicastes vossa vida e vossa fortuna em prol da educação escolhendo justamente nossa pequena cidade para sua aplicação. [...] Dona Fiica como era conhecida, "fez mais e vem fazendo mais: deu-nos um cinema, fazendo Morrinhos acompanhar a evolução dos tempos modernos; construiu o belo prédio que faz o Cine-Teatro Hollywood um dos melhores do interior" (AVANTE, Ano 2, n.º 8, p. 3).

Neste mesmo folhetim ficou registrado, também, o discurso proferido pelo professor Miguel Frauzino, que destacou a importância da ação benemérita na sua vida por ter tido oportunidade de poder estudar no Instituto Dr. Hermenegildo Lopes de Moraes e, posteriormente, Ginásio Senador onde oportunizou lhe o acesso à educação básica, caso contrário, provavelmente não teria condições financeiras de ter acesso aos estudos em outros lugares e fez questão de elucidar se não fosse "à bondade de Dona Fiica [...] em todos os tempos vosso nome será lembrado nas vozes dos milhares de meninos e meninas que passam e passarão pelo Ginásio Maria Amabini de Moraes e Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes em busca das luzes do saber; vosso nome será lembrado pelos pobres e pelos sofredores e que continuamente buscarão alívio na Santa Casa de Misericórdia; vosso nome será lembrado pelas milhares de crianças órfãs, enjeitadas e sem recursos que se encaminharão na vida através do futuro Patronato Agrícola; vosso nome será lembrado pelas dezenas e centenas de famílias, a quem possibilitastes possuir seus próprios bens, amanhar suas próprias terras, loteando os latifúndios de suas fazendas vendendo pequenas glebas a pequenos preços a longo prazo aos trabalhadores rurais"(AVANTE, Ano 2, n.º 8, p. 4).

Com planta do projeto arquitetônico do engenheiro Jorge Félix de Sousa, o Cine Teatro Hollywood previa acomodação para 1000 pessoas, conforme noticiado no Jornal Folha de Goyaz em 14 de janeiro de 1945, o cinema começaria a ser construído fevereiro daquele ano e foi inaugurado em 26 de março de 1949. Por quatro décadas (1949-1989) foi um dos principais espaços de lazer e entretenimento da cidade de Morrinhos onde se fazia além da projeção de filmes de longa metragem em sua telona, peças teatrais e shows artísticos. Na localidade por muito tempo também ocorriam os principais eventos políticos e sociais da cidade. Construído em estilo arquitetônico *Art´Deco*, o Cine Teatro Hollywood, foi considerado pelos principais meios de comunicação da época como o mais luxuoso cinema do interior de Goiás com acomodação para 780 pessoas sentadas, palco com teatro e camarins.

Figura 3 – Cine Teatro Hollywood – década de 1960

Fonte: Acervo digital colhido do Museu Antônio Correa Bueno

Morrinhos de 1957, ano que Maria Amabini de Moraes, foi homenageada em que já era uma senhora de mais de 80 anos, não era mais a pequena vila de casas rústicas e esparsas e de aparência deprimente, conforme relatos de memorialistas e viajantes que outrora aqui viveram e que passaram pela cidade. Ao longo do século XX a área urbana passou por transformações, influenciadas pelas notícias e novidades apresentadas pela construção de Goiânia a moderna e nova capital de Goiás, Morrinhos foi modificando a sua paisagem urbanística, a começar pela construção da

nova Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo na década de 1930, modificações das fachadas de antigos casarões coloniais ou a sua destruição e construção de residências com estilo moderno de alvenaria: tijolos, telhas francesas, alpendres e fachadas, muitas vezes, seguindo o estilo *Art´Deco* a exemplo na nova capital que nascia com uma missão civilizatória conforme preconizavam seus idealizadores, especialmente, Pedro Ludovico Teixeira.

Morrinhos possuíam uma população, conforme o Recenseamento de 1950, de 20,8 mil habitantes, destes 1.600 viviam na área urbana (área central da cidade) e pouco mais de 3 mil já – sofrendo os efeitos da migração do campo para a cidade – já estavam ocupando a área suburbana da cidade (bairros periféricos da cidade: Noroeste – conhecido na época como o Açude -, o Morro da Saudade, São Francisco de Assis – que era conhecido popularmente como o "Cata Osso"– e JK) e mais de 8 mil pessoas ainda continuavam vivendo e trabalhado na zona rural. Cerca de aproximadamente 60% da população de Morrinhos declararam não saber ler e escrever.

Em 1957 a rua barão do Rio Branco já não era mais a rua do "Bacobré, do Pega Fogo ou da Batucada", mas o principal centro da vida social, cultural e comercial de Morrinhos, com destaque, além das diversas casas comerciais, o Cine Teatro Hollywood, o Bar Presidente e o Jóquei Club de Morrinhos. Mas, a Festa do Centenário realizada no mês de julho na data de comemorações da festa da padroeira de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos no mês julho – realizada no campo de futebol atualmente está a Praça da Rodoviária – continuava sendo o principal evento de gala frequentado pela elite morrinhense. A área urbana já se estendia para as proximidades do Cemitério São Miguel e do recém-inaugurado Estágio João Vilela (em 1956), que sempre aos finais de semana recebiam jogos do América Futebol Club do campeonato goiano ou partidas disputadas com times locais e regionais que a população morrinhense acompanhava com muito gosto.

Ao incentivar o desenvolvimento educacional e a cultura em Morrinhos, Maria Amabini de Moraes, de certa forma, também pretendia contribuir para dar à antiga e pequena Vila Bela de Morrinhos a modernidade em voga nos grandes centros da Europa e do Brasil, em que ela teve a oportunidade de experienciar, enquanto mulher, certa independência que há colocava como uma pessoa à frente do seu tempo.

REFERENCIAS

AVANTE! – Órgão do Ginásio Senador Hermenegildo de Morais Ano 2, n.º 8.

BIBLIOTECA DIGITAL DO IBGE. Disponível no site: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=441192 – acessado em 23 de jun./2019.

BRANDÃO, A. J. Costa. **Almanach da Província de Goyaz para o ano de 1886**. – Goiânia: Ed. UFG, 1978.

JORNAL FOLHA DE GOYAZ, em 14 de janeiro de 1945.

LEAL, Oscar. **Viagem ás terras goianas – Brasil Central**. Ed. UFG: Goiânia, 1980.

LEITE MORAES, J.A. **Apontamentos de viagem.** São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

OLIVEIRA, H.A. Lembranças de Morrinhos de uma escritora morrinhense de outrora. In. **REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS** (Org.). Ano 4. Vol. 4. Goiânia-GO: Kelps, 2018.

RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL DE 1872. Disponível: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf – acessado em 10 jul. de 2019.

RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL DE 1950. Disponível: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1950.pdf – acessado em 10 de jul. 2019.

SILVA, P.C.V; MEIRA, J.C. Dinâmica das transformações urbanas de Morrinhos-GO. In. **Anais do I Simpósio Interdisciplinar em Ambiente e Sociedade**: Os Desafios e Perspectivas na Relação Homem/Natureza/Sociedade no Século XXI. Disponível no site: https://www.anais.ueg.br/index.php/sias/article/view/12040/8830 – acessado em 23 de ju./2019.

REFLEXÕES SOBRE A FUNDAÇÃO DO ARRAIAL DE NOSSA SENHORA DO CARMO

José Afonso Barbosa.

Documentação histórica referente à cidade de Santa Cruz de Goiás, disponível nos arquivos da Diocese de Ipameri, leva à conclusão que a cidade de Morrinhos teve seu início em 1822. Neste ano, mais precisamente em maio, tem-se notícia dos Corrêa Bueno em Santa Cruz de Goiás, através do casamento de Jacinto Corrêa Bueno e Rosa Maria de Jesus, viúva de José Bernardes, casal que acompanhava a comitiva de Antônio Corrêa Bueno na sua viagem de Minas para Goiás.

Alguns historiadores preconiza em seus relatos, que os Corrêa Bueno chegaram a esta localidade em 1833, e deram início, não só ao povoamento do Distrito de Nossa Senhora do Monte do Carmo dos Morrinhos, mas também à construção da Capela de Nossa Senhora do Monte do Carmo e que sua concretização se deu em 1838, data esta gravada em um madeiro, possível resto do levantamento do humilde templo, e que tal relíquia estava sob poder de João Corrêa Bueno, descendente próximo da família fundadora do município.

Mas tal afirmativa merece reflexão: já que documentos históricos existentes na Diocese de Ipameri, referentes à Vila de Santa Cruz de Goiás, dão conta da família Corrêa Bueno naquela Vila, de 25 de maio, a 4 de junho de 1822, através da união matrimonial de Jacinto Corrêa Bueno e Rosa Maria de Jesus, sendo que o território do município de Morrinhos fazia parte daquela Vila, leva-se à certeza que no período que medeia 1822-1833, os Corrêa Bueno não teriam vivido em outra região do município de Santa Cruz de Goiás; se assim fosse, teriam fincado raízes em tal lugar e não viriam para a nossa região, haja visto que o território daquela Vila era um mundo sem fim.

De mais a mais, se fixada a fundação do Arraial em 1833, chegar-se-ia à conclusão de que o período de três anos apenas é muito curto para sua elevação à condição de Distrito, o que ocorreu em março de 1836, com

a instalação da Capela Curada de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Não haveria espaço de tempo adequado para sua organização nuclear e eclesiástica.

Partindo de 1822, percebe-se um encaixe mais admissível para sua formação espacial. O que lhe daria, sem dúvida, mais visibilidade e chamaria para si um maior número de migrantes.

Antônio Corrêa Bueno, filho de Jacinto Corrêa Bueno e Rosa Maria de Jesus, casado com Luduvina Maria de Jesus, sua parenta, em 26 de maio de 1847, com dezenove anos de idade, nascido em 1828, não foi batizado em Santa Cruz de Goiás, nem seus irmãos mais velhos, já que Jacinto Corrêa Bueno e Rosa Maria de Jesus se casaram em Santa Cruz de Goiás em 1822, e supomos que os batizados tenham sido feitos no Arraial de Nossa Senhora do Monte do Carmo por vigários (no caso, o Vigário da Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Santa Cruz de Goiás), que tinham sob sua responsabilidade freguesias de enormes extensões territoriais, que abrangiam, às vezes, até áreas de outros Estados do Brasil e que viajavam de fazenda em fazenda, de povoado em povoado para realizar suas missões eclesiásticas, e estas visitas levavam meses, às vezes anos, para acontecer e quando aconteciam, faziam-se casamentos, batizados, assento de óbitos e, ao voltarem às suas Paróquias, muitas vezes enfrentando tempestades, enchentes, ocorria a destruição dos livros de assento de casamentos, batizados, óbitos, perda de anotações, roubos... As viagens eram sempre feitas a cavalo, sob o sol e a chuva, dormindo ao relento, no meio de cobras e bichos, abandonados pela sorte, filhos de ninguém... É possível que devido a estes eventos, a documentação nem exista mais. Daí a impossibilidade de ser localizada. Além do mais, haviam também os padres viajantes, de Estados ultra distantes de Goiás que, de passagem pelos povoados e vilas, realizavam os mesmos ofícios, ou seja, casamentos, batizados e óbitos. E levavam nas suas malas os livros, que nunca mais davam notícias. Resulta, daí, também, o grande número de amancebamento existente na época citada, justamente pela falta de representantes da igreja junto às pequenas comunidades, para oficiar os casamentos, o que levava homens e mulheres a optar por amasiarem-se. "Vem daí o ditado: amigado com fé, casado é".

É sabido de todos que o nome primitivo de Morrinhos foi Nossa Senhora do Monte do Carmo. E por que Nossa Senhora do Monte do Carmo? Porque a família Corrêa Bueno era oriunda de Santo Antônio do Monte, Minas Gerais, daí a dupla homenagem, a Nossa Senhora e ao seu local de origem, Santo Antônio do Monte.

As pesquisas deixam claro que, dos irmãos: Antônio, Jacinto, Gaspar, Inácio, Vicente, Manoel e Caetano, os mais proeminentes, os que mais sobressaíam na sociedade da época eram, pela ordem, Jacinto, Vicente e Caetano. Jacinto chegou, inclusive, à patente de Capitão da Guarda Nacional, e tinha visibilidade também na área social e política local.

Em nenhum documento encontramos a rubrica de Antônio Corrêa Bueno. Daí a conclusão de que ele era muito retraído e analfabeto. Ou seria tal anonimato motivado pelo medo de ser descoberto pela justiça? É possível que sim. Uma vez que ele era fugitivo da justiça mineira.

Acreditamos, também, que ao chegar aqui para tomar posse de suas terras, o capitão Gaspar Martins da Veiga, tenha já se deparado com o povoado em plena expansão em sua gleba. Isso o motivou, a ele e sua mulher, Joaquina Maria de Jesus, pessoas despojadas, a fazerem a doação das ditas terras, área superior a seiscentos alqueires, a Nossa Senhora do Monte do Carmo, o que foi sacramentado por escritura pública no cartório de registro de imóveis do Arraial, a 26 de março de 1845, engordando e muito o patrimônio da Santa.

Tal gesto dá mostra da real grandeza do casal capitão Gaspar Martins da Veiga e Joaquina Maria de Jesus, pois eles doaram todas as suas terras no distrito, não visando com isso nenhum benefício próprio, pois, do contrário, teriam deixado chão em volta do povoado, para obterem lucros com a sua valorização.

José Corrêa Bueno, trineto de Antônio Corrêa Bueno alcançou grande notoriedade na sociedade local, no começo do século XX, exercendo vários cargos na política da cidade de Morrinhos. José Corrêa Bueno foi membro do Conselho Municipal nomeado em 12 de agosto de 1909, pelo presidente do Estado de Goiás, Urbano Coelho de Gouvêa, assim constituído: Etelvino Antônio de Castro, José Corrêa Bueno, Joaquim Fernandes Caixeta, Manoel Alves d'Aparecida, Belarmino de Castro, Antônio Alves de

Siqueira e Joaquim Theodoro Rodrigues. Presidente: Etelvino Antônio de Castro. A duração deste conselho foi até 12 de outubro de 1909. José Corrêa Bueno foi várias vezes conselheiro municipal.

Coronel João Lopes Zedes Filho, também trineto de Antônio Corrêa Bueno, filho de Exordina Corrêa Bueno e João Lopes Zedes, foi, da família Corrêa Bueno, quem mais se notabilizou na comunidade morrinhense, sendo juiz de Direito, comerciante, músico, inúmeras vezes conselheiro municipal, bem como presidente do Conselho Municipal em vários períodos. Culminando sua ascensão política, quando foi eleito primeiro vice intendente municipal juntamente com o Cel. Pedro Nunes da Silva e governou o município durante quase todo o quatriênio 1/11/1919-1/11/1923.

Observe que fato curioso este: na Comitiva Bandeirante de Bartolomeu Bueno da Silva de 1722, havia ali uma pessoa de nome João Lopes Zedes, com grande destaque na hierarquia daquela Bandeira. Pelo que conhecemos, era uma pessoa de elevada posição econômica, política e militar, o que lhe garantia prestígio junto ao chefe Bandeirante, Bartolomeu Bueno da Silva. Seis gerações mais tarde, um descendente daquele João Lopes Zedes, já no final do século XIX, também de nome João Lopes Zedes, viria para Morrinhos e se casaria com Exordina Corrêa Bueno, bisneta de Antônio Corrêa Bueno, fundador da cidade de Morrinhos e que fazia parte da família do Bandeirante. Aqui, João Lopes Zedes se destacou na sociedade da época, dando sua contribuição na política e no comércio, exercendo, com sabedoria, vários ramos da atividade comercial e industrial de nossa terra.

O sonho de Antônio Corrêa Bueno e de seus irmãos Inácio, Gaspar, Vicente, Jacinto, José, Manoel e Caetano (seu irmão Pedro não o acompanhou na vinda para Goiás), descendentes de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera (Antônio Corrêa Bueno, o líder dos irmãos) e fundador do arraial, que aqui chegaram em junho de 1822, via Araguari, Catalão, Santa Cruz de Goiás, procedentes de Patrocínio (MG), porém, oriundos de Santo Antônio do Monte, haja visto que neste ano há notícia da família Corrêa Bueno em Santa Cruz de Goiás, através da união matrimonial de Jacinto Corrêa Bueno e Rosa Maria de Jesus... União esta que os levou à presença do Vigário duas vezes, pois a primeira foi anulada.

> Aos vinte e cinco de maio de mil oitocentos e vinte e dois, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Santa Cruz de Goiás, pelas oito horas do dia, em minha presença e das testemunhas abaixo assinadas, por palavras de presente, [celebrei] o casamento de Jacinto Corrêa Bueno, filho legítimo de João Caetano Corrêa Bueno e Antônia Maria de Jesus, natural e batizado na Capela de Santo Antônio do Monte, filiada à Matriz da Vila de Tamanduá, Bispado de Mariana, com Rosa Maria de Jesus, viúva que ficou por falecimento de José Bernardes, e não lhes dei [?] as bênçãos nupciais por ter a contraente já recebido em outras núpcias e para constar fiz este assento. Vigário Colado Antônio Joaquim Siqueira. Fonte: Arquivos da Diocese de Ipameri, Goiás.
>
> Nove dias depois.
>
> Aos quatro de junho de mil oitocentos e vinte e dois, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Santa Cruz de Goiás, pelas nove horas do dia, em presença das testemunhas abaixo assinadas, revalidei o casamento de Jacinto Corrêa Bueno e Rosa Maria de Jesus, casados antes nulamente por dois impedimentos dirimentes, por falta da assistência, ou licença do seu legítimo Pároco e afinidade em segundo grau por cópula lícita de que foram dispensados pelo Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Governador desta Prelazia, José Joaquim Pereira da Veiga e para constar fiz este assento. Fonte: Arquivos da Diocese de Ipameri, Goiás.

É possível que a localidade onde teve início o Arraial de Nossa Senhora do Monte do Carmo já viesse sendo habitada por inúmeros fazendeiros que vieram ocupar as terras ociosas da região décadas anteriores, servindo como exemplo, segundo documentos encontrados no Arquivo Histórico de Goiás, na Praça Cívica, Goiânia, a Fazenda da Vera Cruz, que foi apossada por Felippe Pereira Coimbra, e depois vendida a Joaquim Vieira dos Santos e a Estulano Vieira dos Santos, isto em seis de setembro, de 1828. Depois, Joaquim Vieira dos Santos vendeu sua parte (meação), a Domingos Nicomedes de Lima, conforme se vê dos documentos junto dos autos. Os limites atuais da Fazenda Vera Cruz são os seguintes:

> Pela parte do Nascente com a Fazenda da Formiga ao Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo; pela parte do Norte, com a Fazenda da Formiga e Bom Jardim da Barra; pela parte do Poente com a Fazenda da Serra ou Trás-os-Montes e pela parte do Sul com o Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo; conforme se evidencia do documento número cinco... O imóvel está avaliado em quinze contos de réis... Morrinhos, 29 de outubro de1917.

Tendo em vista que as Entradas e Bandeiras comandadas pelos paulistas no primeiro quartel do século XVIII, tendo como líder dos Bandeirantes, Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, filho, que descobriu pela segunda vez as jazidas auríferas, no rio Vermelho e adjacências, e fundou Vila Boa (1727), seguindo as pegadas do pai, de 1682, sendo que o filho tinha apenas 12 anos de idade e acompanhou o pai na primeira incursão desbravadora do sertão goiano, descobrindo, ainda, as "Águas Santas" de Santa Cruz, depois Águas Quentes de Caldas, Ribeirão das Águas Quentes, no pé da serra (1722), sendo que a fundação do Arraial de Caldas Novas se deu em 1850 e (mais de meio século após a descoberta, já em 1777, o paulista Martinho Coelho de Siqueira, que estava na região à procura de ouro e pedras preciosas, descobre, por acaso, a Lagoa de Pirapitinga. Seus cães, quando caçavam catingueiros na mata, caíram nas fontes termais escaldando-se todos, e saíram ganindo desesperados chamando à atenção de Martinho Coelho de Siqueira, que pôde constatar in loco à fervura das águas). Ele que vinha em busca do ouro no Centro-Oeste do Brasil, a conquista do sertão, a caça ao gentio que era abundante nesse sertão de meu Deus, para ser usado como mão de obra escrava, o alargamento das fronteiras, já havia passado por *aqui* e deixado seus rastros nas picadas, nas matas, feitas a facão, foice, machado, enxadão, serras, picaretas; picadas que ligavam Santa Cruz de Goiás, a Serra de Caldas, daí a Nossa Senhora do Monte do Carmo dos Morrinhos (e de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos), seguindo pela Estrada do Café, até o rio Meia-Ponte, na altura da Usina do Rochedo, seguia a picada via Vila do Alemão, Vila de Anicuns e Vila Boa, com sinais de pontes e pontilhões de madeira nos pequenos rios e ribeirões, de difícil travessia, onde os carpinteiros se debruçavam no trabalho duro de derrubar as árvores, lavrar as madeiras, para a feitura das rudes pontes,

já que os grandes rios os Bandeirantes atravessavam-nos, eles e os cães, os cães vintenas, a nado; os cavalos, meia centena, também. Centenas de homens brancos, escravos negros e índios (os escravos negros e índios para o transporte de cargas) utensílios domésticos, mantimentos, ferramentas, armas e munições, atravessavam de canoas feitas na beira dos rios, pelos marceneiros que acompanhavam as Bandeiras e levavam vários tipos de ferramentas de carpintaria existentes na época, para a confecção de canoas para transpor os rios. As bagagens de maior peso eram atravessadas sobre paus, amarrados uns sobre os outros, com embira, tipo jangada, e puxados pelos homens nas canoas seguindo de viés o rio. Tal evento, foi empurrando os índios Caiapós sertão adentro os que escaparam à invasão devastadora dos homens brancos, mais precisamente para as bandas de Mato Grosso, deixando esparsas povoações às margens de rios e ribeirões (povoações que plantavam e colhiam os grãos básicos, arroz, feijão, milho e raiz de mandioca, para socorrer os Bandeirantes no seu retorno, aliviando-lhes a fome) expandindo assim as divisas do país, rompendo deste modo com o Tratado de Tordesilhas (assim chamado por ter sido assinado na povoação castelhana de Tordesilhas) firmado entre Portugal e Castela (atual parte de Espanha), em 7 de junho de 1494, que definia a partilha do novo mundo entre as duas Coroas, um ano e meio depois de Cristóvão Colombo ter reclamado oficialmente a América para Isabel, a Católica. Pelo seu traçado original, o território do nosso país seria reduzido a um terço do que é hoje, pois as terras descobertas a Oeste do Meridiano a 370 léguas das ilhas de Cabo Verde, pertenceriam à Espanha. As terras descobertas a Leste, pertenceriam a Portugal. As bandeiras foram expandindo as fronteiras do país, transformando-o num continente gigantesco. Tanto é verdade que Antônio Corrêa Bueno e comitiva chegaram aqui em muares e carros de bois, prova cabal de que a civilização já havia passado por aqui, deixando, inclusive, vários habitantes na região. Há notícia de um Júri aqui presidido pelo Juiz de Paz, Alferes José Antônio da Silva, em que a vítima era José Pereira Sardinha, e como escrivão, funcionou Antônio Ribeiro da Silva e tal documento tem o número 43, quer dizer que 42 assuntos de interesse jurídico foram propostos anteriormente no Distrito. Para melhor entendimento, vamos transcrever o documento na forma como se encontra:

> No ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oito centos e trinta e oito aos sete dias do mês de Março do dito ano neste Distrito de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, em Casa da residência do atual Juiz de Paz, Alferes José Antônio da Silva, onde eu Escrivão ao diante nomeado vim e sendo ali por ele me foi dado um auto de corpo de Dellicto com seu Despacho ordenando-me a assentasse e autuasse para efeito de pôr ele serem inquiridas e perguntadas as testemunhas o qual em razão do mesmo ofício tanto devo e sou obrigado a aceitar e autorizei que o assunto se segue que para constar faço o presente eu, Antônio Ribeiro da Silva, Escrivão que o Escrevi. Fonte: Jornal O Liberal, ano XVII, nº 12.

Antônio Corrêa Bueno viera para Goiás fugido da justiça mineira. Depois de sérias ameaças de morte feitas por um desafeto, o qual, por motivo de dívidas de jogos, fora atingido por um tiro de garrucha disparado por Antônio Corrêa Bueno, o qual se encontrava na zona meretrícia de Santo Antônio do Monte, causando-lhe enorme desassossego. A vítima após se recuperar dos ferimentos passou a persegui-lo através de emboscadas, chegando mesmo a feri-lo levemente no ombro esquerdo, na calada da noite. Para evitar um mal maior, Antônio Corrêa Bueno veio com a sua família para o sertão de Goiás, onde poderia viver sossegadamente, sem os sobressaltos da violência que rondava sua vida em Minas Gerais, de onde, se não fugisse, teria ainda que responder a processo por tentativa de homicídio. (Antônio), e irmãos decidiram construir neste local um arraial e fizera (Antônio) o juramento de erguer logo acima do Córrego da Morada (atual Córrego Maria Lucinda), local do assentamento, uma Capela em honra a Nossa Senhora do Monte do Carmo, se aqui fossem felizes, ele e seus familiares e que para isso contavam com a proteção e amparo da Santa, da qual eram fervorosos devotos.

Logo foi construída uma capelinha simples para as necessidades devocionais dos habitantes do arraial. Em 1836, os moradores do Distrito reverenciaram com alegria a inauguração da Capela Curada de Nossa Senhora do Monte do Carmo dos Morrinhos, tendo à frente dos trabalhos missionários o Capelão Misael da Costa Vale.

É uma pena, que Antônio Corrêa Bueno, filho legítimo de João Caetano Corrêa Bueno e Antônia Maria de Jesus, natural e batizado na Capela

de Santo Antônio do Monte, filiada à Matriz da Vila de Tamanduá, Bispado de Mariana e sua mulher, Maria Joaquina de Jesus, já não estavam mais vivos para presenciar o maior acontecimento de Vila Bela, que foi sua emancipação política, ocorrida em 29 de agosto de 1882. Ele morreu no início da década de 1860. Sua mulher, em 28 de junho de 1853. Há a informação de que Antônio Corrêa Bueno contraíra novas núpcias, após a morte de sua mulher Maria Joaquina de Jesus, porém, tal informação não procede. Há o registro de casamento de Antônio Corrêa Bueno, filho de Jacinto Corrêa Bueno e Rosa Maria de Jesus, em maio de 1847.

> Aos seis dias do mês de maio de 1847, nesta Capela de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, filiada à Matriz de Santa Cruz de Goiás, em minha presença e das testemunhas abaixo assinadas, receberam em matrimônio, por palavras de presente, Antônio Corrêa Bueno, de idade de dezenove anos, o qual vive de agricultura [?], filho legítimo de Jacinto Corrêa Bueno e Rosa Maria de Jesus, com dona Luduvina Maria de Jesus, de idade de dezoito anos, filha legítima de Eduardo Ferreira Nunes Carlota e Maria de Jesus, brancos, dispensados do impedimento de consanguinidade e para constar fiz este termo. Assinam com as testemunhas, Antônio Ribeiro da Silva e Francisco de Araújo Pinheiro, o Capelão Misael da Costa Valle. Fonte: Paróquia de Nossa Senhora do Carmo. Morrinhos, Goiás.

Reside aí a confusão que se criou em torno de um possível segundo matrimônio de Antônio Corrêa Bueno, sendo que na verdade quem havia se casado era seu sobrinho homônimo, já que era muito comum um irmão homenagear outro irmão, dando o nome do tio ao filho. Como as famílias eram imensas e as homenagens eram estendidas a toda a irmandade, virava uma tremenda confusão, já que raramente existia o distintivo, "Júnior", "Filho" ou "Neto".

Texto extraído do Livro "Os frutos da Terra".

MULHER AMAZONA E A MÁQUINA DO TEMPO

Através da janela da alma, ela costumava ver chuvas intermitentes deixarem as pastagens e os capins verdes, que se alastravam com uma rapidez impressionante alimentando o gado e trazendo esperança e aspirações aos fazendeiros daquela região. Muitas vezes, ainda com oito anos de idade, montava no cavalo Alecrim e saía a galope para campear gado ao lado de seu pai, e demonstrando destreza com a lida animal, segurava as rédeas e o animal lhe obedecia cegamente; galopava veloz, como a uma amazona; fazia curvas mirabolantes arranhando seu corpo e pés nos galhos das árvores, enquanto as patas do cavalo roçavam a relva úmida que já tomava conta da trilha feita sobre o chão batido. Seus cabelos castanhos e cacheados subiam e desciam com o toque do vento, enquanto o seu olfato recebia e armazenavam perfumes que vinham das flores tão abundantes naquele sertão goiano.

Hoje, ao reprisar aquelas cenas, deparo com um rosto maduro que há décadas entrou na moldura de meus olhos e se estabeleceu, mas que vez ou outra, as antevejo no espelho da vida. Quando adolescente, em razão do trabalho árduo no campo, achava que poderia lhe florescer sobre o corpo formas estabanadas, rudes, masculinizadas; no entanto, a natureza deixou-lhe em torno de si a sensualidade e fez de seus gestos algo sublime; é como o repouso de uma garça sobre o rio; é como o voo alinhado

dos pássaros que cortam o céu azul ou de uma pétala de rosa que cai e é levada com suavidade pelo vento.

Mas aquela menina tornou-se adolescente. Largou a pradaria e deixou por lá as rédeas e cordas que ficaram somente na memória, cujos laços, hoje, são apenas imaginários e que só ela é capaz de lançar ao ar em momentos propícios para segurar, frear homens, mulheres e jovens errantes. Menina que também em lágrimas teve que desatar de seu corpo os laços familiares para encarar os estudos numa pequena cidade do interior. Essa pequena amazona que enfrentou um mundo novo, desconhecido, construído por carteiras escolares e uma disciplina medieval imposta por um colégio de freiras de uma cidade interiorana. Menina que continuou desatando os laços que a prendiam por detrás de um muro e, com as bênçãos dos pais, seguiu seu caminho para completar seus estudos e pela estrada de chão, esburacada, pegou o ônibus rumo à Capital em busca de um futuro melhor ou de seu próprio destino. A sorte estava lançada. Menina-adolescente que venceu obstáculos e a solidão imposta pela distância, às vezes amenizada pela presença constante de amigas vindas também do interior. Adolescente que se tornou mulher, namorou, casou e tornou-se boa esposa, mãe e avó. Avó que voltou a ser criança quando pega nos braços os netos, e feliz, rola no chão, brinca com coisas infantis, tudo no afã agradá-los e fazê-los rirem de suas palhaçadas. Ao passar pelos canteiros da vida soube regar com águas límpidas as sementes plantadas e a satisfação de vê-las produzir frutos recheados de amor, de moral, de carinho e ainda, de poder deixar nesse canteiro, um pedaço de seu quinhão de vida para serem doados aos menos favorecidos, igualitariamente, de forma que todos, indistintamente, pudessem continuar compartilhando de um mundo melhor e mais humano.

Mulher que mudou para sempre o sentido de minha existência, pois o amor quando é dedicado esmorece qualquer coração teimoso, em especial aquele que durante longos anos desacostumou-se dos aconchegos e, muitas vezes, nem chegou a ter colo. E foi naquele cursinho que

iniciamos a jornada que a vida nos imporia. Lá ou fora, durante anos, debruçado sobre livros, cadernos, olhares de soslaios e carícias mais audazes, soubemos administrar diferenças, gosto e estilos. Mas, hoje, quando terminei de escrever esta crônica que intitulei: "Mulher amazona e a máquina do tempo", claro que não poderia deixar incluir nela frases de sua importância para mim, pois há décadas ela deixou os laços paternos e não titubeou em aceitar o meu mundo e a minha maneira de ser, mas sempre mantendo o equilíbrio, e no rosto angelical e atos, a mantença de uma meiguice racionalmente impossível. Tão doce que constrange minhas amarguras. O seu olhar castanho-claro sempre foi uma flecha extensiva, aquela de longo alcance que outrora vagou pela terra como se fosse um pássaro em busca de sua cara metade, para, num final de ano, em pleno solstício de verão, flechar-me para a eternidade.

Como bom observador, aprendi que a maior parte das lições dadas por ela e que o próprio tempo foi me mostrando paulatinamente, foi a bondade. Vi que cada ato dela planava sereno em suas ações e eu sentia que precisava continuar sendo uma pessoa boa, bom pai, bom marido e avô, leal, responsável, amado, seguro, respeitado e ter sempre Deus no coração, porque sem ELE, tudo se torna mais difícil. Mulher que, para mim, continua sendo aquela menina amazona, não obstante hoje saiba manusear um computador e a destreza de cavalgar na máquina do tempo, logicamente mais veloz, sem os percalços impostos pelas relvas e curvas. Sem rédeas e apenas com o apertar de um botão, sabe que poderá lançar ao mundo os seus laços repletos de meiguice cujas cordas são adornadas e levadas pelas asas da imaginação. Essas cordas tecidas pelas suas próprias mãos me enlaçam de forma sublime e com o passar do tempo vão se reforçando com as molduras do amor, ternura e sua dedicação peculiar. Mulher guerreira que eu e todos chamamos carinhosamente de Maria.

Vanderlan Domingos.

MORRINHOS, MINHA POMARES

Não sei se dou um sorriso, se choro ou canto
E se enxugo minhas lágrimas com qualquer manto,
Só sei que preciso afagar o choro e diminuir meu pranto,
Só sei que preciso tirar de mim certo desencanto.

Oh! Morrinhos, minha querida Pomares!
Que se esconde detrás de morros e montes
Para proteger seu povo de outros ares,
E de gente improdutiva que secam fontes.

No barulho constante dos cavaleiros viajantes
Que passam por ti, apeiam e vão embora,
Deixam-na para trás e se unem a emigrantes
Mas você cresce e do sucesso corrobora.

Guardo intacto em minha memória
Nomes, rostos, risadas e até minhas pegadas,
Lembro-me do cavalo baio que já conhecia a trajetória
E eu que nunca esqueci das estradas esburacadas.

Morrinhos de ti não esquecerei jamais,
Nem de teus belos pomares esparramados nos quintais.
O tempo passou e pode até não se lembrar de mim,
Mas eu sou aquele menino apelidado de Delozin.

Vanderlan Domingos

Usemos o tempo presente para sermos felizes, mas jamais devemos esquecer o passado, pois ele, sem dúvida, é que nos abasteceu de sorrisos que hoje carregamos, e mesmo sem motivos, é uma prova de que a felicidade existe, e cada dia vivido, nada mais é do que uma vida inteira na plenitude da felicidade.

Vanderlan Domingos

MINHA PEQUENEZ DIANTE DO UNIVERSO

Não sei se é defeito meu, mas tenho uma paixão imensa pela natureza e, principalmente, quando vejo o pôr, o nascer do sol ou da lua. A grandeza do universo redimensiona minha pequenez diante da natureza. Por mais que a miro, observo que ela é maior do que eu penso. Ao mesmo tempo, ante aos colossais elementos do universo, seja olhando as estrelas ou o cosmos, posso sentir a sua grandeza criada de forma espetacular pelo nosso Pai Celestial, que pulsa e que gira dentro dele, que é latente e sinto que cada pedaço está impregnado nos degraus de minha consciência. Somos apenas um grão de areia em relação ao universo, como nossas emoções e características do nosso atual estágio de ser humano na terra também são. Como uma pedra bruta, a natureza em mim dorme como a um anjo e a sua beleza estética nem precisa ser esmerilhada, pois nós, como ele, nascemos do aperfeiçoamento do caráter.

Vanderlan Domingos.

O TEMPO PASSA, O TEMPO VOA...

Pode-se ver nos textos que postei, mesmo sendo todos recentes, que o tempo passa e que as coisas mudam; mas independentemente do que passou e do que mudei isso não me tirou o desejo de estar aqui compartilhando

alguma coisa com vocês e nunca vai mudar. Na realidade, existe um tempo em que as nossas dores passam, em que todas as coisas mudam, em que as vitórias se completam

Existe um tempo em que as feridas secam, existe um tempo em que as marcas se apagam e em que as vontades se saciam. Existe um tempo em que nossas vidas se encontram e que nossos sorrisos se cruzam e nossos relógios param. Verdade, verdadeira, eu acho que tudo isso é o nosso tempo que voou e voa, mas que deixa a gente sempre numa boa.

Vanderlan Domingos

O SOL DA VIDA

O sol que passava pela janela, iludia-me. Maliciosamente me enganava como aquela tinta que esparramei sobre as rachaduras de uma velha parede que, mesmo após ser pincelada, ainda encontrava dificuldades em se revelar a si própria. Aquiete-me e um silêncio pairou em meu quarto procurando não se indispor contra o astro rei, o sol. O belo e acolhedor que nos dá vida nunca me informou quantos raios têm, então, o jeito foi, pacientemente, em razão de o belo entardecer, e pelo palpitante nascer da doce lua, somente parar para ver o tempo passar, certo de que ele passaria e se manifestaria sobre o dia de amanhã.

Vanderlan Domingos

O PORQUÊ EU CRIEI UM BLOG

A cada passo que a gente dá, vemos o mundo desabar à nossa frente. Somos obrigados a escrever e mostrar aos leitores o que se passa; assim, diante de diversos contrastes que a vida nos mostra é que me motivou criar

um BLOG para compartilhar essas nuances. Quando levamos juntos, através da escrita a nossa felicidade, sentimos que ela se contrasta com uma mistura de angústia, sofrimento, dor e medo. Daí, vêm calafrios, incredulidades diante da maldade humana, pois notamos que muitos fingem não enxergar o óbvio, e que é possível que existam entre eles e suas mentes outros contrastes mais profundos, chegando-se à conclusão que a humanidade está doente ou doente está o mundo.

Vanderlan Domingos

CONVERSANDO COM O CORAÇÃO

Nesta semana meu coração saiu do ritmo normal. Desconfiado, fui ao meu médico cardiologista e durante o trajeto perguntei a ele (ao meu coração): O que está acontecendo? Ele respondeu: Como assim? E continuou respondendo: Pois bem, não queria te incomodar, mas tem alguma coisa dentro do seu peito que não condiz com a minha função aqui, então, vá mesmo ao médico e se ele descobrir a causa eu acredito que poderá estancar alguma coisa que me apoquenta e me traz certa ansiedade, e se entender isso, acredito que mágoas deixarão de existir e minimizarão qualquer sofrimento ou dor que estão de confrontando dividindo-nos entre a razão e emoção... Não sei quem vai sobrepor, mas ao final, sei que trará bons fluídos e virão desprovidos das rixas provocadas entre a razão e emoção; eles te acompanharão e o protegerá nos dias frios e quentes, nas noites escuras e vazias, nos momentos de tempestades e nas horas em que você se sentir só... Que esses fluídos sejam tão grandes que possam envolver seu corpo em um abraço carregado de ternura, de forma que você se sinta seguro e amparado durante a sua caminhada e possa ultrapassar os obstáculos que a vida possa impor.

Moral da história: De fato, conversei com meu coração antes de ir ao médico e só lá fiquei sabendo que ele realmente estava sofrendo...

Vanderlan Domingos

O MENINO, O DIABO E O PRESIDENTE

Ao contar esta história
Nada mais é do que uma trajetória
De um menino poeta ousado
Nascido na periferia, descamisado
De vida pobre, sofrida
Mas bom garoto, um ser humano
Que declama poesia em qualquer plano.

Quando nasceu foi recebido com gosto
E dele ninguém teve desgosto.
Era uma criança esperta e sadia
Que brincava na rua todo o dia
Tomava banho em rio poluente
E não gostava de tomar banho quente.

Tinha pouco mais de dez anos
E corria igual a um gato
E mais que outros bichanos.
Certo dia seu pai pensou,
Pensou tanto que até cansou
De proibir este menino tão ligeiro
Que mais parece um mensageiro
Quando declama poema o dia inteiro
Atazana e poetiza em qualquer arena
E de ninguém ele tem pena.

Apesar de sua pouca idade
Tem muita personalidade
Declama com muita alegria
E alguns poemas são de sua autoria
É um menino inteligente, de voz forte
E o vídeo que postou foi visto de sul a norte
Certo dia, injuriado com a política, declamou
Postou-se diante da câmara e conclamou
Ele falou dos insumos do capeta, venenos e tudo mais
Que sempre prejudicou os nossos ancestrais
Seu belo texto tem muito significado
Tanto pela forma em que foi colocado
Quanto o modo que falou de peito aberto
Foi tão rápido como a luz ou o vento
Para alcançar qualquer gente ou elemento
Pois pensou em ser fiel
Agir como o anjo Gabriel
Pra defender o povo e sua gente
Até de o corrupto Michel,
Que mais parece o diabo ou uma serpente
Que há anos vinha prejudicando muita gente

Vanderlan Domingos

EXEMPLO A SER SEGUIDO...

Helenízio Antônio Marciano.

Tenho procurado, sempre, em minhas narrativas, acentuar nos municípios proprietários de lotes urbanos a promoção de melhoramentos, de tapumes nos mesmos. Minhas críticas, que considero construtivas, ainda não atingiram seus almejados resultados, infelizmente!

Os terrenos baldios, sujos e infestadores de nossas vistas permanecem inalterados: feios e deprimentes.

Hoje, pela manhã, percorri os pontos que considero piores em nossa cidade: terreno defronte à Caixa Econômica Federal, de um grande comerciante de nossa Morrinhos; lotes perto da Rodoviária (cem metros) à Rua Major Limírio com D. Pedro II, também de abastado comerciante; outro, frente-a-frente com Móveis Dular e os situados perto do ex-hospital Nossa Senhora do Carmo de propriedade de endinheirados fazendeiros. Querendo, evidentemente, poder-se-ia exemplificar outros lotes, como o situado frente ao Supermercado Fazendão, todos em situações deprimentes e irregulares com o Código de Posturas e Obras de nossa municipalidade. Uma vergonha, na verdade...

A prefeitura municipal de Rio Verde, na edição de "O popular" de 22 de agosto de 1989, publicou uma NOTIFICAÇÃO aos proprietários de imóveis localizados nas diversas ruas e avenidas daquela localidade, confirmando que fará realizar os serviços de construção de muros, passeios e reparos nas testadas e laterais quando for o caso, das respectivas propriedades, em cumprimento a Decreto Municipal, deste ano. Um exemplo a ser seguido por nossa prefeitura, pois os bons caminhos devem ser seguidos por todos. Rio Verde, hoje, é uma das maiores cidades do nosso Estado e, brevemente, segundo seu prefeito será transformada na mais bonita e ordeira de Goiás.

Morrinhos é tida como uma das melhores cidades para se viver em nosso Estado, faltando muito pouco para ser considerada a mais bonita, mais limpa..., para tanto, as calçadas deveriam ser melhores ou construídas, os terrenos baldios deveriam ser limpados e erguidos muros. A grande escritora Lígia Fagundes em seu livro "Histórias de Desencontros", página

83, diz: "as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em vastos terrenos baldios", e, numa comparação grosseira pode-se comparar alguns trechos de nossa Morrinhos com o exarado pela eminente autora, não é verdade?

O AMOR É O ALICERCE DA VIDA FAMILIAR.

Helenízio Antônio Marciano.

Como passam rápidos os anos... nossos filhos crescem e quase não notamos, por quê? Precisamos repensar nossas vidas, nossos caminhos... urge que dediquemos mais tempo, muito mais tempo aos nossos amados filhos. Num repente, eles cresceram e, nós, seus pais, estamos envelhecendo, em longas vezes sem abraçá-los, beijá-los ou sermos, realmente, seus melhores amigos.

Criar filhos é bastante complexo, sem dúvida, todavia se criá-los com amor, afeto, atenção, dedicação, razão e sentimento, eles poderão galgar melhores posições na vida, ou, pelo menos, não ingressarão no sórdido mundo das drogas, das bebidas, do crime em geral.

O amor remove montanhas e só o amor pode construir um mundo mais ameno, sem as oscilações perturbadoras do desnível social. Hoje, mais do que nunca, compreende-se que devemos ser mais do que pais; nossa obrigação é infinitamente superior, devemos ser amigos, confidentes e uma série de outras coisas que possam agregar nossa família e não jogá-la nas barrancas das desilusões, da incompreensão...

O rapaz necessita de nossas orientações, de exemplos sadios, justos, pois ele será, no futuro, a viga-mestra, a peça de sustentação da família. E de amor, é lógico!

A mocinha precisa de afeto, da orientação segura, do amor, do carinho, pois a ela, acima de tudo, se alicerça nas aspirações da união familiar. A moça é um desabrochar de sentimentos, um despertar vigoroso de vida, é uma parte de todos os sentimentos mais nobres e puros...

A menina, sempre, é a corda de nossos corações, é o pulsar de nossas veias, o brilhar de nossos olhos...

A família é o reencontro de gerações. É a volta ao passado, a eternidade do presente, a busca do futuro.

O homem, para ser feliz no seio de sua família, não precisa de acumular montanhas de dinheiro, sem rios de bens materiais; necessita é de repensar os valores humanos e de uma família unida, que concentre nas virtudes humanas o limbo de todas as aspirações e, raramente, chegamos a tais conclusões, tais sensações e tantas verdades. O homem, na ânsia de adquirir bens materiais, torna-se um carrasco de si mesmo, machuca os seus entes mais queridos por minúsculas partículas materiais, sem imaginar que da vida não leva nada, a não ser a própria vida que leva.

Viver para a família, adorar, mais ainda, a esposa, filhos, irmãos, dedicar mais atenção aos amigos, idolatrar, mais ainda, os pais, são coisas simples, entretanto que o homem parece ter esquecido...

Continuar sendo simples, honesto, trabalhador e amigo de todos, é uma dádiva Divina. Um imperativo do ser humano.

Não precisamos de amarras, temos necessidade de harmonia, paz, amor.

Busquemos, todos, a paz de nossos lares, esqueçamos as desavenças, as ingratidões, a eterna vigília de bens materiais. A alegria está tão perto de nós e, quantas vezes, imaginamo-la esteja do outro lado da meia-noite.

No dia em que todos tiverem consciência de que só o amor constrói, o mundo transformar-se-á no paraíso para todos.

O BRASIL PRECISA DE UM PRESIDENTE...

Helenízio Antônio Marciano.

A eleição presidencial dar-se-á, após 29 anos, a 15 de novembro próximo. Na disputa eleitoral existem, pelo menos, oito candidatos em potencial, entretanto, Fernando Collor de Mello, o jovem ex-governador "das Alagoas" é o preferido nas pesquisas de intenções de votos.

Collor de Mello, 39 anos, desponta como o salvador-da-pátria esperando-se, é lógico, não seja mais um "Sassá Mutema", ou mesmo a Rainha despótica e corrupta do Reino de "Ávila". Os moços de 16 anos, que segundo consta, queriam tão somente licença para dirigir, ganharam o direito, pela Constituição, de eleger o Presidente do País, e mais velhos lançam no candidato todas as esperanças possíveis e imaginárias. Será que a escolha, a preferência, está correta?

Nosso país necessita de um Presidente de pulsos fortes, com plano de governo adequado às nossas dimensões territoriais, que governe com firmeza e decidido a colocar o Brasil nos trilhos da honestidade, da prosperidade e, acima de tudo, que combata veementemente a corrupção, a fome, o analfabetismo, a doença, e a impunidade dos poderosos e corruptos.

O presidenciável Collor, certamente o novo Presidente de nossa República, dirige seus pronunciamentos, até agora, para o grande público, para o "povão" que é apezinhado e esquecido até avizinharem-se as eleições, e com a aproximação, começam as ilusões, iludem com promessas e discursos repletos de retóricas e grandeza de espírito.

De promessas andamos cheios, enjoados até o pescoço...vocês já imaginaram se Collor, após eleito, transformar-se em mais um na multidão, mais um líder populesco! Sabe-se que popularidade ganha eleição, contudo não governa um país como o Brasil, empobrecido e aniquilado por tantos desgovernos.

As adesões ao preferido são múltiplas e de vários matizes políticos. A engrenagem que o candidato monta é muito complexa e suas peças são constituídas de dissidentes dos grandes partidos e, principalmente, de nomes conhecidos no contexto nacional. De Goiás, por exemplo, uniu-se à "peça" Lázaro Barbosa, ex-senador e ex-serviçal do Ministério da Agricultura comandado por Íris Rezende Machado. E a lista de adesões é extensa e multicolorida, possuindo, também, corruptos e não combinando com a propaganda de austeridade propalada pelo jovem candidato. Os adesistas, segundo os entendidos, não combinam com a festa. Em verdade, os favoritos sempre são vulneráveis a apoios de toda ordem e não raro perdem o controle das adesões, principalmente, no caso de Collor que os apoios chegam aos borbotões de toda sorte de oportunistas políticos e que pretendem continuar na "mamata" governista.

Existem muitas denúncias desfavoráveis a Collor, todavia por ter sido o Governador que combateu os marajás do Estado de Alagoas, tornou-se tão querido e eleito o "salvador-da-pátria".

Nosso país, hoje, sofre um radical mudança de comportamento político-social, cobra-se TUDO e não existe mais conformismo e cabresto político. Não se valoriza MAIS as siglas partidárias. Os brasileiros querem eleger um homem digno e forte, seja de que partido for... Deus queira que Collor, se eleito, não decepcione e dignifique a HONRA, a HONESTIDADE, o TRABALHO e CASTIGUE exemplarmente a corrupção, o entreguismo e a impunidade!

Já imaginaram se Collor tornar-se apenas mais um na Presidência e tudo o que prega for falso, eleitoreiro, como tem acontecido com todos os políticos de nosso país, ultimamente?

O ENSINO ESTÁ FALIDO. O PROFESSOR IDEM.

Helenízio Antônio Marciano.

"De tanto ver triunfar as nulidades,
de tanto ver crescerem as injustiças,
de tanto ver prosperar a desonra,
de tanto ver agigantar-se os poderes nas mãos dos maus,
o homem chega a desanimar-se da virtude,
a rir-se da honra e ter vergonha de ser honesto.

Rui Barbosa.

O pensamento do imortal Rui Barbosa, hoje, está mais atual de que ontem. Imagina-se que para um pensador do quilate do citado intelectual brasileiro chegar a redigir tal pensamento o Brasil, na verdade, não tem conserto.

Uma nação não prospera sem ensino, e todos os Governantes de nossa Pátria sabem disso, contudo deixam que o analfabetismo campeie por todas as regiões e que assuma uma porcentagem assustadora de brasileiros.

Qual nação desenvolvida possui mais de cinquenta por cento de analfabetos? Nenhuma. E, o Brasil, desde a reforma do ensino direciona-se, sempre, para sucumbir aos desígnios impostos aos seus jovens: quanto mais pobre e maia analfabeto é um povo, mais forte é seu Governo.

Nações poderosas como o Japão, por exemplo, só encontrou o caminho do desenvolvimento incutindo em seu povo a necessidade do estudo, combinado com o trabalho. O Japão ressurgiu das cinzas, e hoje é uma das mais poderosas nações do mundo, e seu povo, também, é um dos que mais estudam e trabalham. Professores e policiais, no Japão, são os melhores remunerados e mais capacitados, tanto tecnicamente quanto intelectualmente.

Nosso povo trabalha pouco. Come pouco. Instrui-se pouco. Vive pouco. Diverte-se pouco. E, infelizmente, caminha para diminuir, mais ainda, o pouco que somos...

Morrinhos já foi cognominada de Atenas Goiana, e o cognome poderia perdurar até os dias fluentes: todavia, qual ser humano aguenta ministrar aulas, estudar, ausentar-se cotidianamente de seu lar, buscando encaminhar filhos alheios ao aprendizado à justeza e honorabilidade de vida, sem uma justa remuneração, sem sequer receber pontualmente seus salários? É uma situação vexatória, incongruente e inaceitável. Os salários dos professores são irrisórios e só é recebido três, quatro meses após seus vencimentos, por quê? Não seria o momento de nossos governantes acordarem e dignificarem nossos mestres, pelo menos com salários compatíveis aos seus misteres?

O VÍCIO DO PODER

Helenízio Antônio Marciano.

Assiste-se a uma verdadeira "guerra" dentro do PMDB. Os artífices dessa inusitada luta pela perpetuação do poder em nosso Estado é calamitosa e intrigante. De um lado, o atual governador, que ainda não explicou aos seus concidadãos por que veio, as estradas (só para exemplificar) em

nosso Estado acabaram literalmente. Br-153 e Buriti Alegre, Morrinhos a Caldas Novas, Caldas Novas a Corumbaíba; os funcionários do Estado são pagos intempestivamente e pessimamente, com exceções é claro. E, acima de tudo, pretende dar continuidade ao seu jogo político indicando seus irmãos e protegidos para os mais altos cargos no estado e na união.

Íris Rezende Machado, passou pelo governo de Goiás por dois anos. Segurou em suas mãos todas as decisões possíveis e imaginárias. Governou pessimamente, em minha opinião. Abandonou nosso estado por um cargo mais pomposo, o de Ministro da Agricultura e lá permaneceu por três anos. Ministro do Governo mais corrupto e ineficiente da história do Brasil, partícipe de um governo onde o lema era: "é dando que se recebe".

Agora volta ao Estado. Seus bajuladores arranjaram uma recepção, como se o povo goiano ainda vivesse em "currais" e não soubesse os acontecimentos nefastos praticados pelo Ministério da Agricultura. Tais como a perda de alimentos (arroz) no Projeto Rio Formoso, passeios de alimentos em caminhões somente para auferir lucros com os fretes, demora dos financiamentos para a agricultura. Onde estão as respostas para tantos desacertos?

Henrique e Íris, hoje, são verdadeiros inimigos. Não amarram seus animais em uma mesma estada e por quê? Evidente que cada qual quer continuar dando as cartas em nosso pobre estado. Querem dar sequência aos seus egoísmos políticos, querem nomear seus apaniguados para os Tribunais de Contas da vida... e nós? Povinho que pensam "burros", vamos dar a eles nossos votos e continuar pagando a luz, água, telefone e taxas públicas mais caras do mundo?

Nossos políticos não entenderam, ainda, que mudanças radicais afloraram em nosso meio. O povão já não é mais comando, o povão é quem comanda. O maior exemplo foi a eleição de Fernando Collor de Melo à presidência da República, secundado por Luiz Inácio Lula da Silva. Ulisses Guimarães, Presidente do PMDB, Presidente do Brasil por 109 vezes durante o Governo Sarney, sofreu a derrota mais fragorosa de sua vida, contudo, esforça-se por continuar dando as decisões políticas em nossa Pátria. Não seria o momento de mudanças, de reais transformações? Não deveremos eleger novos políticos, que se enquadram na mentalidade de austeridade e trabalho do nosso Presidente?

D. ORDÁLIA, MUITO OBRIGADO!

Helenízio Antônio Marciano.

Na essência de sua existência primava por disseminar, entre os seus descendentes diretos e aos amigos, incontáveis, o fruto maduro da amizade, sentimento fiel da afeição, da simpatia, da ternura. Sua residência, na confluência da Rua Cel. João Lopes Zedes com Rua Piauí, ponto de encontro e morada de cinco gerações oriundas de sua estirpe, de sua linhagem genealógica, cujas raízes se propagaram profundamente, chegando, há alguns anos, aos tataranetos, que são os filhos dos bisnetos. Poucas pessoas possuíam o equilíbrio para, em sua residência, acomodar tantos descendentes, com abnegação, renúncia, despreendimento, amor e muita amizade.

Vinte e cinco anos se passaram desde que mudamos para as proximidades de D. Ordália. No dia da mudança, foi nos visitar, nasceu a mais forte amizade naquela primeira visita. Ofertou seus préstimos pessoais e abriu sua casa aos nossos anseios mais diversos, todos!

Milena conversava horas com a amável vizinha. Nutria (e nutre) por ela uma afeição regada com indisfarçável empatia. Ouvia seus conselhos, seus segredos, e alimentava sonhos com palavras confortantes e dissociadas de pretensões, a não ser corresponder ao sentimento mais fiel de afeição. Estima. Ternura por aquela senhora quase nonagenária, faria noventa anos no próximo dia 13.08.

Confidências ouvia-se em seu velório. Algumas pessoas choravam pela falta que faria, D. Ordália, a todos seus fiéis amigos, aos seus filhos, noras, genros, irmãos, irmãs, netos, bisnetos, tataranetos. Ouvia-se, em todo momento: choro mais por D. Ordália, do que pela morte de meu pai.

Sabe-se que com a transferência de morada, para um lugar especial nos CÉUS, sua presença, marcante e indelével, ficará no banco defronte sua casa, na grande cozinha, onde o café quentinho e guloseimas eram, cotidianamente, servidas aos seus convivas. Sua horta, suas plantinhas para socorrer as mazelas de seus visitantes, com chás e ensinamentos, suas flores na entrada da casa, suas rosas, que estão com as pétalas

encharcadas pelo orvalho da manhã, como se fora lágrimas pela falta da mão amiga que as regavam dando-lhes a condição indispensável para que desabrochassem com todo esplendor. Infelizmente, nunca mais, por mais que se esforce, a próxima moradora da casa deixada por D. Ordália, teremos pessoa tão amiga, tão inteligente, despretensiosa, e com conselhos tão profundos e escorreitos.

Como agradecê-la? Por tão generosos gestos de amizade, de companheirismo, de vigília, por todos nós? Vejo-a, quando saio de casa, ainda, sentada no "seu" lugar no banco de cimento localizado ao lado direito da entrada de sua casa. Meus olhos notam sua presença amiga, seus olhos meigos, profundos, seu sorriso tímido, seus cabelos, em coque, já embranquecidos pelas dificuldades gerais de uma vida dedicada a todos os seus descendentes, a todos os que com ela tiveram a oportunidade de aprender. Somente uma frase poderá dar o equilíbrio, o suplemento indispensável a tanta fertilidade de conselhos, a tanta amizade: D. Ordália, muito obrigado!

DIGAM-ME, COM SINCERIDADE, O QUE PENSAM OS POLÍTICOS DO BRASIL?

Helenízio Antônio Marciano.

Vocês, ínclitos leitores e leitoras, do Jornal do Peninha o que, na verdade, pretendiam ou pretendem, nossos políticos, em geral, quando ingressam, após serem eleitos, em suas funções, sejam como vereadores, deputados estaduais, federais e senadores, ou, mesmo no área executiva, como prefeitos, governadores ou presidente? Quando vemos presidentes de um país serem presos... e vamos simplificar a coisa, tão e somente por não serem HONESTOS, e quererem, ao invés de serem íntegros, serem bilionários, não dá uma tristeza na alma? Em mim, dá!

Estou relendo Macunaíma – O herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade. Começa assim: "No fundo do mato-virgem nasceu

Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!"

Um herói sem caráter, ai, pensei em José Sarney, Fernando Henrique Cardoso, depois no Lula, e logo em seguida em Dilma e por final em Temer, como Bolsonaro está começando, vou deixá-lo de lado, por enquanto, e quero confirmar que todos os nossos ex-presidentes são, para mim, macunaímas, ou heróis sem caráter. É triste dizer, mas, como acreditar que nosso País, imenso e rico, seria desenvolvido com pessoas sem dignidade, sem caráter, e que roubaram nossas riquezas ou, mesmo, as entregaram, de mãos-beijadas a empresários amigos...?

Confesso que as prisões, mais recentes, que poderão dar em nada, por não confiar, principalmente, no STF, ou em parte de seus integrantes, e, mesmo, em milhares de outros integrantes do judiciário, sabendo que – felizmente – existem outros milhares íntegros, probos, de condutas ilibadas e que correspondem aos cargos que ocupam, mas, porém, todavia, entretanto, e os que não respeitam a Constituição, as Leis, mesmo extravagantes, que como diz o Senador Kajuru, vendem sentenças... estão presos poderão, amanhã, serem soltos e ficarem rindo de nós, pobres brasileiros... tenho máxima certeza que Temer e sua turminha, de corruptos, sairá em breve da cadeia especial...

O Bolsonaro não pode dizer nada...nada mesmo! Existindo, obviamente, uma espantosa gritaria contra tudo o que o governo fez ou faz, nesses dois meses e pouco, acha que deve fazer ou está fazendo: " é possível que nunca tenha havido na história deste país tanta indignação por parte dos adversários em relação a quaisquer gestos do presidente e de sua equipe, por mais cômicos, banais e irrelevantes que possam ser. Condena-se tudo, quase sem exceção, incluindo-se aquilo que se imagina estejam pensando. Mais aí é que está: isso não é oposição, ou oposição não é isso. Isso é fumaça

de gelo-seco, que ocupa a maior parte do noticiário sobre a vida nacional, os comentários dos que se dizem especialistas e as bulas da excomunhão expedidas pela mídia, inconformada com a retirada dos bilhões em propagandas, se desmancham sozinhas; não sai correndo atrás de ninguém nem machuca quem fica só olhando. A impressão é que o mundo vai acabar daqui a meia hora. Mas a meia hora passa e o mundo não acaba. Resultado: o governo Bolsonaro quer que esteja morto, mas continua vivo. "

Não precisamos ir longe para verificar a roubalheira, geral, de norte a sul e de leste a oeste em nosso Brasil. Há décadas, disse décadas, que se ouve falar das ligações de Temer com o Porto de Santos, mas sua prisão não foi determinada por isso, nem por desvios de mais de R$10 milhões da Odebrecht para o MDB, nem mesmo pela conversa de Temer com Joesley Batista no Palácio Jaburu. A prisão foi determinada pelo Juiz Marcelo Bretas, do Rio, e por uma quarta frente contra Temer: a roubalheira na Eletronuclear e nas obras de Angra 3. Lula foi preso por um tríplex, e dizem que surrupiara mais de 2 trilhões de reais dos cofres do Governo e, nesse valor não estão os desatinos do BNDES que, ainda, não abriu sua caixa preta... estamos esperando!

Nosso Estado está falido, há meses, escrevi, neste jornal, que considero excelente, sobre o legado de Marconi: dívidas impagáveis. Então, aqui neste cantinho do sul de Goiás, ficamos sabendo das falcatruas do nosso ex-governador, e como o TCE, não sabia? Como o TCU, não sabia e não sabe das corrupções dos governos passados? Como o TCM só agora, timidamente, informa sobre municípios que não cumpriram com a Lei de Responsabilidade Fiscal?

Finalizo. O Ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, ao elogiar as bases econômicas do governo do ditador chileno Augusto Pinochet, disse: "No período Pinochet, o Chile teve que dar um banho de sangue. Triste. O sangue lavou as ruas do Chile". Será que, no andar da carruagem, tal tristeza vai acontecer em nosso Brasil, por culpa de políticos inescrupulosos e corruptos? Deus queira que não!

EDIFÍCIO JOSÉ CHAUL – REFORMA DE UM SÍMBOLO MORRINHENSE

Helenízio Antônio Marciano.

O Edifício José Chaul, na Barão do Rio Branco, 22, centro, sempre representou (e representa) para-os-morrinhenses-natos-e-mais-vividos um marco histórico na construção civil de nossa Amada Terra dos Pomares. Foi construído no início de 1949. Para a época um prédio de grandes proporções. Foi um marco de suma importância para o município e, sem dúvida, uma homenagem de seu criador à terra que adotou para viver, casar-se e criar seus filhos.

Seu proprietário nasceu em Beirute que é a Capital e a maior cidade do Líbano, situa-se na costa do Mediterrâneo. Portanto, libanês legítimo. Casou-se com Mary Abdala Chaul em 06.04.1942. Era, antes de tudo, um comerciante nato, arguto, perspicaz, humanista e que muito ajudou no desenvolvimento de Morrinhos. Começou suas atividades comerciais no açude. Com tino comercial invejável progrediu rápido. Dono de uma caligrafia perfeita. Se expressava em árabe e francês, aprendeu com perfeição o português. Seu

comércio, na parte inferior do prédio era completo-e-variado. No carnaval, lá encontrávamos a famoso lança-perfume rodouro fabricada pela "Rhodia" e outros itens para as festividades carnavalescas. Sua residência, ao lado esquerdo da loja se aprofundava terreno adentro e era extremamente confortável. Nela, não muito raramente, e principalmente nos aniversários dos filhos: José, Aiçar, Tameme e Simão Roberto, degustávamos as delícias da cozinha árabe. Vez ou outra, no primeiro andar (?) uma brincadeira dançante onde participavam os rapazes e moças mais próximos.

O prédio foi um sucesso. Verde e com uma modalidade de "pintura" que até hoje permanece visível, mesmo depois de tantos anos.

A parte elétrica e hidráulica já foi reconstruída; agora, a parte da loja, da residência e dos apartamentos, o imóvel terá uma nova vida e oferecerá aos usuários locais adequados para o comércio e para moradia.

Jamais me esqueço do automóvel STUDEBAKER – ano 1951 (?), verde, comprado pelo Sr. José Chaul. Uma demonstração, inequívoca, de que gostava de coisas boas. O veículo, importado, para mim era o suprassumo, diferente, ousado-e-chic.

Seus filhos José, Aiçar, Tameme e Simão Roberto, juntamente com todos os seus demais familiares, que não são poucos, de bom alvitre resolveram homenagear seus pais e hoje estão reconstruindo-reformando o Edifício JOSÉ CHAUL, não deixando também, é evidente, de ser uma homenagem à cidade que seu criador adotou como sua e aqui viveu por muitos anos, ou seja, de 1929 a 1967. A Barão do Rio Branco era a "Rua do Comércio". A cidade não era tão desenvolvida quanto agora e o Edifício José Chaul (em 1949), há sessenta e quatro anos passados, colocou nossa urbe em evidência por longos anos, em razão da construção arrojada e, para aqueles dias, muito grande e moderna.

Parabéns aos familiares de José Chaul e Mary Abdala Chaul! A reforma do nº 22 da Barão do Rio Branco simboliza, com todas as letras, uma HOMENAGEM justa, merecida e não tardia ao amável JOSÉ CHAUL e MARY. De onde se encontram, tem-se plena convicção, estão profundamente radiantes com o feito de seus filhos.

Morrinhos e a Barão vão ficar mais desenvolvidas com o "novo" EDIFÍCIO JOSÉ CHAUL.

UM PRESENTE DENTRO DE SAUDADES ETERNAS...

Helenízio Antônio Marciano.

Dorinta de Paiva, amiga de quatro costados, completou um século e um ano de existência, lúcida e iluminada, no dia 28.03.2008. Estive em sua residência no dia 27, encontrei-a lendo a Bíblia, sem auxílio de óculos. Atendendo honroso e dignificante convite para saborear um pedaço do bolo de aniversário, para gáudio de minha alma, receber, de presente, um discurso redigido por meu inesquecível pai, e que foi lido pela aluna Nina de Azeredo, em homenagem, muito justa na época, ao Padre Primo Scurssolino. Como, para mim, é uma peça rara e muito bem alinhavada, a transcrevo, na íntegra, e exatamente como foi escrita, há, mais ou menos, setenta e seis anos:

"Exmo. Sr. Padre Primo Scurssolino.
Colegas de Congregações.

A obra de caridade amor e devoção consagrada à S.S. Virgem mãe do Redentor fundada por V.Revma., nesta paróquia sob a denominação de " Pia União das Filhas de Maria" , destacou de entre as suas irmãs, a mim, para que neste dia festivo para o coração daquele que dirige os destinos cristãos do povo de Morrinhos lhe viesse apresentar as suas mais sinceras felicitações pela passagem de mais um ano do sacerdócio que abraçou e que vem com animo forte, consciência reta, vontade firme e acendrado carinho, exercendo e exaltando, como os que mais o fazem.

Foi, sabemos, em 19 de julho de 1931, na Catedral de N.S. das Graças, em Udine, que, pela vez primeira, teve V.Revma. a sua gloriosa entrada no Altar de Deus, para celebrar o santo sacrifício da Missa, tendo como assistentes àqueles mesmos que tiveram a ventura de vê-lo ainda na infância.

Foram os que o viram nascer, crescer e prosperar, que, genuflexos contritos, receberam a primeira benção do novel – sacerdote, rogando à SS. Virgem que o acompanhasse, que o guiasse, que o inspirasse em todos os momentos da vida, bons ou maus, afim de que, a rota que se traçara não tivesse empecilhos, para glória de Deus e da nossa santa e inigualável religião. – E esses votos, esses rogos, essas preces foram ouvidos, foram compreendidos, porque neles iam os anseios dos amigos, dos parentes, dos companheiros dos corações acrisolados e de fé e de esperança.

Tem V. Revma. a solicitude do Bom Pastor que sabe perseguir a ovelha errante, conduzindo-a para o aprisco: tem a bondade de coração para todos, notadamente para os desventurados da sorte, para os pobres, para os infelizes; é insuperável amante e propagador da S. Madre Igreja Católica; é misericordioso; é, enfim: – BOM!

Os dons espirituais e morais de que V.Revma. é dotado, fazem-no querido e estimado das ovelhas que dirige, – que hoje vem participar da alegria que lhe vai na alma nobre, entre as quais as " Filhas de Maria " , que reverentes lhe beijam as mãos que tantas vezes tem conduzido a partícula santa para as suas almas, com a mesma unção, com a mesma fé, com a mesma crença com que o fizeram, pela primeira vez, ao seu próprio condutor ao entrar, neófito ainda, no santo "Altar de Deus" .

A saúde espiritual e corporal de V.Revma. e a prosperidade sacerdotal do nosso bom vigário, são os votos das irmãs da "Pia união das Filhas de Maria", a quem pedem para si e para V.Revma. as suas bênçãos.

Disse.

LUIZ MÁRIO GUIMARÃES DE AZEREDO, UMA AMIZADE SINCERA!

Helenízio Antônio Marciano.

Não falarei de política. Nem que país precisa ser reconstruído. Que não é possível continuar com tantos desatinos. Tantas corrupções. Das milhares de pessoas desempregadas. De tantos endividados. Das estradas ruins. Do povo sem saúde. Sem escolas dignas: sem esperança... Merecemos, pelos menos, uma pessoa HONESTA no comando do Brasil, e vamos ter...

Como ensinou Michel Quoist, em seu magistral livro "CONSTRUIR O HOMEM E O MUNDO", afirmando: "em face da consciência da humanidade, os chamados grandes problemas – a injusta condição do mundo operário e o proletariado nos povos subdesenvolvidos – permanecem ainda sem solução. Seus amargos frutos e as inúmeras variedades de sofrimento que acarretam, atingem o homem em sua carne e sua alma".

Hoje, reverbera o autor, "tem outro mal, talvez mais grave ainda, porque mais profundo, vai invadindo a humanidade, a começar – terrível reviravolta das coisas – pelos povos mais evoluídos, e pelos homens mais civilizados. É uma espécie de desintegração, de decomposição, de apodrecimento do próprio homem. Os maiores sábios e mais eminentes moralistas (pelo menos entre os que creem na primazia do espírito sobre a matéria) acham-se unanimemente inquietos, e a própria humanidade já começa a compreender a importância deste perigo. O homem, orgulhoso de seu poder sobre a matéria e sobre a vida, parece dominá-las cada dia melhor." Vejam que o livro mencionado foi impresso, no Brasil, em 1960, tudo parece estar da mesma forma, infelizmente!

A ganância humana. O não saber parar. O não se contentar com nada, transforma o homem moderno e – muitas vezes – ele apenas se suporta porque não tem mais tempo, ou não sabe arranjar tempo de parar, de se olhar interiormente, de tomar consciência de si mesmo. Nota-se – infinitas vezes – que os pais ao verificarem que seus filhos cresceram, ficaram moços e adultos, não tinham notado, não tiveram tempo de "crescer" junto com os filhos. Os bens materiais soavam e soam mais alto, infinitamente mais alto! E o tempo passou nem amizades cultivaram...

Ingresso no tema, central, desse despretensioso mais real artigo: sobre um ser humano e amigo! Luiz, ou Bay, como o conhecemos, fez brotar sua engenharia civil em inúmeros estados brasileiros. Fez amigos aos "borbotões", pois dono de uma perspicácia felina e de um papo gostoso. Voz de barítono, de Cid Moreira, digo sempre! Quando juntos, e sempre assim estamos, quando na Terrinha dos "Morrais", digo às pessoas que ELE me levava para a escola, (sou bem mais idoso, portanto uma inverdade) concorda e diz, mas eu lhe aplicava bons beliscões... Passamos a nos conhecer – mais – de uns três anos para cá...a amizade se sedimentou, aflorou no corpo e na alma, felizmente!

Tenho por mim, sinceramente, que a amizade sincera, é o bem mais importante do ser humano. Ela não é passageira. Não tem hora. Não tem momento. É diuturna e eterna. Luiz é um amigo completo. Doa-se e se faz doar. Desapegado. Altruísta. Simples, muitas vezes pega "ar", principalmente se der um direcionamento em uma obra e o cliente, inadvertidamente, mandar, por exemplo, não colocar tanto ferro na construção... e, como ele entende do assunto, são colocados, na integridade, todos os materiais prescritos... senão o "bicho" pega!

Parafraseando Cheng & Furlan, "A amizade é reconhecida na literatura científica como uma importante fonte de felicidade e de bem-estar subjetivo, uma vez que proporciona o suporte social, o compartilhamento de experiências, de interesses, de sentimentos e de emoções. As relações de amizade permitem ao indivíduo o aprendizado de habilidades sociais importantes para o estabelecimento de relações interpessoais satisfatórias e harmoniosas ao longo de todo o ciclo vital. Entende-se a amizade como uma interação íntima, espontânea e recíproca entre duas pessoas, caracterizadas por um forte componente afetivo. A amizade, sincera, propõe uma discussão para além das relações e vínculos estabelecidos na infância e na adolescência, abordando a amizade na idade adulta e na velhice," é o que se nos acontece, neste momento: amizade na idade provecta!

Quando olho para trás, ou mesmo para os lados, para dentro de mim mesmo, chego à conclusão de que, antes do Luiz Mário Guimarães de Azeredo, não tinha notado o quanto são importantes os amigos, os leais, sinceros...Como tenho muitos amigos, doravante, me esforçarei para ser como o Bay, sei que nunca chegarei a sê-lo , mas me esforçarei ao máximo, pois, confesso que é a melhor das melhores coisas que Deus nos ofereceu e que JESUS que está em toda parte, no coração da vida como ela é, à espera do encontro e reconhecimento de cada um de nós. Ofereça ao meu amigo LUIZ o atendimento aos seus sonhos, aos seus desejos, e ELE ofereça saúde, paz, e que continue, sempre, sendo meu amigo!

É amigo de seus filhos. De sua esposa. De seus netos. Noras. Genro. É meu amigo, de minha família, das pessoas que prestam serviços na minha casa...é um amigo por inteiro. Desinteressado. Servil. Diligente. Sem egoísmos. Prático.

Finalizo, pedindo reforço ao menestrel Renato Teixeira, em sua canção AMIZADE SINCERA:" A amizade sincera é um santo remédio. É um abrigo seguro. É natural da amizade o abraço o aperto de mão, o sorriso. Por isso se for preciso CONTE COMIGO, amigo, disponha. Lembre-se sempre que, mesmo modesta minha casa será sempre sua, Amigo. Os verdadeiros amigos do peito e da fé, os melhores amigos não trazem dentro da boca palavras fingidas ou falsas histórias, sabem entender o silêncio e manter a presença mesmo quando ausentes. Por isso mesmo, apesar de tão raros, não há nada melhor do que um grande AMIGO, AMIGO, AMIGO. Por isso se for preciso CONTE COMIGO AMIGO..."

MONTAGEM DE TEXTOS POÉTICOS DE GILBERTO MENDONÇA TELES

Nilza Diniz Silva

ÊNFASE: SILÊNCIO. O silêncio que sabe falar e o que sabe calar, na hora certa, ao verso certo. Silêncio – palavra que tem sabedoria poética (segundo o autor de Retórica do Silêncio, aqui presente).

Ó almas sereníssimas e puras / no silêncio dos ermos desterradas, há nas vossas ideias abençoadas / a triste de todas as criaturas.

Agora compreendemos a beleza trágicas das coisas,
agora que nos preparamos serenos para o silêncio da revelação

Plantas que não possuíssem / a poesia da fome
e não lembrassem nunca / os silêncios dos homens.

Mas não sabemos tudo / e apenas assistimos / aos festivais dos homens
estranhos no silêncio / de nosso povo triste;

Imagens retorcidas / nas contrações do olhar / que as reduz à distância
do mais puro silêncio.

Mas nunca te direi o incompreendido
silêncio ou o gesto mudo que traduz
meu antigo sonhar sempre esquecido.

Nos ermos e fraturas do projeto / nos trechos e apetrechos do silêncio
construo as teorias e os desertos.

A tarde se constrói nas despedidas / da que se faz silêncio e cante
tranquila na paisagem retorcida
a um tempo de memória tão distante.

Nutrizes de tristeza, mais que a noite
a chuva amadurece meu silêncio.

Mas um dia de sol, fechando as asas / um pássaro enternecido
no silêncio mais puro da paisagem.

No branco da página / apenas giram nódoas / de ideias incorpóreas
que o dia aos poucos vai / retornando ao silêncio.

E cada qual me abrasa com seu lume / sopra nos meus ouvidos seu mistério,
seu discurso de música e silêncio.

Eis a distância exata / entre o silêncio e a música.
do verso pressentindo / na noite, mas sem tempo.

Há demasiado silêncio nesta noite.

Mas se eu nunca penetrar o impenetrável / momento da poesia, que resiste
e triste se apresenta ao meu silêncio, / inconformado e só,
noite e mais noite / eu estarei no fundo e na amplitude
de todas as palavras, sondarei / o mais obscuro sonho de linguagem.

Saber, enfim, que a linguagem / penetra o ventre dos mares
e prende o mundo num gesto, / numa letra, numa forma,
num silêncio ou numa voz / que por fora mostra o sim
e por dentro o não.

Eu caminho seguro entre palavras / e páginas desertas. Nas retinas:
sonho de coisas claras e a lição / de outras coisas que invento
para o só testemunho / de minha construção / imaginária / de pedra
sobre pedra / e cimento / e silêncio.

A pedra nunca sabe / de seu duro silêncio.

Resolveu o meu poema / sob o silêncio neutro / das palavras perdidas
na paisagem dos signos / mas como explicar-te / a eterna importância
da palavra ansiosa? / E expressar-te o encanto / dos enlevos cheios
de silêncio?

As coisas têm a forma do silêncio / que habitamos na véspera.
São nomes / mais que sombras de signos decifrados / de nenhuma caverna.

Mesmo em silêncio, nos deixamos ir / contagiando de nomes. E só sabemos
daquilo que nos fala, ou que falamos, / depois é a pura essência distraída
do ato de viver.

Rolei sobre o silêncio uma canção tão vasta.
E ternamente / pesquisei teu lúcido metal de ressonâncias / fabulosos

E agora que há sinais de ressonâncias,
sou milícia verbal configurando / a subversão na zona do silêncio

Surdamente respiro o exausto / equilíbrio do silêncio.
e recolho a inutilidade / de qualquer tentativa / de regresso.

Amar demais a própria vida e o desencanto
da própria dor nascendo no silêncio / deste exílio no azul.

(Tom) Ainda que a noite desça, escura e silenciosa
e o nosso grande amor / em cinza se desfaça / eu não te esquecerei.

Tenho de longe, amada, / a exatidão noturna / de todos os silêncios.

Não morrerás em mim / (...) Todas as coisas gritarão teu nome
e o silêncio mais puro, o mais sutil,
aquele que mais dói e acende as noites
e o ser profundamente intranquiliza,
este restituirá o movimento, / a eternidade viva de teus passos.

De novo acendes músicas / nas dobras da paisagem / absorvida em silêncio.

Tua beleza vive além das tardes / ferindo os olhos cegos de procura.
tua beleza é pássaro, são árvores / as coisas todas que se transfiguram
ou se reduzem tristes neste ocaso / tão cheio de silêncio, tão profundo,
tão cheio de ti.

Quanto tempo viverás / retida, como o silêncio,
por esta rosa de vento / na minha vida sem rumo?

Mas, como um rio em silêncio, fui-me no tempo / ocultando.

Não seremos inúteis. Em silêncio / conduziremos flâmulas de fogo.

Somos agora o instante, o desespero, a febre / este rio,
este sabre encurtando o horizonte:
Somos um mesmo sonhos unido no silêncio
E na estranha canção de nosso povo triste.

Montagem feita por Nilza Diniz Silva para o encontro com o poeta
Gilberto Mendonça Teles –
4º Príncipe dos Poetas Goianos, na AFLAG em 29/07/05

3 OU 7?

Paulo Tárcio Martins

Diz a história que foi Pitágoras (580-947 A.C.) que, primeiramente, viu poderes nos números.

De lá até nossos dias, muito se criou, se mistificou e se atribuiu a nós, à comprovação de nossa existência, vários números representados por CPF, RG, Título de Eleitor, Telefones, Conta em bancos, Senhas, Carteira de Motorista, etc...

Mas, quero falar aqui sobre a mística ou até a representatividade que alguns números exercem sobre nós ou que nos dizem algo mais sobre o que valem.

Se lhe perguntarem qual o número que você acha místico, misterioso, poderoso e até alegórico, entre o 3 e 7, possivelmente você responderá que o 7. Por quê?

Poderíamos responder juntos: Deus fez o mundo em 7 dias; 7 são os pecados capitais (a ira, a gula, a inveja, o orgulho, a avareza, a preguiça e a luxúria); quando uma pessoa morre, a primeira missa que se reza é a de 7º dia; quando uma pessoa nasce, pode ser até de 7 meses, corre o risco do mal de 7 dias; 7 foram as chagas de Cristo (principais ferimentos no corpo de Cristo, provocados por objetos perfurantes e cortantes, quando foi crucificado, que agonizou por 7 horas e ao morrer pronunciou estas 7 palavras: "Pai, em tuas mãos entrego meu espírito"); de 7 palmos é constituída uma sepultura; são 7 as notas musicais (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si), com as quais você pode compor lindas músicas. E assim por diante, poderíamos aqui enumerar e relatar mais de 7X7 significados para este número.

Mas, será que o número 7 é mesmo mais importante dos que os demais? É mais místico? É mais cabalístico? Sem dúvida, o número 7 é mais isso tudo, em relação ao número 13 (número do azar, no folclore popular), em relação ao número 24 (número usado para definir uma opção sexual de

uma pessoa); em relação ao número 51 (da "marvada"pinga conhecida); em relação ao 69 (dizem que é o número que "tanto faz", usado também para retratar "outras atividades" do cotidiano amoroso/sexual); em relação ao número 666 (número apresentado como sendo da besta do apocalipse) e tantos outros mais.

Mas, será que o número 7 é mais importante do que o número 3?

De novo, respondamos juntos: o número 3 representa a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo); é também o número de Reis Magos que visitaram Jesus no seu nascimento (Melchior, Gaspar e Baltazar); são 3 as maneiras do homem pecar: por pensamentos, palavras e obras; a pessoa mais importante que passou pela Terra, viveu, morreu e ressuscitou no 3º dia (Jesus Cristo); os metais mais preciosos e conhecidos da Terra são: Ouro, Prata e Cobre; os astros que vemos a olho nu no firmamento são a lua, o sol e as estrelas; 3 são os principais oceanos do mundo (Pacífico, Atlântico e Índico). São 3 os principais meios de transporte na Terra (por ar, por terra e por água); Legislativo, Executivo e Judiciário, são os 3 Poderes da República; e os sinais luminosos do trânsito, verde, amarelo e vermelho; você sabe o que é Tríplice Coroa? É um título, não oficial, que uma agremiação esportiva conquista quando vence 3 competições em uma só temporada; o que é uma Tríade? Pode ser muitas coisas, mas é sempre composta de 3 elementos.

E, assim, da mesma forma que o 7, poderíamos mostrar aqui, eu e você, muitas outras formas, tri-legais, de empregar o 3 e o 7, mas não vamos fazê-lo, não é mesmo?

Então por que escrever tudo isso?

Agora vou responder sozinho, tá? É que estava com uma vontade danada de provocar uma polêmica, uma discussão e então criei esta situação:

O 3 ou o 7? O que você acha?

Não responda sozinho(a).

A MENTIRA DA VERDADE

A verdade, certo dia, me chegou,
Dizendo que eu devia te esquecer.
Pois você nunca em mim se ligou
E nada fez por me merecer.

Fiquei, por alguns momentos, com medo
Que a verdade tivesse razão.
Não temos que crer na verdade?
Não temos que crer na versão?
Que a verdade chega, tarde ou cedo
E devemos sempre lhe dar vazão?
Em suas afirmativas
E na sua informação?

Mas o impossível aconteceu, podes crer
Descobri que você nunca disse
O que a verdade anunciou
Mas só que por não poder,
Você apenas se calou.
Você liga sim! Você sempre sentiu
Por mim um grande amor...!!
Foi a 1ª vez na vida que a verdade mentiu.

Ou será que foi verdade a mentira dela?

O que é a mais pura verdade são meus desejos...
De um Feliz Natal e um Ano Novo, a você, infinitamente
Melhor do este que se acaba, mas deixa saudades...
Não posso negar e nem mentir.

Paulo Tárcio Martins

A QUASE INACEITÁVEL TRANSIÇÃO DO *VOCÊ* PARA O *SENHOR*

Paulo Tárcio Martins

Que a nossa vida é feita de fases não tenho a menor dúvida; agora, em quantas fases ela se divide, isso até pode ser próprio de cada indivíduo.

Eu ousaria dividir a minha vida em três fases distintas, levando-se em conta a expectativa média divulgada pelos institutos de pesquisas do Brasil, ressalvando-se as exceções que, com certeza, não são poucas.

Mas, partindo-se da média conhecida, posso afirmar que até os 20 ou 25 anos, vivi a 1ª fase de minha vida: sonhos, brincadeiras, irresponsabilidades aceitáveis, namoricos (hoje "ficar") e todas as demais ações inerentes a pessoas dessa idade e daquela época (anos 60 a 80).

Dessa idade até aos 40 ou 45 anos, seria a vivência da 2ª fase, fase esta que só depois de vivida é que se dá a ela a devida importância ou valor real, fase das dificuldades, de trabalho árduo e, até às vezes, forçado (para alguns é claro), o sustento e a criação da nossa família, pois também é a fase do casamento ou do acasalamento, como queiram, ter os filhos e filhas (fazê-los é uma delícia), autoafirmação, etc... etc... etc... fase do posso comer à vontade o que eu quiser, beber quase de tudo (menos veneno) dormir pouco, e etc... etc... etc...

A 3ª fase... até ao ocaso (nome bonito para a morte, não?), é a fase de grandes amizades, principalmente com médicos, enfermeiras, farmacêuticos, curandeiros, benzedores, psicólogos, produtores e plantadores de comida natural, macrobiótica ou orgânica. O cérebro tem a capacidade de armazenar uma série de nomes... de remédios, de chás, de dietas, o que é bom para isso, o que é bom para aquilo e, etc... etc... etc... sabe a hora de tomá-los direitinho...

É a fase que nos impõe a hora de deitar, hora para tomar o cafezinho porque tem que estar de estômago "forrado" senão o remedinho faz mal, dá tonteira e queimação, a pressão sobe, a glicose sobe, a dor de cabeça sobe, a raiva sobe, só não sobe o que tinha que subir... é tosse mal curada, é barriga

desarranjada, é insônia desgraçada, é ruga teimosa, é cabelo rebelde (estão indo embora sem avisar), enfim, é a era do condor: condor ali, condor aqui, condor lá, condor no etc... etc... etc...

Mas tudo isso que escrevi até agora foi para justificar ou pelo menos tentar explicar a "transição do *você* para o *senhor*". O que é isso? Quem já alcançou a 3ª fase sabe do que estou falando; quem não alcançou, faço votos que a alcance para sentir na pele, no corpo, na alma ou no espírito o quanto ela bate fundo... quando alguém, sem você esperar, é claro! O chama de "*senhor*" ao invés de "*você*"... aí você pensa: Será o que eu respondo para este indivíduo (se for mulher é pior ainda), que *senhor* é...

Etc... etc... etc... e você corre para o espelho e vê se esqueceu de tirar a máscara de polpa de pepino que usou na noite anterior, ou se fez a barba mal feita (sinal que já não está enxergando muito bem e um grande sintoma de senilidade – baita nome para gaguice, não?) e a pessoa ainda insiste: O *senhor* está se sentindo bem? Quer que eu chame um médico? Uma ambulância? E aí dá vontade de responder: se continuar me chamando de *senhor* eu vou falar para você ir tomar... etc... etc... etc...

E quando você puxa assunto com uma "gatinha", todo *senhor* de si (neste caso o *senhor* é até bom) e ela te chama de "tio"... aí, meu caro amigo leitor... é pra voltar para casa de gatão... tomando uma sukita como consolo... Tio é o fim... *Senhor* é o começo do fim... Isso tinha que ser enquadrado como discriminação e, portanto, como crime inafiançável... ou então que ela se retratasse, em particular (muito em particular) com você, só vocês dois, com as seguintes palavras: que é isso? Eu só falei desse jeito para te deixar sem jeito... você é o coroa mais charmoso que eu conheço... se eu fosse "ficar" com alguém eu escolheria você... posso te ligar amanhã para ver se você me conseguiu aquele emprego e se não conseguiu você me empresta R$ 1.000,00 (mil)? (até rimou, não?) e aproveitando a rima, da vontade de falar: vá para a p...q..p....

AMOR ESTRANHO AMOR

Às vezes me ponho a pensar,
Como eu consigo ser assim:
Será que alguém gosta de mim?
Ou será só eu que vivo a amar?
As pessoas que me rodeiam.

De vez em quando eu me acho diferente,
Meu jeito de ser, meu comportamento...
Até quando será que eu aguento?
Brincando de ser E.T., não sendo gente.
Será que elas entenderão?

Mas uma coisa eu posso afirmar:
É amor sincero o que eu sinto.
É verdade! Sobre amor eu não minto,
Não sei fingir, não sei negar...
Esse amor estranho amor...

Que amor é esse? Que não pede retorno.
Que sentimento é esse? Que não reivindica.
E o meu viver? Como é que fica?
Nem frio, nem quente e nem morno?
Será preciso muita compreensão...

Mas enfim, amor é amor! E é bom,
De dar, de sentir, de praticar, de fazer...
E eu faço o que posso, o que devo ser,
Amante estranho, diferente, sem cor e sem som.
Mas um dia eu vou vencer,
Esta grande solidão.

Paulo Tárcio Martins.

DE QUALQUER JEITO

Não tem jeito, não a esqueço,
Nem sei se posso ou se mereço,
Só sei que em você reconheço,
Todos os motivos por que padeço.

Você vive em minha mente,
De várias formas presente:
Molhada, suada, cheirosa somente,
Dengosa, manhosa, formosa, carente...

Amiga, amante, santa, bandida.
Irada, nervosa, serena e contida,
Na vista, na lista, na morte e na vida.
No amor, na dor, alegre e sofrida.

Sem medo ou enredo, errada ou certinha,
Bonita na fita, na foto e na minha,
Na sua e na dele, na nossa festinha,
Na oração, no pecado e na fé que eu tinha.

Na cama, na rede, dormindo ou desperta,
Cantando ou calada, no som da seresta.
Correndo ou parada, no tempo que resta,
Sofrendo ou feliz, com a parte que presta.

No pensamento que voa, que corre, que anda,
Que planeja, que sonha, que obedece, que manda,
Na vida sem graça que o riso comanda,
No quarto que chora a dor na varanda.
No céu ou na terra, no espírito ou na alma,
No aperto, na folga, no agito ou na calma.
No calor ou no frio, no morno que salva.
Na poeira ou na chuva, na pele tão alva.

No tudo ou no nada, na música cantada,
Odiada ou querida, mas sempre falada,
Na doença ou na cura, na mentira safada,
Na verdade verdadeira, tantas vezes pregada,
No terço rezado de alma lavada,
Eu peço a Deus, por você, minha amada...

Paulo Tárcio Martins.

GRAMÁTICA DO AMOR

Na nostalgia de uma reticência (...)
Na dúvida de uma interrogação (?),
No descanso de uma vírgula (,)
Na beleza de uma exclamação (!)
Na difícil pronúncia que um trema (´´) provoca,
Assim como dois pontos (:) sugerem explicação,
Da mesma forma o ponto e vírgula (;) denotam continuação,
Com você só terei um ponto final (.)
Quando não bater mais meu coração...

Recorrerei ao circunflexo (^)
Que, de cima, nos dará proteção,
Se for grave (´) o acontecimento,
Se for agudo (`) o sermão,
Colocaremos colchetes {}
Para os lados da questão.
E ainda teremos parênteses (),
Para ajudar na solução.
E apararemos as aspas (“”)
Com a força de uma paixão.
Na verdade, você é linda
Em qualquer pontuação.

Paulo Tárcio Martins.

HOJE

Hoje, finalmente, acordei sem pensar em você.
Hoje, simplesmente, resolvi esquecê-la.
Hoje, realmente, não quero vê-la.
Hoje, claramente, não quero querê-la.
Hoje, sinceramente, comecei a perceber,
Que, com você, não quero viver...

Hoje, não quero falar com você.
Hoje, vou dar vazão a minha ira.
Hoje, não quero ser seu, se vira!
Hoje, vou sair da sua mira.
Me tira do seu pensamento, me tira!

Hoje, não vou dar a mão a quem caiu.
Hoje, vou ignorar quem me sorriu.
Hoje, não vou ajudar quem me acudiu,
Só porque, hoje, é primeiro de abril.

Paulo Tárcio Martins.

ME ACORDEM, POR FAVOR!

Eu preciso acordar deste pesadelo que me faz sentir medo de quem me deveria proteger, me dar segurança, proteção;

Eu quero acordar e ver que tudo não passou de mais um sonho ruim, quando me apresentaram os candidatos ao pleito eleitoral;

Me recuso a sonhar com os sacerdotes e presbíteros e outros "mensageiros" de Deus que estupram e corrompem em suas sacristias e púlpitos, as

inocências desamparadas, desassistidas e relegadas a um plano tão inferior que não tem nem classificação;

Eu quero despertar desta minha sonolência que me faz ver barbaridades cometidas em nome do poder, da fama, da riqueza desmedida e sem quantia que chegue; atrocidades em nome da religião como se Deus fosse um guerreiro que conseguiu tudo pela força e pela pressão;

Eu preciso acordar desta minha letargia e ver que estava errado quando não contribuí para as "crianças esperanças" e outros programas comandados por grandes corporações adaptadas ao gênero e ver que, bem acordado, realmente, o dinheiro arrecadado está sendo usado legalmente;

Eu preciso deixar de sonhar e na realidade acreditar que tudo está melhorando, que a distribuição de renda está mais justa, que os profissionais de saúde estão dando a mesma importância aos segurados sociais que aos detentores de planos de saúde ou atendimentos particulares;

Eu preciso parar de devanear, em sonho, quando penso que o dinheiro dos vários impostos que pagamos estão sendo aplicados em prol de todos e não só dos Marcos Valérios, dos Delúbios, dos Dudas Mendonças e vários outros da mesma rinha;

Eu quero acordar, e mesmo suado e com taquicardia, constatar que foi só um susto, quando li em meu sonho, que um sujeito queria comprar a Amazônia;

Só acordado eu vou acreditar que as músicas que os jovens estão ouvindo e idolatrando seus interpretes, não passaram de letras sem nexo, bobas e vazias que o meu cérebro criou enquanto eu dormia;

Só com os olhos abertos eu verei que tudo aquilo que presenciei ou que passou pela minha retina, com referência à destruição da terra, via extermínio da natureza, era uma simples simulação do que poderia acontecer, caso aquilo se tornasse realidade;

Não passará de coisa sem importância, quando eu acordar e ver que es escolas do meu País não discriminam os negros, os gordos, os feios, os pobres... com quotas especiais e que garantam o seu ingresso nelas; que os nossos alunos se tornarão bons profissionais, depois de formados, pois temos um ensino muito bem pago (pago?) pelos governantes e donos de redes de ensino;

Quando eu acordar, não serei mais obrigado a acreditar em falsos juramentos proferidos em altares, jantares e festas de formatura; poderei não acreditar em falsos capetas e em verdadeiros deuses e então poderei bradar como disse um dia um poeta: "Sou ateu graças a Deus!!!"

Socorro!!! Me ajudem!! Me acordem!!! Quero estar de pé quando a caravana passar!! Eu também quero aplaudir...

Paulo Tárcio Martins.

MENSAGEM DE ANIVERSÁRIO

Eu queria ter, para poder te dar o que desejas;
Eu queria saber, para poder te ajudar;
Eu queria ser adivinho, para saber o que almejas;
Eu queria ser bom de jogo, para poder te ganhar.

Se eu tivesse, você também teria.
Se eu soubesse, você também saberia.
Se eu adivinhasse, no seu coração entraria.
Se eu jogasse, você eu não perderia.

Mas como eu não posso ter
E de você eu pouco sei,
Eu queria ao menos prever,
Com que jogo te ganharei?

Ah! Se você eu ganhasse...
Que presente que seria!
Ah! Se você soubesse...
Quão feliz você me faria.

Mas o aniversário é seu,
O presente é você que tem que ganhar.
Por todos os anos que você viveu,
Eu quero te parabenizar,
Muito sucesso, saúde e felicidades,
É o que eu quero te desejar,
Pelos muitos e muitos aniversários
Que você ainda vai comemorar.

Paulo Tárcio Martins.

MEUS SEMELHANTES...

As religiões, em sua grande maioria, pregam a existência do bem e do mal.

O bem sempre representado por Deus, por Jesus Cristo, por Maomé, por Jeová e tantas outras denominações que, ao final ou na sua essência mais íntima, chegam ao amor na sua forma mais pura e sincera de se expressar em relação aos meus, aos nossos semelhantes.

O mal, sempre associado ao demônio, ao satanás, ao cramunhão, ao diabo, ao anjo desvirtuado e assim se seguem tantas outras nomenclaturas que servem para designar as nossas atitudes mais inconfessáveis também com relação aos seres humanos e até aos animais, plantas etc...

O leitor ou leitora, meus semelhantes, já pararam para pensar nestes dois atos (o bem e o mal), extremos de nossas atitudes e ações que sempre estamos praticando (alguns com mais e outros com menos intensidade, mas sempre exercitando estes extremos) durante a nossa existência?

Gosto muito de comparar nossa vida, nossa passagem aqui pela Terra com a natureza... E, para tanto, quero relatar aqui um episódio que ocorreu comigo quando plantei uma árvore (um abacateiro) em um vasilhame propício para tal intento e que pode mensurar uma diferença entre o bem e o mal, baseado nesta história.

Meus semelhantes, vocês sabem o tamanho da diferença entre o bem e o mal?

Voltemos ao plantio do abacateiro para que possamos chegar a um patamar desta diferença, tão eclética e ecumênica...

Selecionada a terra e vasilhame cheio, coloquei no centro deste vaso a semente imponente e sadia de um abacate.

Por alguns dias, reguei e protegi do excesso de sol e da ação de algum animal que pudesse interferir no processo germinatório daquela frutífera.

Eis que surge ali um vigoroso broto que, em poucos dias, estava com várias folhas tão verdes e sedosas que até brilhavam à luz do sol e farfalhavam alegremente ao sabor do vento. Isto pode ser chamado do lado bom, o lado do bem.

Mas, ao pé desta planta, também surgiram algumas ervas daninhas, (mais ou menos umas 5 variedades, minúsculas em relação à planta principal) que não foram ali plantadas, não eram desejadas, não produziriam nenhuma fruta, flor ou qualquer outra benesse oriunda delas, mas que estavam ali mesmo sem serem convidadas. (seriam o lado do mal?)

Deixei o abacateiro tomar um porte de mais ou menos 60 cm, ou seja, mais ou menos na hora de ser transplantado para o seu definitivo local de produção e as "ervas penetras ou invasoras" estavam lá, firmes, mas em menor e mais fraco porte ostensivo, cerca de uns 15 cm cada uma.

Decidi arrancá-las para deixar o abacateiro mais bonito e para ser o centro de atenção do vaso.

Foi aí que pude observar a diferença entre o bem e o mal que também existe na natureza... Foi só fazer esta operação de limpeza que o abacateiro murchou e morreu, talvez abalado em suas raízes pelo arranque das ervas ao seu redor.

Analisemos os fatos: por que nasceram ali, aparentando fraqueza, aquelas plantinhas de sementes insignificantes ou quase invisíveis a olho nu, que não foram semeadas e conseguiram matar uma planta tão saudável e infinitamente maior e mais forte do que elas?

Será que na natureza o mal é maior do que o bem? Seria só na natureza? Ou entre os homens e mulheres, meus semelhantes, também seria assim?

Será por que é sempre mais fácil fazer o mal, desejar o mal ou se alegrar com o insucesso dos nossos semelhantes do que o contrário?

Por que será estamos sempre prontos para criticar destrutivamente...?

Por será que temos sempre a tendência de observar o errado, o mal feito do que o bem feito?

Por que, quase sempre, queremos nos sobrepor aos demais, em favorecimento próprio do que propor uma cooperação para unir forças e juntos, pelo menos tentar equilibrar o jogo da vida?

Partindo-se do princípio de que Deus e suas outras dezenas de denominações é amor, representam o bem, o perdão e a boa convivência entre tudo e todos, não posso acreditar, me recuso a aceitar que o diabo esteja vencendo a árvore maior... Não é possível que as sementes invisíveis das ervas daninhas, talvez e em surdina, espalhadas pelo representante do mal, estejam fazendo morrer a árvore frutífera e do bem... Me recuso a crer nisso...

Não quero ver a mentira vencendo a verdade...

Não aceito a violência ser maior do que a bondade, do que a humildade...

Não quero ser parceiro e nem fomentador das ervas, mesmo que menores e insignificantes, que matam ou enfraquecem a floresta que teima em produzir frutos (até quando?) para alimentar a vida terrena...

A VIDA É UM JOGO... PROCURE VIVENCIÁ-LA DA FORMA MAIS FRUTÍFERA POSSÍVEL, NO DECORRER DA PARTIDA, PORQUE, AO FINAL, SEM DÚVIDA NENHUMA, PERDEREMOS A PELEJA PARA O TIME DO TEMPO E TALVEZ AINDA TENHAMOS QUE SER ERVAS NÃO DESEJADAS EM OUTRAS VIDAS...

Paulo Tárcio Martins.

SAI PRA LÁ, COISA RUIM!

Edmo Nunes.

A profissão lhe trouxe o nome: Dorvino Benzedor. Segundo ele mesmo, herdara do pai a vontade de mandar todas as almas para o céu. O trabalho consistia em rezar pelos doentes para que se recuperassem dos males ou, se em caso de morte, suas almas tivessem descanso merecido em um bom lugar.

Tinha uma máxima: "Se minhas orações não salvarem, também não matarão." Ficou conhecido nas redondezas e, sentindo o bom momento da profissão, tratou de aprimorá-la. Como a obrigação era fazer boas rezas, nada melhor do que por meio de uma quinzena. Quinze dias à disposição do acamado, bebendo e comendo do melhor e ainda dormindo em camas limpas e macias. Criou também algumas "garrafadas" que não faziam mal e montou uma pequena equipe com duas carpideiras profissionais para o caso de não conseguir salvar o doente.

Pois bem, assim Dorvino ia levando a vida numa maciota invejável. Nome feito com suas orações salvando muita gente, fama correndo, requisitado, comendo e dormindo, dormindo e comendo. O homem tornou-se uma verdadeira igreja ambulante, explorando a fé dos mais ingênuos.

Todos, nas redondezas, lembravam-se da Genoveva, entrevada na cama há um tempão e que se levantou com apenas alguns frascos de remédios e poucas benzeduras. Houve também o caso do Geronso, que voltou a falar depois de levar uma paulada nas costas que lhe tirava a voz. Bastaram uns unguentos e três benzidas em três sextas-feiras e tava ali, bonzão de tudo.

O fato narrado aqui aconteceu pelos idos da década de 40, na zona rural de Coqueiros, onde residia Dorvino, e foi-me repassado por um tio que dizia ter conhecido os personagens. Não muito longe de sua casa, numa imensa fazenda de gado, com muita riqueza, o proprietário estava à beira da morte. Sem outras opções, a família apelou para Dorvino, levando-o para a fazenda e alojando-o no mesmo quarto em que o fazendeiro aguardava a morte.

O cômodo tinha uma janela que dava para o terreiro da sala por onde transitavam os chegantes. Entretanto, corre por ali, sem qualquer constrangimento, um diz-que-diz que a fortuna do fazendeiro havia sido obtida por negociação com Satanás, dando, em troca da riqueza, sua alma para lhe ser entregue quando de sua morte.

Dorvino já tinha conhecimento dos fatos e ainda ouviu mais pelos peões e vizinhos assim que chegou à fazenda. Era certo, havia testemunhas, a negociação havia acontecido, a riqueza do homem havia surgido do nada, de uma hora para outra, sem explicação plausível. Mas, pelo sim ou pelo não, não deu bola, aceitou a incumbência. Também, o fazendeiro não estava tão ruim assim, pelo visto não morreria facilmente e era uma boa oportunidade para propagar sua fama de benzedor, sem contar que seria uma temporada proveitosa, a família era abastada, farturenta e certamente iria proporcionar-lhe dias inesquecíveis.

Acontece que, com a doença, a lavoura de arroz que a família tocava estava passando da hora de ser colhida, em vias de a rama deitar e apodrecer os grãos. Os vizinhos, todos chegados por amizade ao fazendeiro e seus familiares, resolveram ajudar de alguma forma. Decidiram que a melhor maneira seria fazer um mutirão para, pelos menos, cortar o arrozal.

A tradição por ali era em forma de "traição", que consistia em preparar o adjutório sem o conhecimento da pessoa que seria ajudada. Combinavam tudo e, no dia aprazado, chegavam de madrugada com suas ferramentas, dando tiros, soltando foguetes para acordar o pessoal da casa.

Julgaram não haver nenhum inconveniente, já que o fazendeiro mostrara melhoras desde que as rezas tinham começado. Porém, justamente naqueles dias de lua clara, fim de Quaresma, o zumzumzum sobre a venda da alma do fazendeiro estava quente, com os peões e vizinhos sempre lembrando que em qualquer dia o "coisa ruim" viria fazer a cobrança, buscar a mercadoria de troca. Dorvino ouvia aquilo, ficava meio cabreiro, mas não queria deixar a empreita pela metade. Às vezes, sentia um arrepio na pele, passava noites em claro, mas ia levando. O doente estava bem melhor e os quinze dias estavam por vencer.

Na madrugada do mutirão, aí pelas quatro da matina, Dorvino, que mal dormira, acordou sobressaltado com um barulhão no terreiro, tiros de

revólver, espingardas, foguetes e gritos de "abre a porta". O benzedor que, já com medo, nem tirava a roupa para se deitar, abriu a janela para fugir e deu de cara com um homem que esmurrava a janela. Estava vestido a caráter para o trabalho, com um chapéu de abas debruadas, um pano no pescoço para proteção do sol e empunhando um cutelo, ferramenta adequada para o corte de arroz. Não teve dúvidas: era a morte em pessoa, era mesmo o diabo que vinha para receber a dívida. Não pensou duas vezes e, apontando o dedo para a cama em que estava o doente, gritou:

– Num me leva, não tenho nada com isso, sou um pobre benzedor, não ganhei nada, prometo largar a profissão. O seu devedor é aquele ali!

Edmo Nunes é bancário aposentado.

Vidas perdidas

Com esse título, o escritor goiano Edmo Nunes acaba de publicar seu segundo romance (Editora Kelps – Goiânia – 2018). Trata-se de um enredo longo e minucioso ambientado nos confins goianos dos tempos de antanho, em pleno sertão bruto, abordando a saga da família de "seu" Olegar, fazendeiro que se fez à custa de trabalho árduo, persistência e inaudita coragem. A figura central, no entanto, e que toma para si as rédeas da narrativa é sua filha, Dina, mulher resoluta e forte, que acaba por dominar o cenário, não titubeando nem mesmo diante de atos de extrema violência.

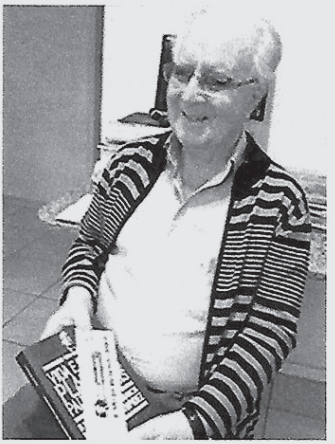
Tudo tem início quando ela, moça muito linda e disputada na região, se apaixona por um certo Chico Mulato, boêmio incorrigível, violeiro e cantor sem paragem certa e inimigo declarado de qualquer trabalho. Contrariando a opinião geral e agindo com fria determinação, ela decide viver com ele em uma pequena fazenda pertencente ao pai, isolada de tudo, em pleno sertão, e sem as mínimas condições de conforto e segurança. Mal se instalam, o marido ganha o mundo e só aparece depois de longas ausências, permanecendo por alguns dias antes de nova ausência. É brutal no trato à mulher, exigente e arrogante, mas ela, de maneira surpreendente, a tudo se submete. Seguem-se anos de trabalho duro, cuidando sozinha da casa, lavrando e plantando para a subsistência e dando atenção aos filhos que vão nascendo. Descuidada de si mesma, vestida em molambos, suja e desgrenhada, ela trabalha, trabalha e trabalha. É uma submissão total aos caprichos de um marido vadio e grosseiro que chega a provocar a perplexidade do leitor diante de tanta carneirice. Até que um dia, não suportando mais, sobrevém a reação e ela elimina o malsinado Chico Mulato de maneira fria, calculada e precisa. Consumado o crime, toma dos filhos e da tralha e se transfere para a fazenda do pai, assumindo sua administração e guardando a sete chaves o segredo do desaparecimento do marido.

Tem início nova fase de uma vida difícil e sofrida. Cabe-lhe a direção da fazenda, tendo que cuidar do pai doente, de um irmão deficiente e das crianças. A morada é distante de tudo, isolada do mundo; as viagens são longas e penosas, em lombo de cavalo. A violência impera e tanto o pai, velho e doente, como os dois irmãos, são assassinados. Sobre eles recai a acusação de um duplo homicídio frio e cruel motivado por questões de divisas de terras. A própria Dina, por fim, acaba se envolvendo em projetos de vingança, eliminando o autor das mortes de seus familiares. É vítima, no momento da execução, de um ferimento que desfigura um dos lados de seu rosto. Não obstante, ela se empenha com toda determinação pela direção da família no sentido da paz e da harmonia, criando filhos honestos e trabalhadores. Carrega no peito, em silêncio, o peso da morte do marido e só descansa depois de uma confissão completa e espontânea à família e à autoridade. Mas tempo é remédio e os muitos anos decorridos impõem

o esquecimento. Nenhuma providência é tomada contra ela e a mulher, enfim, pode suspirar, aliviada do peso que carregava na alma.

A trama é envolvente e a narrativa desperta a curiosidade do leitor pelos acontecimentos seguintes. Não há como largar o livro antes do final. No correr do texto o autor revela perfeito conhecimento do que descreve. Tudo lhe é familiar, desde a natureza selvagem do sertão até os costumes, a linguagem, os alimentos, s plantações, os animais e tudo mais. É um conhecimento feito de experiência própria, essencial à verossimilhança de uma narrativa do gênero. Por fim, o autor revela agudo senso de observação e memória impecável, o que faz de seu romance um documento completo da vida humana nos grotões arredios de civilização. Edmo Nunes está diplomado em romance.

Escrito por Enéas Athanázio, 17/12/2018 às 19h27 | e.atha@terra.com.br



Enéas Athanázio

Assina a coluna Enéas Athanázio

Promotor de Justiça (aposentado), advogado e escritor. Tem 51 livros publicados em variados gêneros literários. É detentor de vários prêmios e pertence a diversas entidades culturais. Assina colunas no Jornal Página 3, na revista Blumenau em Cadernos e no site Coojornal - Revista Rio Total.

DIONÍZIA...

Em dias de frio, você me esquentava
Cuidava de mim e nem se cuidava,
Mudava a estação, mas você não mudava.

Fazia calor e me refrescava
Cuidava de mim e nem se cuidava.
Eu lhe dava trabalho e você nem queixava,
Dizia que a vida toda me esperava.

Ficava doente, mas, você é quem sofria,
Chamava-me meu anjo, mas eu já sabia
Que o anjo era você, minha Estrela Guia.

Mostrou-me o Caminho que a vida traçava
Me ensinou caminhar, antes de ensinar a andar,
Com lições de Evangelho, que eu nem creditava.

Se hoje os meus passos, são firmes pegadas,
Se a luz dos meus olhos, vê toda jornada,
Eu posso dizer, que ainda ei de ver
Em Nova Caminhada.

Ênio Antônio da Silva – AML – Cadeira 27
Patrono – Agenor Braga – janeiro/2017
AML– Academia Morrinhense de Letras

MUDAR O BRASIL? SÓ POR MEIO DA EDUCAÇÃO

Em paralelo aos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que qualifica alunos para vagas em universidades, mostraram um cenário desolador na maioria das escolas públicas do Brasil. Os percentuais de aprovação foram baixos em cerca de 90% delas. Responsáveis por 88% das matrículas do Ensino Médio do País, as escolas públicas são maioria entre as que ficaram com nota abaixo da média nacional do Enem. Enquanto isso, Colégios de Aplicação, Federais, e os Colégios Militares, tiveram boas notas. Talvez, a competição com o computador, os jogos eletrônicos, celulares e tudo o que hoje distrai a atenção dos jovens nos faça refletir se não está na hora de uma volta ao passado na disciplina e atenção aos estudos. Justamente quando foi feita a reforma do Ensino Médio, por meio de medida provisória e sem um estudo acurado com debates gerais, chega esta péssima notícia sobre a qualidade do ensino público. Isso é triste e preocupa demais. Mudamos a grade curricular, mas nem sempre isso foi para melhor. Muitos afirmarão que isso é saudosismo piegas e que não se pode voltar a um ensino cujo modelo tem 50 ou 60 anos. Com salários desvalorizados, carga horária intensa em sala de aula e trabalho constante em casa, tudo isso aliado à falta de respeito verificada em episódios que chegaram até às vias de fato, com agressões a professores que chocaram a todos, o magistério cansou, aqui e acolá. O resultado é que cada vez menos jovens procuram formação na área. O panorama é desalentador, e não há perspectiva de melhora em um curto espaço de tempo. Contudo, alguns especialistas analisam a situação por outro ângulo. Com a baixa procura pela profissão, a demanda por docentes seguirá alta. Uma perspectiva positiva em um horizonte obscuro. Paradoxalmente ao abandono de currículos tradicionais onde até o temido Latim nos ensinava a etimologia da maioria, senão de todas as palavras da língua portuguesa, hoje a publicidade de alguns colégios fala que ensinar é questionar, discutir e ter uma visão do mundo muito além da escola. Mas, quando isso não foi

feito nos colégios públicos e privados até os anos de 1970? O que mais havia era disciplina e a hierarquia, talvez até com uma dose de repressão. Pairando acima de tudo e de todos, temos uma crise econômico-financeira que afetou até os estabelecimentos particulares, inclusive no Ensino Superior. Mas devemos buscar a convivência da modernidade tecnológica com o aprendizado e o amor pela escrita e a leitura. Cursos profissionalizantes já temos, aproveitando as facilidades que a informática e a internet trouxeram ao estudo. Não é preciso, necessariamente, inovar em métodos no ensino: basta ensinar, dialogar e manter o interesse das turmas. Nada substitui um professor que encante com frases, pensamentos, debates e, até mesmo, a análise do que se passa, cotidianamente, na cidade, no Estado, no Brasil e no planeta, com pinceladas que façam seus alunos pensarem no que é bom e ruim nesse mundo louco de sinais de guerra, fome em diversas regiões e muita corrupção. Enfim, só a educação mudará o Brasil para melhor. (Editorial da edição do mês 09/2017 O Liberal)

Ênio Antônio da Silva – AML – Cadeira 27
Patrono – Agenor Braga – janeiro/2017
AML– Academia Morrinhense de Letras

RECRUDESCIMENTO DAS LIBERDADES

Um dos mais importantes valores de uma democracia é a liberdade de expressão, de pensamento. É tão relevante que consta no artigo 5º da Constituição Federal. O processo político, iniciado em 2013 e com ápice em 2016, apresenta na atualidade sinais de distorção de conceitos que são caros para toda uma geração que lutou por esta democracia em que vivemos. Democracia com uma série de problemas, é verdade, mas democracia. Lembro de um tempo antigo em que a vitória eleitoral era respeitada pelos vencidos, a ponto de tornar-se tradição a ligação telefônica aceitando

a derrota e desejando votos de um bom mandato. Tudo isso acabou na eleição presidencial de 2014. De lá pra cá, o que se viu foi o crescimento de um discurso de ódio e preconceito.

Tudo isso justificado pela liberdade de expressão. A sociedade brasileira viu surgirem movimentos como o Movimento Brasil Livre. Na continuidade dessas manifestações sem origem definida, outra proposta caracterizada pela violência, desta vez intelectual: Escola sem Partido. Em algumas Assembleias Legislativas, deputados criaram Projetos de Lei (PLs) orientados por esse projeto.

Esse quadro de infâmia teve dois momentos recentes que envergonham qualquer pessoa decente: em setembro do ano 2017, a exposição "Quer museu? – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira" foi cancelada pelas manifestações contrárias à sua instalação, que já durava um mês e se encerraria em outubro. A mais recente agressão ao pensamento diverso deu-se na passagem da filósofa norte-americana Judith Butler, que participou do Seminário "Os fins da democracia", em São Paulo, em novembro de 2017.

A reação, mais uma vez, mostrou uma violência própria do fascismo clássico. Imagine-se ser agredido por alguém que sequer leu aquilo que você escreve, foi o que aconteceu com a filósofa norte-americana.

O que impressiona é que esses movimentos que reprimem a expressão dos outros, ao serem questionados sobre a validade de seus argumentos, valem-se justamente da "liberdade de expressão". Estranho, né? A nossa omissão poderá nos levar a um recrudescimento das liberdades individuais como nunca foi visto. A forma como a história deste período será contada depende de nossa atitude. Devemos isso às gerações que lutaram pela democracia brasileira.

Ênio Antônio da Silva – AML – Cadeira 27
Patrono – Agenor Braga – janeiro/2017
AML – Academia Morrinhense de Letras

"Naquela mesa falta Ele" (Composição textual da notícia da morte de Nion veiculado em O Liberal edição mês 09/17)

"O PROFESSOR NION"

Ex-prefeito de Goiânia, Nion Albernaz, de 87 anos, morreu nesta quarta-feira (6/09/17), segundo informações de familiares. Ele morreu em decorrência de uma parada cardíaca, às 15h, e teve falência múltipla dos órgãos, dentro de casa, na capital.

Nion já havia sido internado em julho deste ano, em decorrência de queda de pressão arterial; ele tinha problemas cardíacos. Na última ocasião, ele estava na fazenda que possui em Morrinhos, foi socorrido por helicóptero do Grupo de Radiopatrulha Aérea da Polícia Militar (Graer) e levado ao Hospital Neurológico da Goiânia.

A família de Nion informou em nota que, após as internações, ele vinha recebendo cuidados em casa, com equipamentos adequados e visitas constantes de médicos e enfermeiros. No entanto, após uma piora no quadro de saúde, não resistiu. O corpo de Nion foi velado no Palácio das Esmeraldas, em Goiânia. O enterro aconteceu na quinta-feira (7/09/17), no Cemitério Santana.

Nion foi prefeito de Goiânia por três vezes, entre 1983 e 1986, depois de 1989 e 1992 e pela terceira vez de 1997 a 2000. Ele ficou conhecido por ter investido na arborização e planejamento urbano da capital, colocando jardins nas praças e avenidas. Outras medidas que chamaram a atenção durante a administração dele foram: a criação de cooperativas de produção em bairros pobres, início da construção das marginais Botafogo e Cascavel, além da informatização da prefeitura.

O ex-prefeito também foi responsável pela implantação da Assessoria Especial da Mulher, além de criar programas de assistência ao idoso e às pessoas portadoras de deficiência. Nion também foi responsável pela criação do Cepal.

Ele começou a trajetória política como vereador, em Goiânia, quando eleito em 1957. Nion chegou a ser presidente da Câmara Municipal. O

ex-prefeito também esteve à frente da Companhia de Habitação de Goiás COHAB e foi diretor-geral da Universidade Federal de Goiás (UFG). Durante anos, ele atuou como professor de matemática no Colégio Liceu de Goiânia, onde ganhou notoriedade.

O Professor Nion como o chamávamos, embora tendo propriedade no município de Morrinhos, quase não opinava na política local, mas sempre que era procurado emitia seus conselhos que era para nós de grande valia. O ex-prefeito de Morrinhos professor Cleumar Gomes, elogiou a atuação de Nion na administração da capital. Recordando a atuação do prefeito conhecido por ter investido na arborização e planejamento urbano da capital, colocando jardins nas praças e avenidas. "Goiânia nunca foi tão bela e tão florida", disse Cleumar.

Grifo nosso: "Ele foi uma referência política para o Estado de Goiás, ouvia de olhos fechados, às vezes, mas quando abria a boca, sempre tinha a solução".

Ênio Antônio da Silva – AML – Cadeira 27
Patrono – Agenor Braga – janeiro/2017
AML– Academia Morrinhense de Letras

MULHERES A SERVIÇO DO BEM

Em 1998, um grupo de mulheres abdicadas fundaram A Casa da Amizade Morrinhos Cidade dos Pomares, associação de senhoras Esposas de Rotarianos do Rotary Club Morrinhos Cidade dos Pomares. Todas tinham o mesmo ideal – Servir!! Naquele ano o lema Rotário era "Mostre que Rotary se Interessa". Essas mulheres, lideradas por Maria Helena Tolêdo, serviram a comunidade Morrinhense e não mediram esforços para mostrar a toda cidade o valor da instituição. Maria Helena presidiu a Casa da Amizade por seis vezes!! Com muita habilidade, dinamismo, competência e espírito de servir, conduziu todos os trabalhos de filantropia e assistência social, ações que competem à Casa da Amizade, instituição que caminha

ao lado de Rotary Clube, mas não possui nenhum vínculo jurídico com este renomado e centenário Clube de Serviço. Várias foram as ações que levaram acalento e alegria às pessoas menos afortunadas. Asilos foram visitados com mais frequência, enxovais para recém-nascidos, comemoração de aniversários dos membros do Conviver e tantas outras atividades. Assim diz o Poeta: "A Arte Sensibiliza e Adorna a Vida". Maria Helena deu Arte e Vida ao que fez, pois tudo que fazemos com amor, com desprendimento espiritual é Arte, e deixa nossas vidas com a presença de Deus tornando-nos sensíveis e adornados de felicidade. Desde os velhos tempos, existem pessoas que se destacam na comunidade, tanto no poder público quanto em vários outros segmentos da comunidade.

MARIA – Que vem do hebraico e significa SENHORA SOBERANA;

HELENA – Vem do Grego e significa TOCHA DE LUZ.

Essa Senhora soberana, forte decidida com essa tocha de luz, que irradia a sua vida em todas as suas ações, fez com que muitas necessidades fossem amenizadas; com tudo isso, tornou real o sonho de Rotary, agiu com coerência e confiança, criou consciência, foi atuante dando a mão ao próximo, celebrou 100 anos de Rotary e realizou muitos sonhos.

Maria Helena, a comunidade morrinhense e rotária, tem somente a agradecer ao seu trabalho e ao seu desejo de servir. Sua missão foi cumprida.

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva

O ano rotário do Ano 2014/2015, nos convidou a Ser Luz. **"É melhor acender uma única vela do que ficar sentado, reclamando da escuridão".**

O ser humano está sempre a procurar uma luz para ser guiado. "E eles foram guiados por uma Estrela…" Nós, da Casa da Amizade de Morrinhos Cidade dos Pomares sentimos muito felizes por termos sido guiadas por esta Estrela de Maior Brilho: **Companheira Cleusa Marina**. Ela, neste ano, nos orientou e nos guiou no caminho de luz. "Ninguém acende uma vela para colocá-la debaixo da mesa." Cleusinha, assim como é

carinhosamente chamada por todos, deixou sua vela no alto para dar luminosidade em todo o caminho. Oportunizou a todas para que acendessem a sua luz própria. Brilhamos juntos com ela, em todas as ações propostas junto à comunidade, fazendo com que o cidadão fosse reconhecido como Ser Humano. A Casa da Amizade, conheceu na Gestão de Cleusa Marina o verdadeiro significado da Luz, do brilho das estrelas, do brilho do Sol que reluz a cada manhã. Sentimos honradas em sermos guiadas por esta Estrela Maior– Fizemos o Rotary Brilhar!!

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva

O tema Rotário 2016/2017, começa com **Rotary a Serviço da Humanidade**. Esse tema está relacionado com a missão de Rotary, que é servir. Tema bem peculiar, pois o Rotary trabalha há anos pensando na humanidade e amenizando os conflitos sociais, lutando pela Paz Mundial, cuidando da erradicação da pólio. Esse tema nas mãos da companheira Eneida está tendo um gostinho diferente.... Ela serve, não somente agora à frente da presidência da Casa da Amizade Cidade dos Pomares; seu perfil de SERVIR, é desde sua infância, sempre preocupada com as pessoas menos afortunadas e privadas de oportunidades. A história de vida de Eneida mistura com seu Ideal de Servir. Eneida convida a servir à Humanidade de uma forma diferenciada O espírito de liderança invade seu ser e inicia as ações do Bem. A Escola Estadual Gertrudes Lutz, foi a escolhida para nossas ações. Crianças foram selecionadas pela direção e cada uma recebeu uma madrinha social, que seria responsável por cada criança para oferecer o que fosse necessário para seu bom desempenho escolar. Como é gratificante ver os rostinhos das crianças da Escola Gertrudes Lutz; cada olhar, cada sorriso tem uma dose de ânimo, tem uma dose de amor e dedicação que o projeto está trazendo para aquela instituição de Ensino, que trabalha com crianças da periferia de nossa Morrinhos. Eneida, sempre falante, atuante e disposta, com palavras de apoio para ser colocada no momento certo. Amiga sincera, de todas as horas, sempre pronta a servir, cuidadosa

com os pais, os irmãos, filhos e com as pessoas que precisam e vivem a sua volta. Graças a sua visão de servir, muitas ações em parceria com Rotary e Casa da Amizade puderam ser realizadas naquela instituição de ensino.

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva

Lúcia Silveira! Como é bom receber você em uma noite tão festiva!!

É muito bom receber visitas ilustres ainda mais tratando –se de uma pessoa nossa. Casa da Amizade de Morrinhos tem muitas histórias ao receber as coordenadoras distritais; afinal, são muitos anos dedicados à filantropia de nossa cidade. Lúcia, querida!! Sua vida tem um marco que jamais você esquecerá.

Antes e depois de sua posse!!

Sabemos que a missão que você assumiu junto à Coordenadoria Distrital é de grande responsabilidade. O novo é desconhecido, nos provoca um certo receio... Mas você transformou o receio do novo em ações que proporcionaram a você crescimento. Você sempre sorridente, otimista com palavras amigas e de ânimo às ações desenvolvidas por cada Casa da Amizade visitada por você. Crescemos acompanhando você em cada visita, pois suas experiências relatadas em suas mensagens na carta mensal, nos enriqueceu. Você ficou alegre, sorriu, ficou triste e emocionou em cada visita que fez em cada Casa. A história de D. Celina, deixou você muito emocionada e, com isso, você pensou: "como uma pessoa como D. Celina, que tem tão pouco monetariamente consegue dar tanto de si, aos mais necessitados?" Seu desejo em ajudá-la foi grande.

Você está na reta final de seu mandato. Quantas experiências você trouxe de cada visita. Quantas amizades edificadas a cada quilômetro percorrido. A cada visita, a sensação do dever cumprido. A semente da amizade e do servir, foi semeada, você estará colhendo muitos frutos a partir de agora. Sentimos muito orgulho de ter você à frente da Coordenadoria da casa da Amizade Distrito 4770. Descobrimos que somos felizes a partir do

momento que temos condições de fazer outras pessoas felizes e você está deixando um legado de muitas amizades construídas a partir do DAR DE SI ANTES DE PENSAR EM SI.

Paz, Bem e Servir!!

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva

Novo Ano Rotário!! Outra história a ser contada!! Querida Fabiana Franco, desde sua posse sonhamos com este dia!! Receber a coordenadora Distrital é motivo de muita alegria!! A Casa da Amizade de Morrinhos tem muitas histórias de servir...e tem uma das casas mais antigas do Distrito. Em 1969, tivemos a honra de ter uma Coordenadora Distrital, que a época era chamada simplesmente "Esposa do Governador"!

Aprendemos muito com Sonia Sampaio e tantas outras coordenadoras, que se fizeram na Coordenadoria Distrital das Casas da Amizade, e todo ano rotário aprendemos mais e mais.... E esse aprendizado nos torna fortes e atuantes prontas para seguir:

"Uma luz azul que nos guia
Com a firmeza e os lampejos do farol".

Essa Luz Azul é você Fabiana Franco!!

Este ano você aceitou, juntamente com seu esposo o desafio de SERVIR, com a missão de visitar todas as Casas Rotárias que compõem o Distrito 4770. Deixando o aconchego de seu Lar, carinho das filhas, convivo com seus pais, para conhecer nosso trabalho, trazer um pouco de si e levar um pouco de cada um de nós. Você terá momentos de: alegria, de tristeza e emoção, mas estes são" **os recifes"** que você encontrará em seu caminho.!!

Você nos convida a Ser a Inspiração!!
Aceitamos o desafio!!

Piracanjuba, Araporã, Goiatuba, Iturama, Morrinhos "**braços abertos sempre a te esperar"** .....Agora é a nossa vez!

"Pois bem, você chegou .....
Fique bem à vontade; na verdade" a casa é sua .....

A embarcação chamada Casa da Amizade tem você, como timoneira e nós somos as tripulantes, e junto com você...

Descobriremos os 7 Mares, pois navegar eu quero, nas ondas da Inspiração fazendo valer a premissa máxima de Rotary – Dar de Si Antes de Pensar em Si.

Sucesso em sua caminhada!!!

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva

O DIREITO À LITERATURA E À DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

Fabiana Aparecida Nunes de Tolêdo

Sumário: 1 INTRODUÇÃO; 2 A DETURPAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E SUAS IMPLICAÇÕES NO SISTEMA EDUCACIONAL; 3 EFICÁCIA JURÍDICA DO PRINCÍPIO DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA NO ÂMBITO EDUCACIONAL; 4 LITERATURA: O PODER DA PALAVRA COMO GARANTIA FUNDAMENTAL; 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.

RESUMO

Este artigo pretende apresentar certas reflexões a respeito da importância do ensino da literatura na educação básica. Cientes do acesso à educação como garantia fundamental no regramento jurídico brasileiro, a proposta é inserir o estudo de textos literários de forma transdisciplinar. Trata-se de formar leitores críticos e capazes de leituras contextualizadas, mas com abrangência atemporal e universal, tendo como princípio a educação integral e cidadã. A partir dessa realidade, o desafio é manter a apreciação da literatura, enquanto arte, mas, por conseguinte, tê-la como instrumento de libertação, e assim obtendo o respeito à dignidade da pessoa humana. Para tanto, estabelecemos como obra motivadora deste estudo, por ora, "Os

Sertões" de Euclides da Cunha. Além e, para além, dos textos críticos, sociológicos, filosóficos e jurídicos.
Palavras-chave: Direito, dignidade, educação, literatura e liberdade.

ABSTRACT

This article intends to present certain reflections about the importance of literature teaching in basic education. Aware of access to education as a fundamental guarantee in Brazilian judicial regulation, the proposal is to insert the study of literary texts in a transdisciplinary way. The aim is to train readers that are critical and capable of contextualized reading, but with timeless and universal comprehensiveness, based on integral and citizen education. From this reality, the challenge is to maintain the appreciation of literature as an art, but, as a consequence, to have it as an instrument of liberation, and thus obtaining respect for the dignity of the human person. To this end, we establish as motivating work of this study, for now, "The Sertoes" of Euclides da Cunha. In addition to, and beyond, critical, sociological, philosophical and legal texts.

Keywords: Law, dignity, education, literature and freedom.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a dignidade humana tornou-se um dos maiores consensos, no âmbito axiológico, do mundo ocidental, sendo mencionada em incontáveis documentos internacionais, em constituições nacionais, leis e decisões judiciais.

Na cultura ocidental, começando com os romanos e chegando até o século XVIII, tendo como um dos marcos a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, obtendo neste contexto o primeiro sentido atribuído à dignidade – enquanto categorização dos indivíduos – estava associada a um status superior, uma posição ou classificação social mais alta. Ou seja, a dignidade era equivalente à nobreza, implicando em tratamento especial. No desenrolar histórico, o homem

depara-se, infelizmente com avanços e retrocessos. No século XX, duas grandes guerras assombraram as nações e fazem surgir em 10 de dezembro de 1948 o documento mais traduzido do mundo (hoje em mais de 500 idiomas e dialetos). A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral da ONU na Resolução 217-A, tanto inspirou outros documentos internacionais, quanto influenciou nas constituições de novos e velhos países por meio do instituto dos princípios e direitos fundamentais.

A Constituição brasileira de 1946 foi signatária dos direitos fundamentais, entretanto é na Carta de 1988 que se assinala a "prevalência dos direitos humanos". Embora saibamos que sem políticas públicas, todos os direitos que levam à dignidade são meras fontes subjetivas de utopias sociais. A dignidade da pessoa humana como princípio jurídico foi apontada por vários estudiosos, como por exemplo, professor Luís Roberto Barroso:

Conforme diz o livro A Dignidade da Pessoa Humana no Direito Constitucional Contemporâneo:

> A dignidade humana tem seu berço secular na filosofia, onde pensadores inovadores como Cícero, Pico della Mirandola e Immanuel Kant construíram ideais como antropocentrismo (uma visão de mundo que reserva ao ser humano um lugar e um papel centrais no universo), acesso à razão, de fazer escolhas morais e determinar seu próprio destino. Tendo suas raízes na ética, na filosofia moral, a dignidade humana é, em primeiro lugar, um valor, um conceito vinculado à moralidade, ao bem, à conduta correta e à vida boa. Ao longo do século XX, principalmente no período após a Segunda Guerra Mundial, a ideia de dignidade da pessoa humana foi incorporada ao discurso político das potências que venceram o conflito e se tornou uma meta política, um fim a ser alcançado por instituições nacionais e internacionais. Não é difícil perceber, nesse contexto, a dupla dimensão da dignidade humana: uma interna, expressa no valor intrínseco ou próprio de cada indivíduo; outra externa, representando seus direitos e aspirações e responsabilidades, assim como os correlatos deveres de terceiros. A primeira dimensão é por si mesma inviolável, já que o valor intrínseco do indivíduo não é perdido em nenhuma circunstância; a segunda pode sofrer ofensas e violações (BARROSO, 2016, p. 61).

Fato é que na história da humanidade, busca-se um conteúdo mínimo de dignidade humana, nesse universo plurissignificativo da palavra e da dimensão ideológica, capaz de ser aceito por conservadores, liberais ou socialistas, assim como por pessoas que professam diferentes concepções de autonomia individual e de cidadania plena. Nessa mesma direção, desde o final do século XX, a ideia do multiculturalismo vem ganhando uma proporção mais democrática quanto à diversidade étnica, religiosa e cultural; uma vez que a dignidade humana traz em sua essência uma pretensão universalista, ao que parece a ideia de multiculturalismo vem no auxílio de afirmar o respeito à dignidade como um princípio fundamental cada vez mais consolidado no Direito contemporâneo.

Considerando que, tal consolidação depende da composição de elementos basilares para a conquista real da dignidade da pessoa humana, abordaremos, primordialmente, o direito à educação e, como princípio nuclear, o estudo literário ao alcance de todos.

2 A DETURPAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E SUAS IMPLICAÇÕES NO SISTEMA EDUCACIONAL

Tanto o Brasil como a maior parte dos países europeus desenvolvidos, passam pelo mesmo problema; a educação sofreu um processo de subversão, muitos acreditam que ele surgiu com o florescimento do socialismo no século XX. Todavia, com a chegada da Revolução Americana nos EUA, como também, a concretização da Revolução Francesa, os ideais revolucionários liberais ganham destaque, e o princípio da dignidade da pessoa humana, usado pelos católicos nos tempos medievais, sofreu uma politização pelos princípios revolucionários, principalmente com a criação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, publicada oficialmente em 1789. Documento inspirado em ideais iluministas.

Grandes líderes e pensadores como Robespierre, Voltaire, La Fayette, Danton, Marat, Rousseau, Thomas Jefferson, John Adams, Benjamin Franklin, John Lay e George Washington conseguiram criar um Estado revolucionário, estabeleceram uma política Laica, favorecendo o secularismo ao invés de promover o cristianismo; anexaram às instituições da Igreja

Católica, desenvolveram um novo sistema de educação "neutro" (contendo os ideais iluministas), adotaram concepções cientificistas da realidade, inseriram a ideologia do Contrato Social na sociedade, com o objetivo de substituir a relevância dos grupos orgânicos, magistérios, corporações e hierarquias. Esses fatos são evidentes, o verdadeiro propósito da Revolução Francesa era derrubar a Igreja Católica; do outro lado, a Revolução Americana não lutava pela sua independência contra a Coroa Inglesa, muito menos por impostos, ela queria era aumentar o contrabando, pirataria e expandir o protestantismo na América do Norte.

Com a vitória do liberalismo no mundo político, uma nova corrente ganhou forças na Europa. Era o socialismo com a sua concepção socialista de trabalho, economia e cultura. A sua primeira etapa de evolução é o Socialismo Utópico, com os seus principais pensadores, tais como: Robert Owen, Saint Simon, Charles Fourier, Pierre Leroux e Louis Blanc. O socialismo concebeu um Estado que funcionava como uma empresa, os dirigentes da máquina pública criavam leis, estabeleciam novas condutas sociais, cuidavam da educação e faziam o gerenciamento da economia nacional. Nesta ideologia, o povo era submisso aos comandos autoritários do líder, o Estado tem autoridade máxima. Como informa o livro O Estado Tecnocrático, escrito pelo autor José Pedro Galvão de Sousa:

> Fazendo passar a propriedade dos bens produtivos para a coletividade – isto é, para o Estado, que a representa e deve assumir a administração de tais bens -, o socialismo por uma dinâmica incoercível, conduz a uma grande centralização político-administração. Além disso, a igualdade absoluta almejada pelos socialistas só pode resultar de uma imposição do poder público, cabendo-lhe reprimir as inevitáveis tendências dos homens para se sobreporem uns aos outros, rompendo assim o círculo da igualdade (SOUSA, 2018, p. 87).

Com o envelhecimento do socialismo utópico, uma ideologia nova substituiu o seu legado: o comunismo científico constituído pelos pensadores Karl Marx e Engels; essa ideologia preconizava o fim de todas as barreiras territoriais e o seu objetivo era criar um planeta cosmopolita. Com o passar do tempo, acabaria com as diferenças de classes entre a Burguesia

e o Proletariado, com a instalação da Ditadura do Proletariado ao término da revolução, assim como, Karl Marx concebia o fim do dinheiro, a coletivização das propriedades e dos meios de produção.

Entretanto, a ideologia comunista foi um completo desastre no século XX, tendo em vista que foram responsáveis pelo assassinato em massa de camponeses, industriais, líderes religiosos, opositores políticos, civis e alunos. Exemplos desse desastroso incidente marcam as ditaduras de Vladimir Lênin, Josef Stalin, Leonid Brejnev (ditadores da URSS), Mao Tsé-Tung (ditador da China), Kim Il Sung (ditador da Coréia do Norte), Josif Broz Tito (ditador da Iugoslávia), Fidel Castro (Cuba), Enver Hoxha (ditador da Albânia) e Nicolae Ceausescu (ditador da Romênia). Promoveram a coletivização forçada das fazendas, perseguiram templos religiosos, financiaram o terrorismo internacional, forneceram armas químicas para narcotraficantes durante a Guerra Fria, usaram Estados-Policiais para matar dissidentes, provocaram desastres ambientais radioativos (vide o acidente de Chernobyl) e prenderam manifestantes.

No entanto, o genocídio em larga escala proporcionado na antiga União Soviética e seus respectivos satélites não será explorado neste trabalho; o que vale é a interferência da ideologia comunista na educação, seja ele dentro ou fora da sala de aula. Um exemplo disso foi a criação do Estado Soviético, o qual absorveu as escolas, clubes, bibliotecas, forças militares, tribunais, cinema, teatro, televisão, imprensa e órgãos públicos; cada um deles eram administrados por membros do Partido Comunista da União Soviética, que era ocupado por uma minoria da população local. Essa minoria tinha poder de regulamentar a vida social dos estados soviéticos, estabelecer leis, regras de conduta, usar os censores para limitar a liberdade de expressão e prender opositores.

Um exemplo desse rígido controle social encontra-se mais uma vez na obra O Estado Tecnocrático, escrito por José Pedro Galvão de Sousa, onde narra o oligopólio burocrático da ditadura comunista na Rússia:

> Conforme aos interesses dos trabalhadores e a fim de desenvolver a iniciativa das massas populares em matéria de organização, como também a sua atividade política, é assegurado aos cidadãos da URSS, o direito de se agrupar no seio de organizações sociais:

> sindicatos profissionais, uniões cooperativas, organizações da juventude, organizações de esporte e de defesa, sociedades culturais, técnicas e científicas; os cidadãos mais ativos e mais conscientes da classe operária e das outras camadas de trabalhadores se unem no Partido Comunista (bolchevique) da URSS. (SOUSA, 1973, p. 140).

Com a chegada das correntes fascistas na Europa, as quais surgiram como um movimento de oposição ao comunismo e o liberalismo, Benito Mussolini estabelece a sua ditadura na Itália em 1922, perseguindo um militante socialista do Partido Comunista Italiano, Antônio Gramsci. Durante sua prisão, Gramsci escreveu o livro Caderno do Cárcere onde programou uma revolução socialista lenta e silenciosa, a qual não seria feita por meio da violência, saque ou terrorismo. A revolução do Gramsci utilizava os meios de educação e informação como os jornais, revistas, rádio, teatro e televisão para transmitir os ideais socialistas, por meio dos quais a ideologia marxista era propagada para diferentes grupos sociais, passando os seus valores ateístas, cosmopolitas e a defesa da classe operária no meio industrial. O primeiro teste de Gramsci nesta área foi com a sua filha, na qual narrava pequenas estórias envolvendo os conflitos entre a classe burguesa e operária.

O livro A Hidra Vermelha, escrito pelo historiador Carlos Ilich Santos Azambuja, esclarece como funciona a pedagogia revolucionária e sua estratégia política no meio social, a qual deseja coletivizar a infância e juventude:

> Daí a importância da Escola – na qual a política, cultura e pedagogia estão indissoluvelmente unidas – que poderá vir a cumprir, com relação aos jovens, o mesmo fim que um partido político. Por tudo isso, ainda segundo Gramsci, a difusão desde um centro hegemônico – a Escola -, de um modo de pensar homogêneo é a condição principal para a elaboração de uma consciência coletiva (AZAMBUJA, 2016, p. 100).

Posteriormente, a União Soviética decidiu introduzir a sua educação revolucionária nos principais órgãos políticos internacionais do mundo

ocidental. Um exemplo disso foi a ONU (Organização das Nações Unidas). Com base nessa influência, a ONU criou o grupo Amigos do Futuro (FOF), que tem como meta os estudos do desenvolvimento industrial sustentável e política de defesa do meio ambiente.

Através da sua mutação política, a ONU começou a redigir livros infantis com viés político, sempre salientando o seu interesse em limitar a produção agrícola-industrial dos países ocidentais, em detrimento da expansão eurasiana no respectivo campo, conforme diz Cliff Kincaid no seu livro Impostos Globais para o Governo Mundial:

> Através do patrocínio e apoio do Programa de Desenvolvimento da ONU, a FOF publicou o livro Nós Temos todo o Mundo em Nossas Mãos: uma interpretação juvenil da agenda 21 que documenta os trabalhos da Conferência de Meio Ambiente e Desenvolvimento de 1992. O livro coloca a Agenda 21 em uma linguagem simples – fácil para os leitores mais jovens entenderem (KINCAID, 2018, p. 54).

No campo geopolítico, países ocidentais como a França e os EUA adotaram uma nova forma de educação internacionalista, a qual foi programada pela ONU, UNESCO (Organização das Nações Unidas para Ciência e Cultura) e o Conselho Europeu. Essa tática educacional usa a psicopedagogia para doutrinar as gerações mais jovens. Esta educação combate as noções individualistas do aprimoramento intelectual, prega que o aluno deve ser submisso ao professor, contesta o método avaliativo tradicional, visa à criação de grupos de estudos na sala de aula e mecanismos de censura para calar opiniões divergentes.

Como deixa explícito o autor do livro Maquiavel Pedagogo, Pascal Bernardin, as intenções dos órgãos internacionais em provocarem uma reforma no sistema educacional clássico e introduzir as suas ideologias cosmopolitas:

> A reforma pedagógica que ocorre atualmente em numerosos países quer substituir os ensinamentos clássicos e cognitivos por um ensino multidimensional e não cognitivo que toque em todos os componentes da personalidade: ético, afetivo, social, cívico, político,

> estético, psicológico. Trata-se de esvaziar os ensinamentos de seus conteúdos (cognitivos) para substituí-los por um doutrinamento criptocomunista e globalista, que vise a modificar os valores, as atitudes e os comportamentos. Essas reformas pedagógicas gozam de um amplo consenso entre os dirigentes da Educação Nacional e são veiculadas pelos IUFMs (Instituto Universitário de Formação de Mestres), o INRP (Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica), o CNDP (Centro Nacional de Documentação Pedagógica) os CRDP (Centro Regional de Documentação Pedagógica) e os profissionais da ciência da educação (BERNARDIN, 2013, p. 86).

Como de costume, a Unesco tem interesse em ampliar a sua educação para todos os países, o seu plano é esmagar a cultura, tradição e religião dos países, porque são considerados primitivos e não se adequam à onda moderna do século XXI. A ONU tem pretensão de criar currículos educacionais padronizados; para isso, conta com o apoio das instituições internacionais, famílias, associações religiosas, comunidades culturais e, até mesmo, se necessário, forças bélicas.

Como informa o documento da Declaração Mundial sobre a educação para todos, mostrando a nítida intenção de refazer o sistema educacional global:

> Admitir a necessidade de adotar novas abordagens e novas atitudes. A sociedade futura deve poder contar com seu sistema educacional para os inculcar, se quisermos encontrar soluções válidas para esses múltiplos problemas. Ao mesmo tempo, é necessário que compreendamos que esses problemas não são somente interdisciplinares, mas também internacionais e que eles não podem, portanto, ser resolvidos em nível nacional (BERNARDIN, 2013, p. 83).

O plano da ONU converge-se com as iniciativas da Nova Ordem Mundial, onde será construída uma única nação, um povo unido e sem divergências filosóficas, culturais e históricas. Essa organização pretende modificar o passado e apagar os conflitos que existiram na Antiguidade, Idade Média, Iluminismo, Revolução Industrial e Moderna. Dessa forma, fica mais fácil construir uma aliança forçada entre as nações e esquecer os seus problemas

do passado. Este plano é muito parecido com o livro 1984, escrito por George Orwell, o que criou o Ministério da Verdade, onde o governo apagava e recriava eventos históricos, com a intenção de enganar a população.

A alteração da história convém para as finalidades políticas; a partir desta alteração, é possível modificar a mentalidade das futuras gerações. Este plano foi traçado pela psicopedagogia, como informa Pascal Bernardin:

> Convém não subestimar a necessidade de um aperfeiçoamento no ensino da História, da Geografia, da Literatura e de outras disciplinas culturais que favorecem o despertar do interesse e a melhor compreensão de outras comunidades, a fim de impregnar tal interesse de objetividade científica e de tolerância, eliminando tudo o que possa haver de desconfiança e de desprezo relativamente a outros povos. Sabe-se que a natureza mesma da história da região não facilita a consecução de um objetivo assim. A simples apresentação objetiva dos fatos, sendo, de resto, insuficiente para produzir a atitude desejada, deve além disso, ser realizada dentro de um verdadeiro espírito de tolerância, de modo a fazer compreender que os adversários de ontem são os parceiros de hoje, e que a sua colaboração em uma obra comum só pode beneficiar a todos (BERNARDIN, 2013, p. 74).

O projeto de educação global criado pela ONU pretende estabelecer uma sociedade elitista, onde haverá a classe dos governantes em oposição à classe dos governados, a elite superior vem das famílias abastadas, onde encontram-se as crianças com características raciais e intelectuais superiores (segundo a opinião da Unesco). No futuro, elas vão participar da Tecnocracia global, onde vão criar leis, modificar o currículo escolar, modificar o ensino das matérias de Ciências Sociais e Humanas. Essas diferenças são estabelecidas pelo complexo dualismo educacional, onde as crianças ricas são aprovadas pelo sistema da meritocracia, em seguida, ganham uma educação superior e usufruem da ajuda de ONGs (organizações não governamentais), universidades, direitos humanos e diplomatas.

O seguinte trecho do livro Direitos Humanos e Cidadania, escrito por Dalmo de Abreu Dallari, deixa a ONU entrar em contradição, mostrando que essa organização internacional está desrespeitando a família:

> Assim, como já se tem demonstrado através de critérios científicos e tendo por base pesquisas sociológicas e antropológicas, se a criança vive num meio familiar em que se pratica o respeito pelo outro e em que troca afetiva entre os que ali convivem é a norma de vida, a criança é socializada nesse padrão de convivência. Pode-se dizer que a criança, nesse meio, é educada para respeitar o outro e para a solidariedade. Como esse é o padrão mais conveniente, e, portanto, desejável, para a vida em sociedade, costuma-se dizer que essa é uma criança bem-educada (DALLARI, 1998, p. 67).

Logicamente, a ideologização da educação degradou a cultura em inúmeros sentidos; os intelectuais progressistas pensam que quesitos raciais e pagãos são relevantes para elevar a cultura, sendo que é justamente o contrário, é o esforço individual da pessoa, e este pensamento simplório não é diferente da Alemanha Nazista. Adolph Hitler pensava que o intelecto e a cultura elevada eram características inerentes da raça. Isso explica porque a Alemanha passou tanto tempo usufruindo de uma cultura romântica fraca, tais como as obras de Goethe. Por outro lado, Portugal soube fazer um grande proveito da cultura ocidental e do ensino tradicional, produzindo grandes escritores como Luís de Camões.

No contexto da Guerra de Canudos e as suas consequências políticas e sociais, um dos motivos da criação da cidade de Canudos por Antônio Conselheiro era restaurar as antigas tradições, instituições e a autonomia da religião católica. Nada foi encontrado que afirmasse um pensamento de Conselheiro em orquestrar um golpe monárquico contra a República; isso foi parte da propaganda caluniosa de guerra inventada pelo presidente (genocida) Prudente de Moraes, embora o Antônio Conselheiro considerasse a monarquia como a melhor forma de governo e elogiasse Dom Pedro II como um grande exemplo de estadista. A criação da República brasileira modificou brutalmente a nossa realidade com ideais cientificistas e positivistas.

Um livro bem interessante que retrata a história do positivismo na Europa e nos países latino-americanos foi escrito por André Campos Mesquita, o nome da obra é Augusto Comte: Sociólogo e Positivista; o texto dele esclarece as reformas sociais que a ideologia cientificista trouxe para a

cultura brasileira, principalmente com os efeitos catastróficos da separação entre Igreja e Estado:

> Em Soluções Positivistas da Política Brasileira, Pereira Barreto pede de modo categórico pela separação entre a Igreja e o Estado. Ele menciona que o Conselheiro Martim Francisco teria se declarado abertamente contrário à presença dos dogmas católicos em instituições oficiais e pedido a separação da Igreja do Estado. Para Pereira Barreto, o ensino nas escolas superiores de São Paulo já é francamente ateu. A luta pelo casamento civil e pela elegibilidade dos acatólicos são demandas dos positivistas que estão relacionadas a essa separação (MESQUITA, 2012, p. 103).

A queda da monarquia brasileira e a introdução da ideologia positivista causaram um estrago de grandes proporções em nossa cultura e religião. Posteriormente, a expansão do comunismo no século XX durante o Regime Militar (1964-1985) por meio dos jornais, livros, rádio, filmes e teatro, trouxe concepções errôneas a respeito da Guerra de Canudos; isso foi um resultado da revolução intelectual e cultural operada pelo pensamento de Antônio Gramsci, o qual transformou Antônio Conselheiro em um revolucionário comunista, sendo que o mesmo professava uma fé, a católica, não era um ateu e buscava liderar uma comunidade autossuficiente, com princípios tradicionais.

Em um periódico do jornal A Inconfidência, é mostrado que a história de Canudos foi deturpada por ideologias marxistas. O resultado disso foi um adolescente de 13 anos, Adriano Gonçalves, que compara Antônio Conselheiro a assassinos comunistas:

> Adriano Gonçalves tem 13 anos, mas fala e age como um experiente militante do MST. Tem um aperto de mão decidido e um ídolo: Che Guevara. Quem foi mesmo esse Che? Foi um lutador do povo, lutou para fazer a revolução na América Latina. Também cotados na admiração do menino, mas em segundo plano, estão Antônio Conselheiro, o líder messiânico do Arraial de Canudos e Zumbi. O JT encontrou Adriano em um acampamento do MST, o "Carlos Marighella", em Euclides da Cunha, no Pontal do Paranapanema (A comunicação…, 2011).

A classe intelectual universitária e escolar autodenomina-se como cética, não acreditando que exista uma revolução cultural sendo operada não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro. Acreditar em "tramoias do tipo" é ser considerado um "teórico da conspiração" pela elite, a qual insiste em não crer ou em, simplesmente, encobri-la. Como podemos explicar a atuação de pedagogos e intelectuais no campo da educação que lutaram pela inserção dessas ideologias totalitárias? Teremos que negar esses fatos? Existem uma série de estudos publicados por Jefferson Ildefonso da Silva, Frei Betto, Jean-François Lyotard e George Lukács, entre outros.

Para ilustrar tal afirmação, segue trecho da tese publicada pelo doutor Jefferson Ildefonso da Silva, divulgada pela Universidade Federal de Mato Grosso, mostra com nitidez que a educação brasileira adotou ideais políticos, não havendo, portanto, nada de pedagógico e altruísta:

> Entretanto, não se pode esquecer que a consciência política do professor é imprescindível para que o conhecimento seja científico e tecnicamente organizado segundo os interesses populares e assim apropriados pela grande maioria da sociedade. Por isso, é um perigoso viés julgar que o povo nada mais pede e necessita a não ser de professores tecnicamente competentes e de escolas bem equipadas e que funcionem bem. É importante lembrar-se de que a escola competente não deixa de manter sua função de "aparelho ideológico" das camadas dominantes. Somente a força de uma atitude política consciente poderá dar-lhe novos rumos e "inverter-lhe o sinal". Mais uma vez, o técnico é definido e determinado pelo político, também no nível da consciência social, onde se perfaz a educação (SILVA, 2000).

A partir dessas obras e desses eventos ocorridos na história internacional, chegamos ao seguinte entendimento: a educação revolucionária, seja ela de vertente liberal, comunista ou globalista, contrapõe-se à política dos direitos humanos, uma vez que viola o núcleo familiar, fere a liberdade de expressão, usa métodos coercitivos de censura, freia o progresso educacional nas salas de aula e usa da educação como um meio ideológico para alcançar fins políticos. Tudo isso está englobado em uma Política de Longo Alcance para transformar o mundo em que vivemos em uma Ditadura

Socialista Mundial, a qual não será feita mediante armas, granadas, baionetas ou pelo uso da força; essa revolução em larga escala está sendo feita nos bancos das escolas. Cabe aos professores e pais sensatos inibirem o avanço desse processo, antes que o nível educacional se deteriore de uma vez e seja, apenas, substituído por um inconsciente coletivo.

3 EFICÁCIA JURÍDICA DO PRINCÍPIO DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA NO ÂMBITO EDUCACIONAL

A dignidade da pessoa humana equivale a uma conquista de integridade moral a ser assegurada a todas as pessoas, não apenas (mas não menos importante), pelo simples fato de existir no mundo. A dignidade que se professa neste trabalho relaciona-se tanto com a liberdade e valores do espírito como as condições materiais de subsistência e, em se tratando de condições de subsistência, há de potencializar e vislumbrar a educação como a principal componente nesta composição de conjunto de direitos que conferem ao homem sua dignidade.

Sabedores que somos de que o Direito é um truísmo: instrumento "meio, e não fim em si mesmo", partimos do pressuposto de que não há direito sem realidade. Afinal, é da realidade que o direito extrai suas novas necessidades e demandas a serem reguladas, é do mundo real que surgem conflitos entre partes das leis e, é, essa mesma realidade que faz com que o Direito exista para que tenha a função de transformá-la, evoluindo com ela e a partir dela.

Seguindo esse pensamento, é preciso ter humildade para reconhecer que o direito e, nem mesmo o Direito Constitucional, poderá em seu espaço próprio e limitado, solucionar o caos de todas as injustiças sociais, por mais indignação, frustração e impotência que elas nos causem.

Esta abordagem deve encerrar-se com a honesta confissão de que o "coração", no seu *animus* de ler, pesquisar e escrever inclinou-se desde o início para uma das garantias fundamentais da pessoa, da qual, origina ou se constitui em ***dignidade***. Quer dizer, ao longo do estudo de Direito Constitucional, este espaço foi reduzido ao direito à ***educação*** e, em uma audaciosa extrapolação, o direito à ***literatura***.

Faz-se necessário ainda, observar alguns elementos de ordem metajurídica pelos quais se entende demonstrado que a dignidade da pessoa humana é, de todas as circunstâncias tratadas pelo direito, a de maior fundamentação social. Conjugada à parte social, destacamos o direito à educação e o direito ao acesso à leitura, à pesquisa para, consequentemente, o direito à livre interpretação e exposição de ideias para, de fato, a conquista objetiva e, não subjetiva ao direito de ***"escolha"*** e à liberdade de expressão.

O sistema constitucional introduzido pela Carta de 1988 sobre a dignidade é bastante complexo, tanto por que especialmente disperso ao longo de todo o texto, como também por que a Constituição, partindo do princípio mais fundamental exposto no Art.1°, III, A República Federativa do Brasil (...) tem como fundamentos: A dignidade da pessoa humana; vai utilizar na construção desse quadro temático inúmeras modalidades de enunciados normativos: princípios, subprincípios de variados níveis de determinação e regras.

Sendo assim, é notória que a dignidade da pessoa humana é noção formada por vários conteúdos, dentro os quais estão os chamados direitos individuais e os políticos, além dos direitos sociais, culturais e econômicos. Seria impossível e evidente pretender abordar todos esses aspectos neste trabalho. Desse modo, optou-se por tratar apenas, no âmbito dos chamados direitos sociais, da questão que envolve cultura e educação, como condições objetivas da dignidade humana. Confira-se abaixo a dicção dos dispositivos pertinentes:

> Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.
>
> Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:
>
> V – Proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 85, de 2015).
>
> Art. 30. Compete aos Municípios:

VI – manter, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, programas de educação infantil e de ensino fundamental; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

Art. 34. A União não intervirá nos Estados nem no Distrito Federal, exceto para:

VII – assegurar a observância dos seguintes princípios constitucionais:

e) aplicação do mínimo exigido da receita resultante de impostos estaduais, compreendida a proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino e nas ações e serviços públicos de saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 29, de 2000).

Art. 35. Se o fornecedor de produtos ou serviços recusar cumprimento à oferta, apresentação ou publicidade, o consumidor poderá, alternativamente e à sua livre escolha:

III – rescindir o contrato, com direito à restituição de quantia eventualmente antecipada, monetariamente atualizada, e a perdas e danos.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria;

II – progressiva universalização do ensino médio gratuito;

III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;

V – acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

> VII – atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.
>
> § 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.
>
> § 2º O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.
>
> § 3º Compete ao poder público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.
>
> Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)
>
> I – aplicação de percentual dos recursos públicos destinados à saúde na assistência materno-infantil;
>
> II – Criação de programas de prevenção e atendimento especializado para os portadores de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de preconceitos e obstáculos arquitetônicos.

Aos dispositivos da Carta Magna agregam-se ainda a favor da educação, a Lei de Diretrizes e Bases de Educação Brasileira (LDB, lei 9394/96) legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior). Por último, tivemos a publicação em dezembro de 2017 da Resolução n° 02 do Conselho Nacional de Educação que institui e orienta a regulamentação da Base Nacional Comum Curricular a ser respeitada, obrigatoriamente, nas etapas e modalidades que abrangem a Educação Básica de nosso país.

Assim como a liberdade religiosa, a dignidade humana pode ser descrita como um desses fenômenos cuja existência é anterior e externa à ordem jurídica, havendo sido por ela incorporada. Ora, é certo que dignidade humana não se resume ao acesso às prestações como educação, saúde, alimentação, há de se obter muito além. A liberdade em suas variadas manifestações, enquanto autonomia individual, participação política, iniciativas de expressão, a exemplo da crença, são todos esses elementos, indissociáveis, ligados ao conceito de dignidade humana.

Desta vez, o livro da Ana Paula de Barcellos, cujo nome é A Eficácia Jurídica dos Princípios Constitucionais, estabelece a importância do ensino para todas as idades e a contribuição do Estado para concretizar este ofício:

> Ao lado do princípio geral, todavia, encontram-se várias regras e subprincípios mais específicos. Em tentativa de sistematização, e já tendo em conta as alterações introduzidas pela Emenda Constitucional n°59/2009, é possível identificar oito direitos à educação diversos, que seguem identificados na sequência, alguns já estruturados como regras com efeitos inteiramente determinados. A Constituição prevê (i) o direito das crianças de até 5 anos de idade de terem acesso ao ensino infantil em creche e pré-escola (art.208, IV). O direito ao atendimento em creches e pré-escola relaciona-se não apenas com o direito à educação, mas também com a assistência aos desamparados. Trata-se de uma forma de permitir que os pais trabalhem, sem prejuízos maiores para a criança. Não há aqui muita dificuldade com a definição dos efeitos: as expressões creche e pré-escola são inteiramente conhecidas. Com efeito, o Supremo Tribunal Federal tem afirmado, a partir do próprio texto constitucional, um direito subjetivo ao ensino infantil e determinado ao Poder Público – em geral ao ente municipal – à prestação do serviço correspondente.
>
> A emenda Constituição n°59/2009 introduziu a figura básica (art.208, I e VII) obrigatória, que abrange o ensino ministrado dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos e, portanto, inclui a pré-escola (crianças de 4 a 6 anos), o ensino fundamental (cm duração de 9 anos e início aos 6 anos de idade) e o médio (com duração mínima de 3 anos). O direito à pré-escola já foi identificado acima e (II) o ensino fundamental regular era e continua a ser de oferecimento

> obrigatório, havendo também previsão expressa do (III) direito daqueles que não tiveram acesso a ele na idade própria, e não possam acompanhar as aulas diurnas (em geral adultos), de ter acesso ao ensino fundamental noturno, adequado as suas necessidades (art.208, I e VI).

Nesta direção é importante trazer à tona o registro imortalizado pela Declaração Universal dos Direitos humanos (1948):

> Art.XXVI:
> 1. Todo ser humano tem direito à educação. A educação será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A educação elementar será obrigatória. A educação técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
> 2. A educação será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A educação promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre as nações e grupos raciais ou religiosos, e deve desenvolver as atividades da ONU em prol da manutenção da paz.
> 3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do tipo de educação que será fornecida a seus filhos.

Tendo surgido há cerca de quatro décadas, simultaneamente, nos trabalhos de pesquisadores diferentes como Jean Piaget, Edgar Morin, Erich Jantsch, Hilton Japiassu, Charles Sanders Pierce e muitos outros, o termo "transdisciplinaridade" foi inventado para traduzir a necessidade de uma transgressão das fronteiras entre as áreas do conhecimento.

"O advento de uma cultura transdisciplinar, que poderá contribuir para a eliminação das tensões que ameaçam a vida em nosso planeta, é impossível sem um novo tipo de educação, que leve em conta todas as dimensões do ser humano". (NICOLESCU. 1999. p. 141).

4 LITERATURA: O PODER DA PALAVRA COMO GARANTIA FUNDAMENTAL

Segundo Leocádia Aparecida Chaves, no texto Transgeneridade e o Direito ao Luto em Luís Antônio Gabriela, de Nelson Baskerville, ao citar Antonio Candido (2004), crítico literário, sociólogo, historiador e teórico da literatura brasileira, sobre a potência humanizadora da literatura, traz à tona o poder da catarse do texto literário:

> A literatura é um fator indispensável de humanização e sendo assim confirma o homem a sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente e das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (CANDIDO, 2004, p. 177).

O acesso à literatura, sobre o ponto de vista de Antonio Candido, deve ser garantido como um direito inalienável, pois é capaz de possibilitar ao homem a sua integridade espiritual (CANDIDO, 2004). Nesse sentido, a educação Literária tem o poder capaz de, não apenas confirmar a humanidade no leitor, quanto a do sujeito representado, porque atua no subconsciente e no inconsciente dos sujeitos.

Também a historiadora Lynn Hunt em A Invenção dos Direitos humanos: uma história (2005), ao pesquisar sobre a gênese teórica e prática dos direitos humanos, em especial na Europa e na América do Norte, salienta em seu trabalho que os direitos humanos não são garantidos apenas pela doutrina formulada em códigos legais, mas também pela disposição social de empatia em relação ao outro. Essa disposição é capaz de expandir a essência dos direitos humanos. A empatia, entendida dessa forma, a qual vem de encontro ao nosso trabalho, é modelada pela cultura e pode, muito bem, ser construída pela literatura.

> No século XVIII, os leitores de romances aprenderam a estender o seu alcance de empatia. Ao ler, eles sentiam empatia além de fronteiras sociais tradicionais entre os nobres e os plebeus, os senhores e os criados, os homens e as mulheres, talvez até entre os adultos e as crianças. Em consequência, passavam a ver os outros – indivíduos que não conheciam pessoalmente – como seus semelhantes, tendo os mesmos tipos de emoções internas (HUNT, 2009, p. 394).

Desse modo, a literatura é um importante núcleo onde circulam ideias e discursos, é espaço à reflexão dos problemas sociais, assim como importante instrumento de educação e formação de cidadania, isso porque a axiologia faz-se presente na vivência adquirida pela experiência das personagens. Por isso, encontramos no crítico Antonio Candido em O Direito à Literatura (1988) a defesa da leitura e do estudo literário como necessidade universal, algo que "ao dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza" (CANDIDO, 2011, p. 188).

O efeito desse procedimento de leitura e estudo, na linguagem e construção de personagens, evidentemente poderão elevar à máxima dignidade significativa, temas singulares escolhidos pelos autores, mas que passariam a assumir grandeza e significação universal pelo ato de serem alinhados na trama de um discurso transdisciplinar, combinando tanto arte e realidade, quanto ciência e emoção.

Os registros históricos que perpassam as obras têm amplo alcance. Comportam desde referências expressas a eventos e processos locais, nacionais e internacionais, analisados nos seus níveis: social, econômico, político e cultural; até reflexões sobre ciclos temporais da filosofia histórica e de regramento jurídico.

Especificamente, em Euclides da Cunha, "Os Sertões", a transparência de seu texto, enquanto visão de mundo do movimento histórico, social, racial, religioso, político e econômico. Conjugados a discussões filosóficas, científicas e críticas, observações que levaram tal obra a ser objeto de estudo eleito para representação do estudo da dignidade humana a partir da literatura em sala de aula.

De acordo com Nicolau Sevcenko (2003), a obra euclidiana identifica-se com seu tempo, um mundo de identidades conflitantes marcava a transição entre os séculos XIX e XX. Sem ligar-se em particular a nenhuma das correntes, Euclides entremeou-as todas, imprimindo-lhes a unidade de uma trama tensa a serviço da filosofia e da ciência.

"Fenômeno semelhante ocorreu com os gêneros literários. A sua obra distribui-se em cinco gêneros: historiografia, geografia, crônica, epistolografia e poesia, versadas todas em estreito consórcio com o comentário científico". (SEVCENKO, 2003, p. 159).

A missão intrínseca à obra do autor de "Os Sertões" supunha, sobretudo um desdobramento pessoal, ou seja, o próprio autor nunca deixou de ressaltar a ênfase coletiva com que se referia ao plano e às tarefas que presumia imprescindíveis para a efetivação do destino legítimo do país. No entanto, em uma leitura "libertadora" é possível notar oscilação quanto aos ideais reformistas de seu tempo de uma "elite revolucionária" e sua própria leitura de mundo resultada de trabalho jornalístico e crítico de quem testemunhou os fatos que marcaram a história do início da República Brasileira.

> Contravinha o chefe militar entendendo ter a repressão legal vingando o círculo das diligências policiais, cumprindo-lhe não mais prender criminosos, mas extirpar o móvel em decomposição moral que se observava no arraial de Canudos em manifesto desprestígio à autoridade e às instituições, acrescentando que a força federal, deveria seguir bastante forte para se subtrair à contingência de retiradas prejudiciais e indecorosas. O governo estadual, porém, agindo dentro do elástico art.VI da Constituição de 24 de fevereiro, cerrou a controvérsia, levantando o espantalho de uma soberania do Estado, e repelindo a intervenção que lhe implicava incompetência para manter a ordem nos seus próprios domínios. Deslembrara-se que em documento público se confessara desarmado para suplantar a revolta e que apelando para os recursos da União justificava, naturalmente, a intervenção que procurava encobrir (CUNHA, 1903, ed. 2016, p. 248).

O trecho acima revela-nos a legalidade constitucional (1891) da intervenção militar. Euclides, em suas anotações, não se restringiu em

noticiar aos jornais do Sul os relatos das invasões, mas reservou a melhor parte àquele que seria o primeiro grande clássico "enciclopédico" da produção brasileira: um épico sertanejo à cultura do povo que o protagonizou.

À medida que a obra narra os fatos, Euclides relativiza sua crítica, e o julgamento preconceituoso de uma formação puramente determinista e positivista, vai sendo substituído, progressivamente, pela figura simbólica de uma raça forte, de lutadores incansáveis que mereciam ter sido tratados de forma diferente:

> A vida no arraial tornou-se então atroz. Revelaram-na depois a miséria, o abatimento completo e a espantosa magreza de seiscentas prisioneiras. Dias de angústia indescritíveis foram suportados diante das derradeiras portas abertas a liberdade e para a vida. E permaneceriam para todo o sempre inexplicáveis, se mais tarde, os mesmos que os atravessa, não revelassem a origem daquele estoicismo admirável. É simples. Falecera a 22 de agosto Antônio Conselheiro. Ao ver tombarem as igrejas, arrombado o santuário, santos feitos em estilhas, altares caídos, relíquias sacudidas no encaliçamento das paredes e – alucinadora visão! (CUNHA, 1903, ed. 2016, p. 520).

Estamos diante, sem dúvida, de uma denúncia poética, constituída por uma linguagem técnica e, a um mesmo tempo, metafórica – repleta de antíteses, hipérboles, prosopopeias e onomatopeias que ecoaram no tempo provocando reflexão e discussão. Os Sertões é uma obra polifônica de caráter transdisciplinar e multidiscursiva.

O projeto de um país republicano trazia em sua essência, por infelicidade de uma nação, uma herança colonial implacável e instransponível de violência e discriminação, perpetuando um estado de exceção que continuou excluindo grande parte da população dos direitos democráticos. Um rastro histórico de segregação étnico-social dividiu nosso país em vários brasis, provocando revoltas, movimentos separatistas e subgrupos sociais econômicos que se perpetuavam no tempo.

Nicolau Sevcenko descreveu muito bem essa missão da literatura:

> O materialismo animista de Euclides da Cunha, alinhavam disposição e conteúdos contraditórios e tudo encerrava sob uma deusa atmosfera emocional. O efeito maior de suas construções mentais se respaldava no universo simbólico mais do que em qualquer outro. Disso derivava sua opção pela literatura, pois somente ela se apresentava como uma forma cultural capaz de amalgamar, alisando e harmonizando tanto material heterogêneo. Desse modo, a literatura por um efeito de linguagem, acabava oferecendo a solução simbólica para a crise, pelo próprio fato de consumir e uniformizar os antagonismos de que ele se nutria (SEVCENKO, 2003, p. 295).

De fato, a linguagem poética invade o domínio político com palavras perfumadas, mesmo que (ainda em sua maioria) essas palavras exalem fragrância de vinagre. Essa sinestesia é, em si, uma denúncia social; salientando o direito à expressão, seja artística ou científica, de acordo com Antonio Candido (1989), é um direito humano. À luz disso, afirmamos que a literatura, mais do que apenas refletir o que a democracia é no Brasil, pode ajudar leitores a ressignificarem "sentidos" da democracia e, portanto, quais significados (leitores, críticos, historiadores, filósofos, estudiosos da ciência jurídica) impõem à cultura e à prática democrática.

Pascale Casanova, crítica literária francesa, expõe o que chama de República Mundial das Letras, tratando da autoestima do campo literário. Autonomia que permite a intervenção de agentes no campo literário, no campo político, algo que antes não acontecia porque o papel do escritor era, muito mais, voltado e restrito ou, para o entretenimento ou, para o "reforço" de uma ideologia vigente:

> A lógica literária não é independente das imposições políticas, mas tem seus jogos e desafios próprios que podem permitir-lhe, se necessário, negar sua dependência. Esse processo permite que a literatura ausente suas problemáticas e se constitua contra a nação e o nacionalismo, tornando-se assim um universo específico onde as problemáticas externas – históricas, políticas, nacionais – só estão presentes refratadas, transformadas, introduzidas em termos e com instrumentos literários (CASANOVA, 2002, p. 113).

Torna-se mister ressaltar que o objetivo da constituição não é, propriamente, que haja escolas e professores: essas são atividades meio e não fins em si mesmas. O propósito constitucional é, por meio da educação, promover o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Art.205). Nessa direção, a constituição prevê o direito a programas suplementares de material didático, entre outros (aos quais incluiríamos as obras chamadas paradidáticas: os livros literários), no âmbito da própria escola, tendo em conta a necessidade de garantir condições reais de aprendizado significativo, com propostas transdisciplinares e professores capazes de mediarem o conhecimento a partir de práticas pedagógicas, as quais oportunizem dúvidas e questionamentos de verdades pré-estabelecidas. Assim, teremos alunos com diversidades de opiniões e pensamentos, com competências e habilidades para romperem paradigmas na busca de uma sociedade mais justa e enriquecida dos saberes literários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ambicioso e arriscado propósito deste artigo buscou-se identificar, a partir da ideia de dignidade humana e de sua natureza jurídica, relacioná-la diretamente e de forma concreta, ao valor fundamental que está na origem dos direitos humanos e o princípio nuclear do direito e acesso à educação pública e de qualidade.

O princípio da dignidade humana, aqui apresentado, tenta enfatizar no contexto educacional, a importância de um roteiro para a estruturação jurídica no caso subjetivo da leitura, análise e interpretação do texto literário; sem, obviamente, ter a pretensão de ser capaz de suprimir ou resolver os desacordos principiológicos ou axiológicos do direito, sendo esta, uma missão intangível; no entanto, não se trata de utopia, crer em uma educação crítica capaz de reduzir as barreiras das desigualdades sociais, proporcionando maior equidade de conhecimento entre a população.

Numa linha evolutiva, a semântica de dignidade, remonta à Antiguidade, a qual detinha a concepção de classe e hierarquia, ou seja, de acordo com níveis sociais e políticos. Dessa forma, a dignidade estava vinculada, exclusivamente, à honra e conferia a determinados indivíduos privilégios e prerrogativas.

Logo, a dignidade era exatamente o oposto do projeto contemporâneo de Direito Constitucional e direitos humanos. Ao longo da história da humanidade, contudo, com o impulso da religião, da filosofia, da política e do regramento jurídico, nova concepção de dignidade foi sendo disseminada: objetivando garantir o mesmo valor intrínseco para todos os seres humanos, particularmente os direitos à liberdade e à igualdade. Esperamos para um futuro próximo, com boa dose de idealismo e muita ***"vontade política"*** (estabelecendo políticas públicas eficazes e seus respectivos orçamentos) que se assegure a dignidade humana como fonte de direitos e garantias fundamentais destinada a todos os indivíduos e, para que cada um desfrute do respeito e realização pessoal, independentemente de sua origem e de suas especificidades; pois em cada pessoa há um ***"Ser tão"*** capaz de sonhos individuais e coletivos com a completude empática e a constituição de uma sociedade justa, em um verdadeiro Estado de Direito para todos sem distinção.

Para a maioria dos pensadores do mundo ocidental, as ideias centrais que estão no âmago da dignidade humana podem ser encontradas na Bíblia, a base doutrinal e histórica dos povos judaico-cristãos: Deus criou o ser humano à sua própria imagem e semelhança (*imago Dei*) e impôs sobre cada pessoa o dever de amar o próximo como a si mesmo. "Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou." (GÊNESIS 1:27).

Euclides da Cunha, após centenas de páginas de seu texto singular e coletivo, compõe seu último capítulo intitulado "Duas Linhas": É QUE AINDA NÃO EXISTE um Maudsley para as lacunas e os crimes das nacionalidades... (CUNHA, 2016, p. 577).

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. **Gênesis 1:27**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.

A Comunização da Educação. **Jornal a Inconfidência**, Belo Horizonte, ano XVI n°160, 31 jan. 2011. Disponível em:

<http://www.jornalinconfidencia.com.br/pdf/inconfidenciaa160reduz.pdf>. Acesso em 06 jul. 2019.

A Pedagogia Opressora de Frei Betto. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/doutrina-da-doutrinacao-categoria/543-a-pedagogia-totalitaria-de-frei-betto>. Acesso em 06 jul. 2019.

A Revolução Francesa. Disponível em:<http://www.montfort.org.br/bra/cadernos/religiao/revolucaofrancesa/>. Acesso em 06 jul. 2019.

A Trama Maçônica na Revolução Americana: Como a Maçonaria Derrubou a Igreja Católica. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-religiao-e-teologia/6622506>. Acesso em 06 jul. 2019.

A Verdade sobre a Sociedade Fabiana. Disponível em: <http://omarxismocultural.blogspot.com/2014/06/sociedade-fabiana.html>. Acesso em 06 jul. 2019.

AZAMBUJA, Carlos. **A Hidra Vermelha.** São Paulo: Observatório Latino, 2016.

BARCELLOS, Ana. **A Eficácia Jurídica dos Princípios Constitucionais.** Rio de Janeiro: Renovar, 2011.

BARROSO, Luís Roberto. **A Dignidade da Pessoa Humana no Direito Constitucional Contemporâneo.** Minas Gerais: Editora Fórum, 2016.

BARROSO, Luís Roberto. **Curso de Direito Constitucional Contemporâneo**. 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

BERNARDIN, Pascal. **Maquiavel Pedagogo ou o ministério da reforma psicológica.** São Paulo: Ecclesiae, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 05 out. 1988. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 06 jul. 2019.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 06 jul. 2019.

CANDAU, Vera Maria, Antônio Flávio Moreira (org.). **Multiculturalismo – Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas.** 10ª ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2013

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** São Paulo: Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Direito à literatura. In: ____. Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro Sobre Azul, 2004.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CITELLI, Adilson. **Roteiro de leitura: Os Sertões.** São Paulo: Editora Ática, 1998.

COMPARATO, Fábio Konder. **A afirmação histórica dos direitos humanos.** 6ª ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2008.

COSTA, Thaís Nogueira. **O Direito fundamental à educação**. Revista do Ministério Público do Estado da Bahia – Série Acadêmica, vol. 2, 2000.

COSTA, Nicola. **CANUDOS: Ordem e Progresso no Sertão.** São Paulo: Editora Moderna, 1994.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** São Paulo: Martin Claret, 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. DUTRA, Paula. FREDERICO, Graziele. **Literatura e Direitos Humanos.** Porto alegre: Editora Zouk, 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. DUTRA, Paula. FREDERICO, Graziele. **In:_____. Transgeneridade e o Direito ao Luto em Luís Antônio Gabriela, de Nelson Baskerville.** Porto alegre: Editora Zouk, 2018.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos Humanos e Cidadania.** São Paulo: Editora Moderna LTDA, 1998.

FILHO, Nestor Sampaio Penteado. **Direitos Humanos**. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

GOLDMANN, Lucien. **A Sociologia do Romance.** "Tradução de Álvaro Cabral". Rio de Janeiro: Editora paz e Terra, 1976.

MESQUITA, André. **Comte: Sociólogo e Positivista.** São Paulo: Editora Escala, 2012.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. **Multiculturalismo Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Pedagogia do Opressor. Disponível em:<http://www.escolasempartido.org/doutrina-da-doutrinacao-categoria/502-pedagogia-do-opressor>. Acesso em 06 jul. 2019.

KINCAID, Cliff. **Impostos Globais para o Governo Mundial.** São Paulo: Editora Libertatem, 2018.

OLIVEIRA, Sérgio. **Os Genocidas do Século XX.** Rio Grande do Sul: Editora Revisão, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão – Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

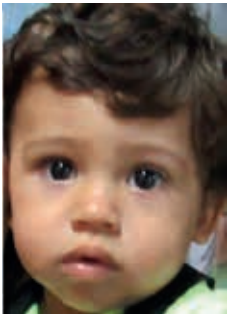
SOUSA, José Pedro Galvão. **O Estado Tecnocrático.** Maranhão: Editora Resistência Cultural, 2018.

WELLS, Herbert George. **A Conspiração Aberta.** São Paulo: VIDE Editorial, 2016.

SILVA, J. I. **Determinantes sociais e políticos na formação do professor,** 2000. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/doutrina-da--doutrinacao-categoria/51-a-lei-de-jefferson> Acesso em: 06 jul. 2019.

MIGUEL, MEU NETO, MEU ANJO

Leni A. O. Meireles



Desde os trinta, faço todo ano acompanhamento de saúde. Rotina!

Na última consulta meu mastologista aconselhou a me submeter a um tratamento muito moderno, com aparelho de alta resolução, comprado pela clínica que está sendo referência muito positiva na prevenção de cânceres. Aceitei. No dia marcado fomos, meu marido e eu no endereço marcado.

A clínica, imaculadamente branca, indicava no chão o caminho para a sala do procedimento.

Alguns comprimidos na boca, a camisola, um bálsamo para a área almejada e a mesa fria de metal.

De bruços me acomodaram, prendendo apenas minhas extremidades dos pulsos para frente.

Tudo confortável a princípio, até que depois de 40 minutos as câimbras foram tomando conta de mim e, a cada tentativa de me acomodar ouvia o som da enfermeira: "Não se mexa, senão todo o procedimento vai ser refeito desde o início".

Apavorei. Religiosa que sou pedi ao meu bom Deus que enviasse um de seus anjos para que eu pudesse contar com seu auxílio nesta hora.

Pendia cabeça para o lado esquerdo e nisto visualizei ali uma criança de olhos muito negros, impávida que ficou ali como uma fotografia até o término, zelando de mim. O sono me venceu pelo cansaço.

Acordando, rememorando tudo isso agradeci a essa força superior materializada em anjo, que com força sobrenatural me sustentou nos braços neste episódio de amor e fé.

O tempo passou e esta sensação ficou impressa em mim como recordação da misericórdia de Deus.

Dias depois disso, soubemos que minha filha estava grávida de seu primeiro filho (olha o anjo aí) e, dois anos depois, eu, catalogando fotos, tive esta certeza mais do que absoluta quando em fotografia reconheci meu neto aos dois anos de idade, naquele serzinho estático que me acompanhou.

OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO

Leni A. O. Meireles

Na hora de avaliar
Cada qual com os méritos seus,
O zero é fácil de constar
Já o dez é perfeição, mas só para Deus.

Oportunidades todos têm
É isto o que a lei sempre prega,
Mas aos pobres, desvalidos,
Educação a vida lhes nega.

Desejo de progredir,
Conhecer e estudar,
A cidadania garantir,
O conhecimento ampliar.

Tantas pedras no caminho
Nem Drummond pôde tirar,
São os sonhos se esvaindo
A cultura a secar.

Revista da Academia Morrinhense de Letras
Volume 5 – 2019 – Anual

SEGUNDA PARTE

ESCRITORES MORRINHENSES

SER CRIANÇA

Nascimento, competição
Sofrimento
Ressurreição.

Conhecimento, conflito
Comportamento
Atrito.

Igualdade, diferença
Sensibilidade
Presença.

Coletividade, construção
Competitividade
Atenção...

Harmonia, Incerteza
Alegria
Tristeza.

Busca de prazer
Descoberta do corpo
Como entender a relação com o outro?

Como fazer o problema acabar
É preciso reconhecer
O que se quer buscar!

Descobrir, espalhar
Aprender
Ensinar.

Hoje criança, compreender o agora,
Viva a infância
Que logo vai embora ...!

Beneri Rodrigues de Souza Marins.

QUEM ME DERA

Quem dera eu ter a força de um furacão
Que passa por cima sem dó,
Que não tem pena de destruir.
Quem me dera ser como o vulcão
Ele, que entra em erupção,
não se importa, não pede permissão;
aquele que não é julgado,
Caso cause destruição
Quem dera eu ter o poder
de mudar tudo ao meu redor,
de alterar a realidade,
transformar o mundo em um eterno mar de felicidade.
Eu queria ter a inteligência do Toni Stark
A coragem do Capitão América,
Um é gênio e milionário,
O outro soldado de outra época.
Quem me dera ser como o Dr. Estranho
Que pode mudar o mundo, a realidade. E você, mero mortal,
O que vai fazer para mudar a humanidade?

Débora Cardoso Lacerda

SOBRE CULTURA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO NOVAMENTE: ESCOLHAS E VISÕES DE MUNDO

Professor Júlio Cesar Meira, Doutor em História Social, professor do Mestrado em História da UEG (PPGHIS/UEG) e do Mestrado em Ambiente e Sociedade da UEG (PPGAS). Também é professor de História Moderna e Contemporânea e Coordenador do curso de História da UEG – câmpus Morrinhos. Contato: juliohistoriador@gmail.com.

Estão aqui mais algumas breves linhas a respeito de patrimônio histórico. Não se trata de uma continuidade objetiva da análise do texto anterior, mas de mais um excerto do processo de amadurecimento intelectual contínuo, baseado, tanto na reflexão teórica, quanto na observação da realidade, e desta para a reflexão teórica e assim, sucessivamente. Um filósofo e pensador, muito melhor do que eu, chamou isso de práxis, mas em tempos de acirramento político esse grande pensador não tem gozado de muita popularidade.

Retornando. Minha insistência com a análise da questão do patrimônio histórico parte da premissa de que as escolhas do que deve compor (ou não) o panteão de obras e ideias que mereceriam ser perpetuadas são sempre políticas. Não política partidária, mas política no sentido de ser fruto de visões de mundo e ideologias (não é só o pessoal de esquerda que tem ideologia, ok?) de quem tem o poder de defini-las, de proceder às escolhas e recortes do que deve ser preservado.

Como já afirmei, definido o que nos aproxima como grupo, o que compõe nossa identidade, buscamos os elementos simbólicos que representam tudo isso: o que somos ou que gostaríamos que os outros pensassem que somos.

Isso voltou com força ao observar, nos últimos meses, um quadro no corredor da Secretaria de Educação de Morrinhos. Um quadro singelo, que apresenta uma questão: "Cultura em Morrinhos é levada a sério?" A questão é retórica, pois o mesmo quadro apresenta imagens que seriam razões para se crer que a única resposta possível é sim. São cinco imagens: dos casarões dos coronéis Hermenegildo Lopes de Moraes e seu genro, coronel

Pedro Nunes; da antiga cadeia e câmara de vereadores, agora Museu Antônio Correa Bueno; da antiga Praça do Coreto, tendo ao fundo o casarão do coronel Hermenegildo; e, finalmente, da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, tendo, em primeiro plano, a única torre que sobrou da antiga igreja do século XIX depois das últimas duas restaurações. Na parte abaixo do quadro, o logotipo da propaganda do governo municipal, que afirma que na cidade de Morrinhos se encontra o "povo em primeiro lugar".

Não vou entrar no debate político e teórico dos conceitos e categorias de análise, muito menos nos significados semióticos da escolha das imagens ou dos lugares em que estão dispostos no quadro. Deixo isso para as aulas de pós-graduação em que meus alunos são obrigados a frequentar. Quero refletir sobre três pontos que considero importantes.

Em primeiro lugar, o lugar da memória. A memória é pensada e construída, pelo que entendemos do quadro, como um patrimônio histórico essencial que deve ser preservado. Como resultado da memória histórica que definiu, em algum momento, como gostaríamos que as atuais e futuras gerações imaginassem que tivesse sido o passado da cidade. Uma imagem de cidade rica, religiosa, organizada e à frente das cidades circunvizinhas, como os casarões e a arquitetura pós-barroca e moderna apontam. A memória não é lembrança, esta é sempre individual e tem a ver com experiências de cada um. A memória é compartilhada, é deriva de um processo indutivo, em que elaboramos e reelaboramos os elementos que a compõe a partir do momento presente. As escolhas que fazemos para compor a memória refletem mais nossa visão do que pensamos ser hoje e queremos ser no futuro do que o que fomos, realmente, no passado.

Em segundo lugar, a noção de cultura. A cultura que se intenciona passar é a de que é composta e transmitida a partir dos espaços de poder. Os casarões dos coronéis, representativos do poder econômico e político; o Coreto da Praça em frente à casa do coronel Hermenegildo, representativo do poder político, pois espaço de disputa e debate, ainda que, também, fosse o lugar para apresentações musicais, mas não nos esqueçamos de que, frequentemente, a escolha ou permissão do que poderia ser apresentado também era uma atribuição política; o prédio da cadeia e da câmara municipal, representando dois poderes, judiciário e legislativo; e a igreja, autêntico poder moderador, quase sempre articulado com os demais e pairando acima de todos na

comunidade. Claramente, a escolha foi feita pela manifestação material da cultura, sendo privilegiadas as representações arquitetônicas. Não há menções às festas e rituais públicos; às artes e à poesia; à música ou ao teatro; em suma, aos modos de vida dos vários grupos da comunidade morrinhense.

Em terceiro e último lugar, a ideia do lugar do povo. É claro que o slogan da administração municipal é genérico e não tem relação direta com o tema; está em todos os documentos oficiais, em todas as repartições públicas, em todas as peças de propaganda. E o quadro sobre cultura é uma delas. Mas, não deixa de ser interessante ver esse logotipo em uma peça de divulgação oficial sobre cultura – que passa a ser, oficialmente, o que o próprio poder público pensa sobre o tema. Uma cultura sem suas manifestações populares e simbólicas, baseada apenas nas realizações materiais arquitetônicas; em que os espaços da memória escolhidos para representá-la são os espaços das instâncias de poder; em que, a despeito da propaganda, não nada que apresente o principal interessado. Não há povo na caracterização simbólica dos elementos de cultura, nem uma única pessoa aparece nas imagens. Só nas palavras da propaganda oficial. Que seja um esquecimento involuntário.

FUNDAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DE MORRINHOS: A FESTA DO CENTENÁRIO E AS NARRATIVAS DA ORIGEM

Professor Júlio Cesar Meira, Doutor em História Social, professor do Mestrado em História da UEG (PPGHIS/UEG) e do Mestrado em Ambiente e Sociedade da UEG (PPGAS). Também é professor de História Moderna e Contemporânea e Coordenador do curso de História da UEG – câmpus Morrinhos. Contato: juliohistoriador@gmail.com.

Estamos entrando no mês de agosto, em que o município de Morrinhos realiza a principal festa cívica, a chamada Festa do Centenário, que comemora sua emancipação política, de acordo com o site oficial da Prefeitura de Morrinhos.

A Festa do Centenário foi realizada pela primeira vez no ano de 1945, permanecendo o nome até hoje, embora também ficasse conhecida como Festa do Né.

Meu objetivo aqui não é discutir propriamente a festa, mas o significado dela na genealogia de fundação e surgimento de Morrinhos. Para entendermos isso, além dos documentos e fontes oficiais, recorro a historiadores, memorialistas e genealogistas da tradição local, como os professores Hamilton Afonso de Oliveira, Zilda Diniz Fontes e o acadêmico José Afonso Barbosa, entre outros, com os quais debato em minha tese de doutorado.

De acordo com a memorialista Zilda Diniz Fontes, a tradição histórica, alicerçada na documentação disponível, estabelece o início da década de 1830 como o momento em que a família Corrêa Bueno teria se fixado nas terras do atual Município de Morrinhos, tendo 'doado' terras e construído uma capela dedicada a Nossa Senhora do Carmo em 1833, em agradecimento por terem sido protegidos na nova terra. A família Corrêa Bueno fazia parte da leva de migrantes que, desde o início do século XIX, com o declínio da mineração nas atuais regiões sudeste e centro-oeste, buscaram novos lugares para se estabelecer, ou que simplesmente perambulavam pelo território por conta de outras questões.

Fixando-se na terra, construíram a capela, com o entorno de terras doadas dando origem do povoado, repetindo a tradição da colonização portuguesa de constituir a colônia a partir da instituição urbana.

O povoado criado mudou de status no ano de 1845, quando a capela se tornou paróquia com o estabelecimento de arraial, recebendo o nome de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, sendo incorporado à municipalidade de Santa Cruz de Goiás e à Comarca do Paranaíba pela Lei nº 3, de 31 de julho de 1845. Isso só foi possível graças à doação oficial de 600 alqueires ao redor da capela inicial pelo Capitão Gaspar Martins da Veiga, constituindo o Patrimônio que deu origem ao arraial.

Aqui nos deparamos com as primeiras questões que ligam a história política de Morrinhos à Festa do Centenário. Como já apontamos acima, o discurso oficial trata a Festa do Centenário como a comemoração da emancipação do município de Morrinhos. Outras fontes discordam e entendem que, na verdade, na sua origem a festa foi criada para comemorar a fundação do município.

Em primeiro lugar, capela e paróquia, fundamentais para o estabelecimento de povoados e arraiais no Brasil, tanto no período colonial quanto no Império, são termos eclesiásticos, ou seja, que tinham a função de reconhecimento da localidade pela Igreja. Capela significava que a comunidade

podia receber, periodicamente, a visita de um sacerdote (cura) para a ministração das missas e eucaristia; paróquia, também chamada de freguesia, significava que a comunidade passaria a contar com todos os demais sacramentos da Igreja, como batismo, casamento, registros de nascimento e óbito. Para isso, era autorizada a construção de uma sacristia anexa e de uma casa paroquial, onde residiria o pároco. A igreja local, assim, adquiria o status de matriz regional, submetida ao bispo.

No caso do surgimento de uma paróquia, esta deveria ter origem no estabelecimento de uma capela anterior, o que é comprovado pela narrativa da fixação da família Corrêa Bueno.

Em segundo lugar, a designação de arraial não era o reconhecimento de emancipação política, mas tão somente estabelecer algumas prerrogativas, nenhuma das quais políticas ou jurídicas, já que, politicamente, a povoação respondia à cidade mais próxima (Santa Cruz de Goiás) e, juridicamente, à comarca (julgado ou termo, como definidos no período colonial) do Paranaíba.

Foi apenas no ano de 1855 que a emancipação política (relativa) foi alcançada, quando o arraial foi elevado a vila com o nome de Villa Bella do Paranaíba, conforme a Resolução provincial nº 2, de 05 de novembro de 1855, mas agora ligada à Comarca do Rio Corumbá. Pouso Alto (atual Piracanjuba) e o porto de Santa Rita do Paranaíba (atual Itumbiara) compunham de seu território, o que na prática, fazia com que o território de Villa Bella praticamente correspondesse a todo o Sul de Goiás, do atual Município de Santa Cruz de Goiás até limites Sul e Sudeste com Minas Gerais.

O vai-e-vem político fez com que, no ano de 1859, a vila fosse suprimida (Resolução Provincial nº 6, de 19 de agosto de 1859), voltando ao seu status anterior, de arraial, com o nome de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos. Além disso, a mesma Resolução desmembrou parte de seu território, retirando de seus domínios o arraial de Pouso Alto (atual Piracanjuba). Zilda Diniz Fontes explica que o "rebaixamento" se deveu ao fato de a localidade não ter cumprido obrigações constantes na Resolução, como construir "à sua custa a Cadeia e a Casa da Câmara, conforme planta dada pelo Presidente da Província".

Pouco mais de 10 anos depois, no ano de 1871, houve nova configuração territorial, com a Lei Provincial nº 463 de 19 de julho de 1871, restabelecendo o status perdido de vila, conforme já afirmamos, com alguns dos

atributos de município, mas não sendo sede de comarca, com o nome de Villa Bella de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos.

Finalmente, no ano de 1882, com a Resolução nº 686, de 29 de agosto, a Villa Bella de Morrinhos foi alçada à categoria de cidade e sede de comarca, plenamente autônoma, com o nome de Morrinhos.

Não foi o final da História. Novamente por conta do descumprimento de cláusulas estruturais estabelecidas pela Resolução nº 517 de 07 de julho de 1874, que exigia, entre outras coisas, "a existência de um edifício público para escola de primeiras letras do sexo masculino", Morrinhos esteve ameaçado de perder o status de cidade. Zilda Diniz Fontes coloca em cena o coronel Hermenegildo Lopes de Moraes, que já fora importante para a própria conquista da autonomia em si, e que agora se tornava imprescindível a manutenção definitiva dessa condição. Foi o coronel quem doou "uma casa de sua propriedade para nela funcionar uma escola de ambos os sexos, a fim de que pudesse a Villa Bella de Morrinhos gozar de foro de cidade a que tinha sido elevada por Lei Provincial. Aceita a casa, pelo governo da Província, [...] Morrinhos passou a gozar verdadeiramente das prerrogativas de cidade".

O território atual de Morrinhos foi sendo alterado no início do século XX, com o desmembramento de localidades que se tornaram Municípios autônomos, como os atuais Municípios de Itumbiara, Buriti Alegre, Panamá, Goiatuba, entre outros.

Como vemos, como quase todos os antigos municípios brasileiros, Morrinhos não teve uma trajetória linear de povoamento, emancipação política e gozo de prerrogativas institucionais.

Da ocupação inicial na década de 1830 passou-se à elevação a arraial em 31 de julho de 1845, data que, aliás, foi comemorada na primeira Festa do Centenário, então como a de fundação do município. Do arraial foi-se à primeira elevação à vila em 05 de novembro de 1855, status este logo depois perdido em 19 de agosto de 1859 e recuperado em 19 de julho de 1871. Finalmente, chegamos a 29 de agosto de 1882, com a elevação à cidade.

Podemos concluir que a Festa do Centenário, dessa forma, preservou a nomenclatura já enraizada da primeira comemoração, com a incorporação da data de 29 de agosto, quando o município foi finalmente criado. Mas foi mesmo criado um município em 29 de agosto de 1882? A próxima coluna o dirá.

FUGA E REFÚGIO

O silêncio às vezes me oprime
e oprimido eu fico tenso
e penso no tempo que domina tudo
e mudo eu permaneço atento.

Tempo, tempo:
Conhecedor de todos os destinos,
transportai-me em teus braços
feito pétala a deslizar nos ares.

Lançai meu corpo por sobre as nuvens,
levai de mim toda desventura.

Voai, voai ave indomada.
carregas em tuas asas
todo meu grito de amargura.

Então, após a súbita loucura,
em uma noite de candura
eu possa adormecer meu sonhos.

Por Kleuber Eterno.

MELANCOLIA

Estou sentado,
E pelas grades da janela
Eu vejo as pastagens
Já pisadas por meus pés,
Hoje cansados.
São notas doces,
Suave melodia
Que por nome é tempo.
E com o vento:
Amado caminheiro
Leva meus pensamentos.
A velhos momentos
Dos quais o passar
Deixou saudades.

Por Kleuber Eterno.

INCONSEQUÊNCIA

A menina sacode o corpo
Na dança explícita
Que mostra seu sexo
Sem ritmo nem nexo.
Esfrega a bunda no chão,
Espera a mão
Do sujo rapaz.
No toque selvagem
Na pista da festa
A orgia se fez.
O mundo dá voltas
Em resultado do álcool
Que corre no sangue
Tirando o juízo que resta na mente.
O tempo se apressa
E a menina se enfurece
Ao saber que um filho gerou.
A barriga esconde
E, no bairro distante,
Entra na clínica
Sem vergonha na cara
Para um aborto fazer.

Por kleuber Eterno.

A BORBOLETA QUE PARIU UMA MULA
O SURREALISMO DA VIDA

Cortar as orelhas de uma mula e incrementar sua crina, não fará dela um cavalo. Bem como posar de intelectual e garanhão, levando uma *vidinha* medíocre, madrugando para puxar carroça, defendendo o parco pasto de cada dia, ajoelhado e levantando de barriga cheia. Reles existência, ruminando as próprias misérias e os atormentadores fantasmas enclausurados, atrás de incômodas e ruidosas portas, que Freud explica.

Cocheira é picadeiro, feno banquete, cabresto adereço de luxo e grenha em neon! Figura circense, atormentada pelo fracasso do estrelato e da liberdade das correntes invisíveis, que aprisionam a alma da estrela fosca e decadente. Folclórica, mitológica, apocalíptica, a Ufologia explica! Em estado constante de mendicância de olhares e atenção, como válvula de escape para a existência mal resolvida, comum nos broncos e na mísera dignidade dos bajuladores.

Efígie patética e sinistra, do casulo a mais fina seda, da lagarta a mais bela e colorida borboleta que pariu a cria estúpida da rameira lendária. Orelhas avantajadas, típicas do espécime, oitiva aguçada e sensível, patas visíveis de coices potentes e focinho risível. A empáfia do puro-sangue, que não passa de um pangaré encilhado e mal montado!

Sob aplausos dos iguais, num ensurdecedor tinir de ferraduras, as luzes da ribalta e o patético espetáculo de quem precisa de plateia para se auto afirmar. Matungo rústico e chucro, arrastador de corrente e exímio bajulador, sonhando em ser um puro-sangue inglês, que jamais será. Indômito e temperamental, a mais hilariante das pilhérias no estábulo.

A anomalia que nem Darwin explicaria a borboleta que pariu um muar de crina longa, esvoaçante e multicolor... Como um arco-íris arcado no infinito, o quadrúpede saltitante, aos zurros e suspiros, vai se

revelando um animalejo singular, arrogante e exatamente onde deve estar nas alcovas da insignificância. Resignado em sua estupidez e preso a covardia que o aprisiona, incapaz de se libertar e ser o garanhão que sempre diz ser, mas, não passa de uma borboleta que pariu uma mula.

Marcos Manoel Ferreira

O ASNO RUGIU E A CORUJA EMUDECEU

Era um lugar kafkiano, tocado por um lorpa e uma plateia no lugar de povo. Um reino chamado de *Equus asinus Brazilis* abundantemente farto de relva fresca e feno para deleite de palácios, casebres e tocas.

Romãozinho reinava na Xara e a *balbúrdia* dos motosserras em reservas, sinfonias para embalar madeireiros amigos do rei, sob o manto da lei cega quando quer e censura quando convém. A obscuridade que insiste em não dissipar, entre densa e fria névoa, tímidos lampejos de sensatez, permeando tempos sombrios, em meio aos confetes da insanidade! Cenário de terra arrasada, frente à histeria da ignorância coletiva, a outrora esférica, agora planificada, quadrada como muitos de seus habitantes, beócios em êxtase e seus pares encangados, numa marcha fúnebre da ciência.

O espetáculo circense com os três patetas a tiracolo, sob as luzes da ribalta, os arautos da moral, esbaldando *on* no picadeiro da parvoíce triunfante, ante o *big boss* encantador de serpentes, dos cordeiros de *Deus* em pele de lobo. O patético show da mediocridade genética e o tinir de cascos com distintos privilégios.

O sibilante som do berrante na alvorada, ovacionam os impropérios, marcham sincronizados os bestiais carrapatos, camuflados no vergel, banqueteando ao lado de carcarás e hienas, milicianos selvagens, travestidos de justiceiros da natureza. Seara fértil de frutas cítricas de sabor amargo da

hipocrisia, exalando fétidos odores de fantasmas eleitorais e *aspones* fiéis! O surreal da goiabeira que bicho da fruta podre só atinge miolo de pote dos resquícios da dignidade.

Na selva dos horrores, em meio a tanta cana doce, macaco chupa taboca; raposa vigia galinheiro e o rei zurra verborragicamente, diante da bizarrice fecunda em cascatas de *golden shower!*

Os *idiotas úteis* e puxadores de carroças, sob a égide do chicote do deboche, donas da esbórnia universitária que transformam o *Equus asinus Brazilis* em zona do baixo meretrício, frequentada por nobres de família e bajuladores do enviado imolado, que resistiu ao sacrifício.

Fracassado e exilado das trincheiras, do ostracismo ao estrelato, guiado pelo cajado do iluminado mentor, sonhando com um mundo virtual, como as pulgas, sonham em ter um cachorro. O pandemônio nos recônditos dos laranjais, sob a mira dos paladinos da moral, carniceiros de garras afiadas, prontos para o abate dos *idiotas úteis*.

Suplício da coruja que pasma, emudeceu. Na via crúcis do periférico reino das bananas, laranjas e goiabas, terra para gringo nenhum botar defeito. O calvário da floresta frente ao machado da arrogância e da soberba, do alto planalto na pedra do rei, o asno ruge! Em meio aos mortos insepultos e os espectros do passado, a bússola sem rumo, apontando para o fiasco.

O pavor dos animais entocados e a algazarra dos ratos, cupins e percevejos em conta-gotas, afortunando-se com o alheio. O delírio do Pai do mato, fuzilando o Negrinho do Pastoreio, a Mula sem cabeça e o proselitismo para os Três Porquinhos, para que Saci Pererê, jurasse de pés juntos, que tudo mudou, para continuar pior do que estava! Do realismo mágico de Franz Kafka a analogia satírica de George Orwell, "já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco".

Marcos Manoel Ferreira

POR UMA DEFESA DO ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA PÚBLICA

Nathaly Letticia Ferreira Gonçalves 1
Fabiana Aparecida Nunes de Tôledo [2]

Resumo: A proposta desse texto é refletir sobre o ensino de literatura na escola, bem como sua importância, a partir dos dizeres de alunos da educação básica.

Palavras-chave: Reflexão. Literatura. Sala de aula.

Abstract: The aim of this work is to reflect about the literature teaching in public schools. As from the insights of the basic education students.

Keywords: Reflection. Literature. Classroom.

1 INTRODUÇÃO

Consideramos dizer que os recursos explanados em sala, atualmente, sobre a disciplina de literatura sucedem lacunas que atravessam e afetam a relação discente e docente, bem como o incentivo de leitura e prática de letramento. A presente reflexão elucidou-se através de um questionário feito com alunos do primeiro ano do ensino médio. O desígnio da indagação aqui relatada, objetiva dialogar e propagar a literatura, para que esta não seja somente uma prática de leitura maçante, mas um método produtivo para letramento em diferentes acepções culturais e de formação intelectual para os indivíduos em formação.

Face ao exposto, o papel do educador modificou-se de maneira a suscitar uma inquietação para habituar-se à pós-modernidade. Nas palavras de Alves (1989, p.14), "de educadores para professores realizamos o

1 Graduando(a) em Letras pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Morrinhos.
2 Professora Especialista e orientadora do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Morrinhos.

salto de pessoa para funções". O protagonismo docente norteia-se à custa do sustento do poder dos interesses capitais do sistema. "Com esta revolução instaurou-se a possibilidade de se gerenciar e administrar a personalidade, pois aquilo que se faz e se produz, a função, é passível de controle." (ALVES, 1989, p.15).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa compõe as aprendizagens essenciais de competências, baseando-se nos eixos de "leitura, escrita e oralidade". Estes, inscritos nos contextos históricos, culturais, sociais, visam ensinar preparando para o ensino médio, logo, para moldar-se à sociedade e ao mercado de trabalho. Entretanto, o método usado para ensinar a literatura na sala de aula é utilizado por meio do livro didático, que possui uma escrita com textos fragmentados, geralmente clássicos e desvinculados de uma linguagem do cotidiano e, sendo assim, não alcançam o diálogo necessário que deve existir entre o professor e o aluno.

De acordo com Alves (1989), "o educador tem, assim, o estatuto de um conceito utópico, de existência prática proibida e, por isso mesmo, existência teórica impossível." Evidencia-se que o sujeito humano, enquanto cidadão e profissional, sofrera alterações ao longo do tempo, mudanças estas que atingiram a interioridade e os princípios da liberdade do indivíduo. A fundamentação da pesquisa instaura-se em busca da tentativa de compreender o silêncio docente, bem como a insatisfação da disciplina de literatura no âmbito escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O mundo para o professor x educador sofrera transformações. O primeiro se tornou descartável para uma sociedade pós-moderna, o que ocasionou uma grande inversão de valores. "O que mais importa é a cultura imposta pelo sistema, às siglas das disciplinas que cada um aprende institucionalmente, levando em consideração o significado e não seu verdadeiro sentido" (ALVES, 1989, p. 12). Ser professor não é simplesmente ser professor; há muitos destes, pois isso gera uma profissão.

> Ser educador requer esperança, um grande amor pelo ato de contribuir e construir uma formação humanística, da relação construída entre a sensibilidade que formam as pessoas, que se definem pelas

> suas interioridades, que se constroem pela imaginação, e que em grande visão do educador, faz a diferença positiva na sociedade. (ALVES, 1989, p. 15.).

O autor ainda reforça que: "Onde se encontra o educador científico sobre a educação, especialmente aquele das ciências sociais? Ah! Descobriu-se que a educação, como tudo o mais, tem a ver com classes, instituições e grandes unidades estruturais" (ALVES, 1989, p.17).

Somos expostos ao mecanismo capital que ignora a realidade do indivíduo que sente, sofre, sonha. E nós, seres humanos, compomos a mesa do sistema inconstitucional, sistema este que gerencia nossa identidade, nos tornando funcionários, controlados e cheios de funções. Mas, o que diz respeito à formação crítica do ser pensante? Os governantes silenciam a literatura e a mesma é usada como recursos de pretextos gramaticais. A literatura desvenda, desbanca correntes positivistas. "O fato é que não dispomos de critérios para avaliar esta coisa imponderável a que se dá o nome de educação [..]." (ALVES, 1989, p. 16).

A leitura em sala de aula é muito mais que um jogo de decodificação de símbolos. É necessária a compreensão da língua enquanto semântica, porém é de extrema relevância alçar além da construção gramatical, de maneira que faça o aluno se envolver no texto para compreendê-lo. A necessidade da compreensão ocorre quando há interação entre aluno e professor, uma mediação de "debate" para a construção de sentidos que transcendem a materialidade do texto.

De acordo com Kleiman (1993),

> É durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto. Muitos aspectos que o aluno sequer percebeu ficam salientes nessa conversa, muitos pontos que ficaram obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão (KLEIMAN, 1993, p.24)

Quando a leitura do texto literário manifesta-se de maneira dialógica e responsiva, compreendemos como é necessário lançar um olhar para

o objeto da literatura, principalmente no momento tão árduo que a sociedade e a escola vivem, uma vez que quando a mesma é pautada em sala de aula, o professor além de construir significados, deve abrir um leque de possibilidades nas interpretações feitas por cada um, "bem como desenvolver a criatividade e inaugurar mundos possíveis, construídos com base na realidade empírica." (MARTINS, 2006, p.84). É neste momento que surge a interação e a possível participação do leitor inexperiente, como diria Kleiman (1993). No entanto, é exatamente nesse ponto que permeia a carência da leitura literária: nem sempre há um preparo que instiga os alunos para a devida compreensão que transcende a materialidade textual. De modo geral, a leitura toma caminhos previsíveis e tediosos, não objetivando a imaginação, nem a inserção do aluno enquanto personagem dentro do texto e, quiçá, no mundo.

Compreender que existem várias interpretações de um texto lido não é uma tarefa que deve ser contestada, principalmente em um mundo que propaga desigualdade e exclusão. É preciso que nos debates e reflexões criadas a partir da história, contada ou lida, haja liberdade para o aluno tímido ou silencioso, (vale lembrar que o modelo que a escola tradicional vangloria é somente este, o quieto, que senta na frente e não dá trabalho) sinta-se à vontade e perceba que a visão de determinado trecho ou do texto fuja da compreensão que o professor obteve com a leitura dele. É necessário ressaltar que o professor é vítima do sistema. Enquanto formadores de opinião, ao menos era este o papel que se esperava cumprir, são docentes moldados à perspectiva que o sistema governamental lhes oferece: migalhas.

Nossos professores estão sucumbidos ao atraso quanto à modernidade e as mídias como auxílios metodológicos, provocando-lhes o descontentamento profissional e o sentimento de fracasso. Torna-se, assim, a escola como o lugar de depósito de insuficiência acadêmica e com, cada vez mais, um desequilíbrio emocional. Podemos observar os numerosos engessados índices de aprovações crescerem, ao passo que cada vez mais sujeitos submissos e alienados estão ganhando espaço no mercado e no mundo. Enquanto isso, o sistema se vangloria da alienação da sua clientela e nós aplaudimos o espetáculo do desastre acontecer bem à nossa frente,

mas sequer temos condições de conhecimento ou de poder para saber qual decisão tomar ou que caminho enfrentar para que isso modifique.

Ora, como mudar alguma situação se sequer sabemos de fato o que está acontecendo ao nosso redor? Digo isso, uma vez que cada vez mais cresce o número do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) nas paredes escolares. Aplaudimos, afinal está tudo bem, a escola tem o grande índice de aprovação esperada. O cenário escolar fora esquecido pelos próprios "clientes", tornando-se contentes com o que é ganho de forma mediana. Não conhecem algo que possa ser superior àquilo. Sendo assim, fortifica-se a aprovação para o mercado de trabalho, afinal, quais regalias possíveis o aluno sustentará, além de uma aprovação para um curso superior com o que aprendeu sobre os conteúdos expostos? Esse é o pensamento de maioria "para que ou como isso se tornará útil na vida ou no mercado de trabalho?"

Constrói-se então um círculo vicioso, reforçado pela insuficiência do saber que aplaude o espetáculo de horror alegando que está tudo sob controle. Nesta perspectiva, Durval Muniz Albuquerque Júnior, historiador e também uma grande referência para a reflexão que estamos construindo, escreveu um artigo em 2010, defendendo o ensino que deforme o docente na pós-modernidade: o ensino que questiona a verdade cristalizada ou consentida como a que "custa menos" para o governo, um ensino que desconstrua a relação hierarquizada composta pela mesa institucional, ensino este que deforma a identidade cultural e ideológica exposta na escola, na identidade do professor e do aluno.

Pensemos, então, em um ensino que deforme a identidade literária construída ao longo dos anos na sala de aula, que valoriza apenas a teoria da literatura e suas obras canônicas, belas e históricas, descompassando e ignorando a leitura do texto literário, visto que este oferece pluralidades culturais e de ampliação de sentidos lúdicos. Construímos assim uma reflexão sobre o objeto da leitura da literatura como um possível caminho para o nosso modelo deformador, sendo assim, nas palavras de Cândido (1995, p.174) "a literatura é claramente uma manifestação universal. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela." Quando confiado o assunto sobre o direito da literatura como um bem universal, Antonio Cândido

(1995) refletiu como o homem evoluiu suas técnicas de racionalidade sobre problemas técnicos e domínio da natureza, embora gerasse uma insensibilidade entre a repartição dos mais e menos abastados economicamente.

Logo, encontram-se contradições, pois se as perspectivas atuais são animadoras, se a mídia não aplaude mais o quadro das diferenças sociais, reforcemos a reflexão sobre a crise que a escola e que a literatura vive. Ora, se o indivíduo conhece a "raiz do problema", como havíamos refletido anteriormente, por que nossos governantes não se empenham para que haja solução? Se precisamos da literatura para viver, pois a mesma nos teletransporta do real para o imaginário, construindo uma sensibilidade que a realidade tem extraído, o que impede que nossos governantes apresentem caminhos com possíveis soluções para salvar a nossa escola; nossa humanidade estará a salvo das barbáries que estão chegando pouco a pouco nas nossas crianças, adolescentes e adultos?

Ter uma sociedade (re) construída nos saberes nos faz chegar à conclusão que tem um bom preço, que não está sendo disposto a ser negociado? Uma vez que a crise que a literatura e a escola tem passado só nos revela que manter tudo como está, maquiado, custa bem menos que o real investimento necessário para os saberes necessários e urgentes da sociedade. Pensemos na leitura, esta que é um leque de visões e que constrói opiniões diferentes, nas palavras de Brandão (2006):

> Nos momentos de interpretação de textos que aparecem nos livros didáticos ou nas rodas de leitura, a meta é, muitas vezes, apenas a de investigar se os alunos entenderam o que leram, verificando se todos respondem, de modo uniforme, às perguntas formuladas pelo livro ou pelo professor, ou seja, não se abre espaço para uma real conversa e exploração do texto, refletindo-se e discutindo-se no grupo sobre as respostas às perguntas formuladas, sejam essas respostas esperadas ou não (BRANDÃO, 2006, p.63).

Nesse processo de leitura, o professor é o objeto principal de estímulo na sala de aula, porque é através das perguntas incitadas, da maneira como lê, expressa a emoção no tom de voz, ou como constrói sua visão de interpretação textual, que permite que o aluno engaje naquele texto e construa

uma participação naquele momento de leitura e interpretação, portanto, para Kleiman (1993, p. 24), "não é qualquer conversa que serve de suporte temporário para compreender o texto". É necessário que o professor reaja a cada comportamento esperado ou não, e que conduza a conversa, e que saiba respeitar as diferentes faces de interpretação, levando em consideração os dizeres construídos pela interação, que haja planejamento para qual serventia e rumos possíveis tomará aquela leitura, ou seja, para que não exista uma conversa desmotivada e não alcance o esperado da compreensão com a turma. É de extrema necessidade que o docente compreenda qual o valor e qual significância que o gênero textual a ser trabalhado pode oferecer no momento dado a integração do aluno e o texto, bem como é necessário levar o material acessível para que haja a participação de pelo menos a maioria. Quando o professor disponibiliza-se a moldar seus saberes, repensando suas posições, abrindo espaço para as curiosidades dos seus alunos, este, certamente, estará abrindo caminhos para as possíveis subjetividades compartilhadas em um diálogo aberto, "o ensinante, no seu ensinar, aprende ao ensinar e reaprende por estar sendo ensinando" (FREIRE, 2001, p. 259).

Ao passo que o saber linguístico do professor, sua experiência com a leitura perpassa ao primeiro contato que o aluno terá daquela leitura, que por vezes pode ser naquele momento seu primeiro e único contato com um determinado texto. Cabe ao professor o papel de mediação, incitando o aluno a transcender o que está na materialidade do texto, construindo uma interação repleta de diversidades; assim haverá uma possível construção significativa, motivando o aluno a reconhecer e compreender além das entrelinhas. Não podemos esquecer que, nesta maioria, deve ser inserido aquele aluno visto como o "problema", o que senta no "fundão" e "não quer saber de nada, não leva nada a sério". É necessário lançar um olhar para esse ser que também é uma vítima do sistema que o rotulou como o aluno inteligente ou interessado, aquele que é sempre silencioso ou quieto. Segundo Freire (1993):

> [...] ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se,

> sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. [...]" (FREIRE, 1993, p.259).

É na escola que o indivíduo esperançoso ou sem perspectiva está. E é neste espaço que ele constrói a perspectiva de um "futuro melhor". É também neste ambiente de construção de saber que se inserem as maiores posições ideológicas e diferenças sociais. É no momento de interação entre o professor e o aluno, aquele que ensina e que aprende um com o outro, que as correntes positivistas podem vir a perder a força e se desbancar. Ao passo que o professor absorve para si os saberes dos seus alunos, construindo entre eles um mecanismo de curiosidades que perpassam o tradicional rótulo que se escondem atrás dos livros didáticos ou das fichas de leitura, pois para Freire (2007, p.86), "a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano, pois é ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer".

Em alguns cenários escolares, é lamentável a forma como as relações são construídas entre professor e aluno, quanto ao assunto de leitura e escrita. O afastamento ou o desinteresse para determinada disciplina torna o trabalho docente um tanto árduo, causando o desdobramento para que o mesmo conquiste a atenção e a participação. Mesmo nessa inconstância, Freire (1993, p.259) afirma: "O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado".

Pensar em ensinamento não requer apenas conteúdos programáticos, mas a participação da formação humanista de cada sujeito aluno, com as leituras mediadas e praticadas pelo professor. A leitura não é somente uma disciplina, a mesma pode construir e transformar um ser humano, como sustenta Frei Betto (2011, p.11):

> Suscitar em crianças e jovens o hábito da leitura é livrá-los da vida rasa, superficial, fútil, e educá-los no diálogo frequente com personagens, relatos e símbolos (a poesia) que haverão de dilatar neles a virtude da alteridade, de uma relação mais humana consigo mesmos, com o próximo, com a natureza e, quiçá, com Deus.

O sujeito na sociedade desbanca-se nas suas próprias habilidades, pois este que consegue ter domínio próprio da natureza e criar tantas habilidades para a sobrevivência, pratica a exclusão pois, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Cândido (1993, p. 169) nos diz que "inversamente, um traço sinistro do nosso tempo é saber que é possível a solução de tantos problemas e, no entanto, não se empenhar nela". Nosso quadro escolar, nossos professores desmotivados, nossos alunos descontentes e alienados, bem como a crise literária se encaixam perfeitamente nesta reflexão acima.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza explicativa, embasada na teoria de Antonio Cândido e Rubem Alves, bem como na de outros autores renomados, e de estudo de caso em uma sala de primeiro ano do ensino médio da rede pública. Realizou-se uma entrevista de questionário discursivo na data 02/08/2018, contendo uma questão e o público alvo de discentes com o consentimento livre e esclarecido por ambas as partes. A proposta dialoga e faz uma reflexão sobre a importância da literatura na sala de aula, buscando esclarecer como a resistência e o método responsivo e dialógico desta disciplina tem a construir saberes humanísticos e intelectuais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando alguns alunos foram questionados sobre "Para que serve a literatura"? As respostas foram baseadas no quesito de se tratar "o estudo de poemas, autores e textos, com o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade".

Selecionamos neste tópico, algumas respostas do questionário aplicado em uma sala do primeiro ano do ensino médio e, através deste, partiremos então para reflexões sobre o estudo literário no ensino. Chamaremos de aluno 1 e aluno 2, aluno 3 e aluno 4 os que responderam ao questionário. Assim, temos os seguintes dizeres dos alunos:

> **Aluno 1**: A literatura é a técnica de compor textos escritos em forma de prosa, versos, de acordo com os princípios teóricos. Podemos dizer que a literatura é um instrumento de comunicação e interação social que cumpre o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade.

> **Aluno 2:** A literatura é basicamente o estudo das palavras, tendo como objeto de estudo os poemas, textos e autores que surgiram ao longo da história; o objetivo da literatura pode ser considerado também o estudo dos diferentes contextos culturais ao longo das épocas e em seus acontecimentos. Uma das principais utilidades da literatura é o fato de diversos autores poderem deixar sua marca, mostrando como eles entendiam o contexto social em que estavam inserido.

Observemos como a prática de leitura ou literatura para estes citados não há sentido ou motivação para ser adquirida e estudada. A literatura significa apenas aquela disciplina enjaulada no livro didático que possibilita uma parte do conteúdo para passar no vestibular e ingressar no ensino superior ou, como o aluno 1 representou: "transmitir conhecimentos e a cultura de uma comunidade".

Observemos também como o aluno 2 relaciona a língua portuguesa pela "técnica de compor textos escritos em forma de prosa". Ora, se esses alunos são o modelo que representou parte ou senão a maioria em sua sala, é lamentável dizer, mas o círculo vicioso se instaurou e desbancou o poder e potência que a literatura tem sobre eles e sobre todos nós.

> **Aluno 3:** A arte de escrever de forma que expressa um contexto histórico, um drama vivido pela sociedade, um sentimento e infinitas outras coisas. Também seria como fonte histórica para gerações futuras; entretenimento e conhecimento se adequam às suas utilidades.

Quanto ao aluno 3, notamos que o mesmo apenas reproduziu um modelo que sua mente associou como a classificação de uma literatura que predomina sentimentos e dramas vividos pela sociedade, o exemplo disso é quando ele cita o contexto histórico e remete às gerações futuras. Quanto

às utilidades escritas por ele mesmo, refletimos que este aluno 3 se encaixa ao aluno 1 e 2, a literatura apenas teria a utilidade de uma aprovação no vestibular ou no Exame Nacional do Ensino Médio. (ENEM).

> **Aluno 4:** A literatura é a arte das palavras assim como a língua que é utilizada em um instrumento de comunicação e de interação social; ela cumpre o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade. A literatura está vinculada à sociedade em que se origina, assim como todo tipo de arte, pois o artista não consegue ser indiferente à realidade. A obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade, porque através das suas obras o artista transmite seus sentimentos e ideias de mundo, levando o leitor a reflexão e, até mesmo, a mudança de posição perante à realidade, assim a literatura auxilia no processo de transformação social. A literatura também pode assumir formas críticas à realidade.

Neste escrito podemos observar que esse aluno apenas descreveu alguns fragmentos nomeados no livro didático sobre o que venha a ser literatura para as escolas ou as definições dos livros literários enquanto contexto histórico. Provavelmente, uniu essa descrição com alguma explicação que o professor mediou em sala com os textos da época e respondeu à pergunta incitada para a compreensão deste artigo quanto à importância da literatura na sala de aula.

Em todos esses depoimentos, compreendemos o ensino e estudo de literatura está desvitalizado em seu contexto preciso: o espaço escolar. Nesses redigidos, observamos que esses alunos apenas compreendem a literatura como uma disciplina que precisa ser estudada obrigatoriamente, com a necessidade de carga horária para a aprovação final, bem como compreendem o estudo literário de modo inconsiderado, absorvendo o estudo unicamente a fim de conhecer o seu contexto histórico e/ou dramas sociais da época. Ao considerarem o conteúdo como uma "obrigação", não faz sentido para eles essa junção de fatores. Se não há razão, em seus conhecimentos, como poderiam gostar de ler ou de literatura? Reproduz-se o discurso de que ler é tedioso e que a literatura não tem

serventia. São os métodos abordados em sala de aula que fortificam essa visão pequena e desmotivados sobre para que e por que aprender e/ou compreender a disciplina em questão.

Entretanto, como reivindicar o acesso à literatura, se estes não sabem o que significa? Como sentir falta de algo que não teve? Para Cândido, "o valor de uma coisa depende em grande parte da necessidade relativa do que temos dela" (CÂNDIDO, 1995, p.173).

Em virtude do que foi mencionado, citamos Cândido (1995):

> A literatura deveria fazer parte dos direitos humanos, pois são incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer, e por que não, à arte e à literatura.

Se vivemos em uma modernidade líquida (BAUMAN 2001) e as relações entre os seres humanos são cada vez mais raras e nada é "feito para durar", observamos que o abismo intelectual e espiritual é ameaçador entre nossa raça. Para isso, é necessária a existência e a prática literária, para que se conceba o mundo da ficção e da poesia, para que possamos nos ancorar no mundo fabuloso da imaginação, pois esta é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive "porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente" (CÂNDIDO, 1995 p. 175). Inquestionavelmente, a educação literária tem o poder arrebatador na educação, na construção e na transformação dos sujeitos humanos, pois "ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver" (CÂNDIDO, 1995, p.176).

Evidencia-se nos dizeres dos alunos entrevistados, como o privilégio de uma teoria literária concentrada aos "estilos da época" de determinada escola literária, bem como os autores e suas obras canônicas e/ou características estruturais, reconhecidos como os métodos tradicionais e naturais, cabíveis e "compráveis" ao bolso da realidade escolar. Entendemos que esses métodos são meios que vão debilitando e construindo relações superficiais quanto à inserção e à competência dos leitores, colocando-os nas

condições de receptor passivo, desbancando qualquer manifestação de saberes que constroem a subjetividade dos alunos enquanto leitores e indivíduos sociais. Fatores como esses fortificam o modelo da escola que ancora os resultados anuais de possíveis aprovações, que constrói conhecimento engessado ao status conveniente aos seus representantes.

É necessário que, o ensino que deforma a literatura na sala de aula, não exclua o seu contexto histórico ou suas características, mas que expresse e contribua para que o aluno compreenda sua estrutura como um conceito que abre possibilidades de interpretações e de tomadas de posição. Que seja na e pela relação da linguagem o poder do saber, que a interação entre o professor e o aluno remaneje uma possível literatura compreensível e aceitável aos olhos do público alvo: uma melhora significativa no quadro dos leitores. Que a interação entre o professor e o aluno se declare como uma reconstituição da sensibilidade humana e que nessa interação envolvente quanto aos aspectos da curiosidade, criatividade e declaração da imaginação, fluam como uma reconstituição de saberes. Pois, como dizia Freire (2001, p.259), "o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender".

São as inferências entre o texto e a inserção no mundo, de maneira a experimentar o que é belo, o que é tido como o "não" belo, que possibilitará as construções de saberes veiculados à historicidade, à cultura e ao meio social do sujeito como um todo.

São grandes as necessidades que cabem aos indivíduos, no que diz respeito à competência de escrita e fala; portanto, acreditamos na força positiva que perpassa a leitura da literatura.

Se práticas literárias alcançarem seu papel fundamental dentro da sala de aula, papel este que ultrapassará os muros da escola, o aluno poderá compreender e transcender sua motivação sobre a leitura da literatura. Práticas como leitura compartilhada, círculos de leitura, debates, teatro, sarau, paródia etc., podem contribuir para uma emancipação do aluno enquanto sujeito em formação, bem como acarretará posições positivas e desvinculará a leitura como castigo e, quem sabe, contribuirá para a desconstrução da aversão à literatura.

É preciso que o professor prepare o material desvinculado aos fragmentos expostos nos livros, não que o abandone, mas que o aborde de

maneira que vá além dos exercícios contidos ali, como um passo a passo. Que este disponibilize momentos leves e simples na aula, não como uma avaliação, de modo a trabalhar com seus alunos textos acessíveis como poemas, contos e crônicas, a fim de que assim um novo perfil-leitor possa ser traçado e que, por mais que o "ato físico de ler seja solitário, mas nunca deixará de ser solidário." (COSSON, 2009, p.27), esteja mais presente em nosso espaço social e escolar. Por meio da inserção da leitura da literatura no nosso convívio, os sonhos e a esperança se mostrarão presentes em nossa subjetividade, e reforçando Frei Betto (2011, p.11):

> Suscitar em crianças e jovens o hábito da leitura é livrá-los da vida rasa, superficial, fútil, e educá-los no diálogo frequente com personagens, relatos e símbolos (a poesia) que haverão de dilatar neles a virtude da alteridade, de uma relação mais humana consigo mesmos, com o próximo, com a natureza e, quiçá, com Deus.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa deu-se a fim de reconhecer a produtividade responsiva e responsável do ensino de literatura na escola pública, objetivando o público aluno enquanto sujeitos inseridos no seu espaço social. Compreendemos que as questões que cerceiam o professor, sobre o viés recomendado de ensinar literatura, encontram-se em risco no momento árduo em que nosso país e nossa escola estão posicionados. Reconhecemos que as inquietudes para inserir esta disciplina tão postergada no campo escolar são relações que atravessam o quadro docente, governamental e econômico da escola ou familiar, pois são desafios contemporâneos teóricos e metodológicos para amparar nossos professores sobre como motivar a literatura na sala de aula, após o meio de comunicação estar concentrado como princípios significativos de saberes e de inclusões na sociedade pós-moderna.

É necessário discursar e propagar a literatura, esta que é um bem universal que deve permear os nossos caminhos enquanto seres humanos e acadêmicos, pois acreditamos que esta disciplina contempla e desbanca todas as mazelas, bem como possibilita a interação do indivíduo e sua habilidade de imaginar, reconstruindo um novo cenário entre os sujeitos,

levando-os à construção da sensibilidade e empatia, o que se encontra em desuso nos dias atuais.

Nossa escola sofre fortes ataques e nossa literatura ameaça desaparecer. É preciso falar sobre o ensino da literatura, bem como é necessário também reconstruir e repensar caminhos possíveis para que esta não nos abandone de uma vez por todas. Há uma interação por meio da literatura, que perpassa o professor e o aluno, construindo pontes deliciáveis sobre o ensinar e aprender. Refletimos e reconhecemos que é necessário que nossa escola se fortifique no auxílio metodológico da leitura da literatura, a fim de uma reconstrução social.

Encerramos o presente trabalho com a intenção de propor uma reflexão sobre o discurso literário apresentado na sala de aula, almejando uma compreensão altruísta para que esta possa ser repensada entre os povos e escola, por meio de uma práxis dialógica, possibilitando o desbancar das amarras e exclusões de classe econômicas, de raça e cor etc., bem como quiçá um novo público social empático e sensível.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. In: PINHEIRO, Áurea da Paz Pinheiro; PELEGRINI, Sandra C. A. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BETTO, Frei. O Escritor. **Jornal da União brasileira de escritores**, São Paulo, n. 125, 2011, p.11.

BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA, Ester C. S. Literatura na educação infantil: que história é essa? In: BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA, Ester C. S. (Orgs.). **Leitura e produção de textos na alfabetização.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. ver. e amp. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário – teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores.** ***Estud. av.*** [online], v.15, n.42, p. 259-268, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura:** teoria & prática. São Paulo: Pontes/ Unicamp, 1993.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. (Org.) **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

O BICHO DE CALÇAS

Era uma vez... bem no meio da floresta surgiu um

– Nossa! Que é isso?

Perguntou o senhor Lobo todo assustado.

E bem ali do seu lado estava a dona Raposa que disse:

– Isso, senhor Lobo, se chama caixa.

– Caixa?

– Sim, foi um bicho alto, que usa calças que plantou essa caixa aí.

O senhor Lobo ficou ali, parado, olhando para cima daquela caixa estranha.

De repente, passou um pássaro todo colorido, era a dona Arara, e perguntou:

– O que foi, seu Lobo? Por que estás aí parado a olhar para essa caixa estranha?

– Estou com medo, dona Arara.

Respondeu o senhor Lobo:

– Medo?

– Sim, imagina se o bicho estranho volta e planta outras caixas dessas?

– O senhor tem **razão. Temos** que fazer alguma coisa.

E dona Arara saiu **dali** convocando todos da floresta para uma reunião, bem **debaixo** da dona árvore Jatobá.

Estavam ali dona Coruja, o senhor Morcego, o senhor Lobo, a dona Onça, os coelhos com seus filhotes, a dona e apressada Tartaruga que chegou atrasada, todas as formigas que ali moravam.

Todos juntos tiveram uma grande ideia. Se unir contra aquele monstro de roupas.

Pegaram uma planta que se chama cipó mágico e plantaram ali bem nos pés daquela caixa. De repente, esse cipó mágico foi subindo e aumentando sobre a caixa estranha e sumiu bem no meio da floresta.

Quando o bicho de calças chegou não encontrou a sua caixa. Ela tinha virado um amontoado de cipós verdes onde já moravam macacos... passarinhos...corujas e outros animais.

Neide O. dos Santos Ávila – Pedagoga/ Historiadora

O SAPO E A ONÇA

Um belo dia o senhor Sapo, foi para a lagoa tomar banho, colocou um som agradável.

Chuá...chuá...chuá...chuá
Chuá...chuá...chuá...chuá
Pic...poc...pic...poc...pic
Pic...poc...poc...poc...poc

E lá de longe, avistou dona Onça. Ela estava a caminho do riacho para beber água. De repente, ela ouviu aquela música e disse:

– Nossa!

– Quem será que está ouvindo esse som horrível?

– Que mau gosto!

Quando dona Onça foi aproximando-se do riacho, percebeu que o som era ali mesmo.

Parou... olhou para um lado, olhou para o outro e não avistou ninguém e Puff !!!desligou a música.

O senhor Sapo que havia mergulhado no riacho saiu rapidinho e disse:

– Quem foi que desligou minha canção?

Dona Onça, aproximando, disse:

– Fui eu! Então é você que está ouvindo esta canção horrível?

O senhor Sapo assustou-se muito e saiu correndo, ou melhor, saltitando rapidinho e esquecendo até a sua caixinha de som.

Dona Onça nem quis beber mais água e disse:

– Como pode isso? Sapo tomando banho na água limpa do riacho! E agora, como vou beber?

Neide O. dos Santos Ávila – Pedagoga/ Historiadora.

O CÉU CHUVOSO

Hoje, o dia amanheceu estranho!

O céu sempre acorda azul e está cinza, o vento, quase não nos visita, está passando e levando folhas e roupas do varal.

O que será que está acontecendo lá no céu?

Será que as nuvens estão de mal, umas com as outras?

Ou será que foram as estrelas que saíram à noite, e não estão conseguindo encontrar o caminho de casa?

A lua, nem mostrou seu rosto ontem à noite.

Vixe!

– E se o Sol estiver gripado?

De repente, o céu nos manda um recado, chorando a chuva no telhado!

Neide O. dos Santos Ávila – Pedagoga/ Historiadora.

SE PARECE COM QUEM?

Paula Oliveira Meireles para Samuel

Nasceu no dia 1º de abril
Meu segundo pedacinho do céu,
Mais um presente de Deus
Feito com seu delicado pincel.

Ele chegou!
Boquinha bem-feita,
Olhos pretos e brilhantes,
Cabelos ainda por crescer,
Pequenino e já encantador.

Assim que nasce um bebê,
Começam as indagações:
Se parece com quem?
São tantas sugestões.

O queixo da bisavó,
Nariz da titia,
Parece com um,
Puxou mais o outro.

Samuel, com quem se parece?
Com toda certeza se parece
Com um anjinho
Lá do céu!

E ELE ESTAVA LÁ…

Paula Oliveira Meireles

A fazenda de café no alto da serra, imponente, sobressaía no meio de tanto verde! No pé do vale, o tapete esmeralda se estendia a quilômetros, a perder de vista…

Na sede, uma agitação diferente movimentava a rotina do lugar geralmente pacato. Era a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira do lugar e que também dava nome à propriedade rural.

Nessas ocasiões, uma família de renome, que não era nada pequena, se reuniu para confraternizar e agradecer por mais um ano com saúde e cada vez com mais dinheiro.

A festa tradicional acontecia sempre de ano em ano, e era aguardada com ansiedade, principalmente pelos moços e moças na idade de se casarem. Era a oportunidade da paquera, da diversão e de conhecer gente nova. Era o tempo de compadres se encontrarem, afilhados reverem os padrinhos, era também chance de algum par se formar, "virar namoro".

A casa "fervia" de gente! Entre eles estava Ruy, um madurão, filho dos donos da fazenda, ricaço e cobiçado pelas moças "casadouras". Andava para lá e para cá aproveitando a agitação da festa; antes da reza que se anunciava próxima, quando, de repente, se encantou por uma moça.

Era Sílvia! Desde que a viu não deixou de fitá-la, ainda mais quando ela passou com seus pertences para o banho. Seus desejos de homem ficaram cada vez mais aguçados, atraídos pelo seu corpo em formação, sua boca rosada que lhe dava um toque sensual em seu rosto delicado. Sua mente se abriu às fantasias próprias de seu mau caráter.

Enquanto as badaladas do sino reuniam o povo na capela para a recitação do terço, Ruy arquitetava um plano. Conhecia tão bem a casa que sabia de cor e salteado os defeitos no telhado e suas aberturas por cima dos portais. Aproveitando, subiu até a fresta que dava para o banheiro, para sua sessão "voyeurismo" para se encantar com o corpo desnudo da moça que ele já antevia que seria belo.

O sol já se punha, estava escurecendo depressa e a posição não favorecia enxergar dentro do banheiro no ângulo que queria. Subiu mais um pouco, agarrou-se à cumeeira; então, seus olhos já estavam quase no ponto exato que queria. Aproximou-se mais da parede, encostou-se. Sim, parecia que agora daria tudo certo e se aproximava vagarosamente da pequena abertura. Mas, um escorpião que ocupava a mesma fresta escolhida por Ruy, e em atitude de defesa, grudou em seu nariz e desferiu-lhe uma dolorida ferroada!

Com um grito desesperado, despencou de lá de cima com o animal ainda pendurado em seu nariz!

Correria geral! Providenciaram, rápido, a metade de um ovo cozido (que é segredo da medicina popular para retirar o veneno) e o rapaz ficou ali a gemer de dor e de vergonha.

Na mesma hora, em frente ao "doentinho", abriu-se a porta do banheiro. A mocinha saiu sorridente e anunciou: "Fui apenas lavar os pés!"

MISTÉRIO DE UMA GOTA

Naqueles dias, todas as manhãs estavam angustiantes, pois ela sentia a solidão lhe incomodar. Após terminar as primeiras horas da manhã de mais um dia triste, ela rolou para o chão criando-se então em volta de si grossas camadas de poeira que a fazia sentir protegida de tudo e de todos.

Ao rolar terras afora, em lugares que não imaginaria estar, ela, surpreendentemente, encontrou abrigo e zelo de amizade; houve naquele instante um grande silêncio, logo depois o diálogo:

– Olá!

– Oi! Quem é você por traz desta densa camada de terra?

– Sou Gota, e você?

– Sou Jardim.

– De onde vem, Gota?

– Venho de um lugar de onde tudo se vê, mas poucos se sentem; venho de onde as alegrias podem andar lado a lado com a tristeza, onde repouso quase todas as noites, eu sou a gota de...

"Espere", interrompe-a o Jardim.

– Como você pode ser, o que diz, sendo apenas gota?

Houve novamente um silêncio misterioso, Gota sentiu que naquele momento havia encontrado um amigo, pois Jardim deixava a sinceridade transparecer em sua voz e a mansidão parecia ser sua lógica inseparável. E, a partir dali uma linda amizade começou a brilhar.

A Gota e o Jardim fecundaram-se, e as sementes daquela amizade começaram a germinar. Vieram pequenas folhas, e as flores cresciam de maneira diferente. Gota podia sentir o perfume das flores, o macio das folhas e o amparo do Jardim.

O Jardim podia sentir o frescor da Gota, a umidade do seu toque, alegria do seu ser e o sabor de sua existência.

Ambos se interagiram como se fossem um só corpo e possuíssem alma como o mesmo ser.

Em noite de lua clara e céu reluzente de estrelas, Gota pergunta para Jardim:

– Jardim?

– Sim, responde ele.

– Como você se completa, o que busca, qual o sentimento que traz consigo? O mistério pairou-se novamente...

– Jardim – insiste Gota:

– Quero entender seu mundo para melhor compreender o meu. Mas ele não se manifestou; ele permaneceu calado diante das expectativas de Gota e, naquele minuto, ela viu a porta do novo mundo se fechar para o seu.

Gota então pensou nas flores que juntos haviam cultivado, a saudade iria se fazer de sol ardente e murchá-las; a solidão iria se fazer calor sufocante e secá-las... Saindo ela, então cabisbaixa, pensando em voltar para o lugar de onde veio, se assim fosse possível; porém achou que, antes de tudo, deveria despedir-se daquele que a fizera conhecer a importância de uma vida diferente da sua, mas que cujos objetivos se assemelham a fim de conquistar a felicidade sem precisar dizer adeus.

Pensando assim, enlouquecida, Gota esmurrou o portão das muralhas de ciprestes verdes que se fizeram de cerca ao Jardim; e rolando novamente insiste:

– Jardim, por favor, permita-me, mesmo que seja por pouco tempo, fazer parte do seu mundo; no qual o perfume e a beleza repousam todas as noites...

Num repente, nota-se um grande sentimento de alívio e alegria envolvendo a Gota! A magia aconteceu, o Jardim havia sido aberto completamente, as tão pequenas folhas e perfumadas flores haviam reivindicado a presença de Gota; Jardim também sabia que seu mundo tornaria irreal sem a Gota. Assim, tudo floriu em seus sentimentos, não existiam mais diferenças, um fazia parte do outro, entendendo que o amor nunca morre, apenas dorme para um alerta maior.

Com o passar dos tempos, a Gota e o Jardim se tornaram imensamente fecundos, unidos e fortes; viviam um lindo caso, onde não precisavam de muito, ou quase nada, eles eram apenas felizes.

O Jardim se tornou mais rico de flores e frutos, pelo qual seu habitar se estendeu por veredas e montes, planaltos e planícies; e os ventos uivantes curvavam-se diante dele.

A Gota tornou-se mais brilhante e não tinha que rolar porque estava feliz, fazia parte daquele mundo onde o orvalho e as brisas vinham somar em múltiplas esperanças todas as noites e, no romper de cada manhã, a garantia do Jardim amado e amante, amigo e companheiro assegurava-lhe a certeza de um lar onde a Gota seria apenas Gota, aquela que veio completar-se em um só mundo, apenas em um único ser...

E desde então, alguém deixou de chorar. Porque naquele Jardim a Gota nunca mais foi uma **"Gota de Lágrima".**

Rosélica Moreira Rosa (Roseli)

PARA QUE PENSAR, SE TENHO CELULAR

O século XXI está, sem dúvida, marcado pelas diversas tecnologias das quais nos tornamos visivelmente dependentes; seja como ferramenta de trabalho ou entretenimento. Poderia enumerar várias, mas voltarei a atenção para aquela que venho chamando de companheiro inseparável. Cada vez mais sofisticado e, consequentemente, mais oneroso, ele comanda nossa vida; na Matemática, por exemplo, oferece a calculadora, serve também de despertador pela manhã para ir ao trabalho ou, até mesmo, para a escola, sem falar no GPS com imagens de mapas e vozes que indicam a direção. Com ele, temos, igualmente, uma agenda eficiente que nos avisar dos compromissos profissionais, sociais e datas comemorativas importantes. Como vivemos tanto tempo sem ele? Perguntam muitos.

Talvez não fora tão necessário em nossas vidas antes como hoje? Em outras épocas, teríamos que pensar. Além disso, não se liam os avisos como, ("Por favor, apaguem seus celulares"), em espaço como, por exemplo, cinema, hospitais, teatro, em agências bancárias etc. Assim, é esse aparelho incrivelmente "pensante" por nós mesmos! Segundo (Rene Descartes) "Penso logo existo". O que diria ele hoje? Tenho celular: logo existo? Sei lá eu…

Entretanto, não é preciso ser nenhum especialista para falar ou escrever sobre tal fenômeno; basta olhar de maneira reflexiva enquanto se caminha pelas ruas, ao tomar um coletivo, por exemplo, as pessoas se esbarram, porém não se olham umas para as outras, tampouco perdem tempo para uma breve saudação. Bom dia! Para quê? Se nós, os de ontem, já não somos os mesmos...

Diálogo familiar em um restaurante ou até mesmo em reuniões festivas já são coisas do passado! Agora é tempo de "tastear", sobretudo, quando estamos reunidos, seja em pequenos ou grandes grupos de amigos. Cada um, com seu aparelho a conversar com o outro que está, paradoxalmente, longe. Para isso, foi criado o WhatsApp, para aproximar quem está longe e distanciar quem está perto. Irônico, não?

Por meio do celular, qualquer pessoa, vale ressaltar que, independentemente de classe sócio intelectual, segue vagando como zumbis ao cruzar ruas e avenidas, paradas num semáforo tasteando sem se preocupar com o perigo iminente de sofrer ou provocar um acidente. Oh, tempos modernos! Bem-vindo seja o celular. Com ele, não preciso pensar. Não obstante, seguimos cegos e com o cérebro a "zumbinzar", mas guiados por essa maravilha.

Desse modo, "Temo em que um dia as tecnologias superem as interações humanas, o mundo terá uma geração de idiotas" (Albert Einstein).

Qual sua opinião sobre isso? Porque eu, não posso contestar... Tenho celular...

Nelci Rosa Moreira.

Pedagoga, Pós-graduada em Educação Especial e
Supervisão de Processos Educativos pela UNIVERSIDADE
DO VALE DO RIO DOS SINOS – Porto Alegre/RS

RESULTADO DO CONCURSO ARARA CANINDÉ

CATEGORIA: CORDEL

1º LUGAR

A MAIS BELA DE GOIÁS

Falarei neste cordel,
Sobre uma cidade espetacular,
Contarei sobre Morrinhos,
Também conhecida como a cidade do Pomar.
Povoado de se admirar,
Só de ouvir o nome, chego arrepiar!
No século XIX, Antônio veio de uma metrópole,
Esse mineirinho, foi quem fundou Morrinhos.
Um povoado simples e pequeno
Um lugar muito sereno.

Para Morrinhos, vieram paulistas e mineiros
Terras férteis era o que queriam mesmo!
Antes de ser cidade, era nosso pequeno povoado,
Um lugar encantado.
Naquela época conhecida como
Vila Nossa Senhora do Carmo.
E a Antônio Correa Bueno,
Nosso muito obrigado!
E como o tempo não fica parado,
Cantarei sobre a evolução para esta geração.

A mais bela de Goiás,
Tem várias belezas naturais
Acordar com o canto dos pássaros,
Dia de domingo passear no lago.
Uma cidade cheia de casais apaixonados...
Fazer uma visita no Cristo Redentor,
Que protege e guarda nossa cidade com amor!
E se quiser ficar mais perto da natureza
O parque ecológico é a solução do seu problema.
Temos também um maravilhoso cinema!

Temos um estádio, para você que gosta de esporte.
Vista-se com a camisa do seu time, torça e boa sorte!
Em 2016, recebemos a Tocha Olímpica,
Um momento de prestígio, uma cena muito linda!
Se o catolicismo é sua religião,
Vá para a igreja Nossa Senhora e São Sebastião,
Aproveite a missa, desfrute do momento e faça sua oração!
Não poderia deixar de falar das maravilhosas comidas,
Uma delícia, explosão de sabores, pois são feitas com paixão.
Não poderia deixar de falar do Museu,
De onde tirei inspiração para fazer esse cordel e ganhar seu coração!!!

Patrinny Isabhel de O. Correa – 9º B
Escola Celestino Filho

2º LUGAR

LOUVOR À MINHA TERRA

Peço ao meu Deus
Iluminação, vinda do Céu,
Porque escrever poesia
Esse é meu papel.
Falar um pouco da minha Morrinhos
Nesses meus versos de cordel.

Minha Morrinhos centenária,
Recanto de todo esplendor,
Sua história é de glória
E de grandiosíssimo valor.
Terra de Nossa senhora do Carmo
A mãe de Nosso Senhor.

Minha Morrinhos tem pomares,
Tem belezas naturais
Tem cultura, tem arte,
A minha Atenas de Goiás.
Terra de Maria Amabini
E de Hermengildo de Morais.

Morrinhos tem tanta história
Que não cabe numa novela,
E dentre todas as cidades
A minha é a mais bela.
Se Morrinhos fosse uma noiva
Eu iria me casar com ela.

Renner Inácio da Costa, 9º A
Escola Municipal Celestino Filho
Profª Kátia Reis

3º LUGAR

MORRINHOS E SUAS BELEZAS

Morrinhos, município de Goiás,
Com suas belezas e riquezas
Joias e grandezas.
Turistas vêm e não saem mais,
Por sua nobre beleza
Se tornam goianos com sua pureza.
Cafezinho de manhã
E um bolinho de gentileza.

Não é grande, mas é confortável
Fundada em 1845.
Esse município agricultor,
Sua terra é invejável,
Por ser muito fértil.
Agricultores lucram tanto,
Que dão glória à Mãe Gentil.

Com suas obras históricas:
Museu, Igreja e Cristo Redentor
A Deus clamor e glória
Pelas conquistas e vitórias.
Cidade bem segura,
É uma paz satisfatória.
Inveja se tem
Por sua extraordinária formosura.

Hisy Vitória Almeida Lopes – 7º A
Escola Municipal Celestino Filho

CATEGORIA: HAICAI

1º LUGAR

A chuva aparece
As araras agradecem
E as frutas crescem.

Maria de Souza Narcizo

2º LUGAR

Natureza é
a casa perfeita que
Deus fez para nós.

Samuel Souza Santos

3º LUGAR

Meu jardim

Quando passo por um jardim
Levo o cheiro
de jasmim!

Amanda Alves Fernandes

CATEGORIA: DESENHO

1º LUGAR

Mirella Costa Oliveira Amado

2º LUGAR

Ana Luísa Gonçalves

3º LUGAR

Ana Luiza Camargo da Silva

Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental, a Editora Gráfica/ Kelps, declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas não degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da
Editora Gráfica/ Kelps, no papel: Off-set 75g/m^2,
composto na fonte Minion Pro, corpos 8, 10, 12
Novembro, 2019

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor